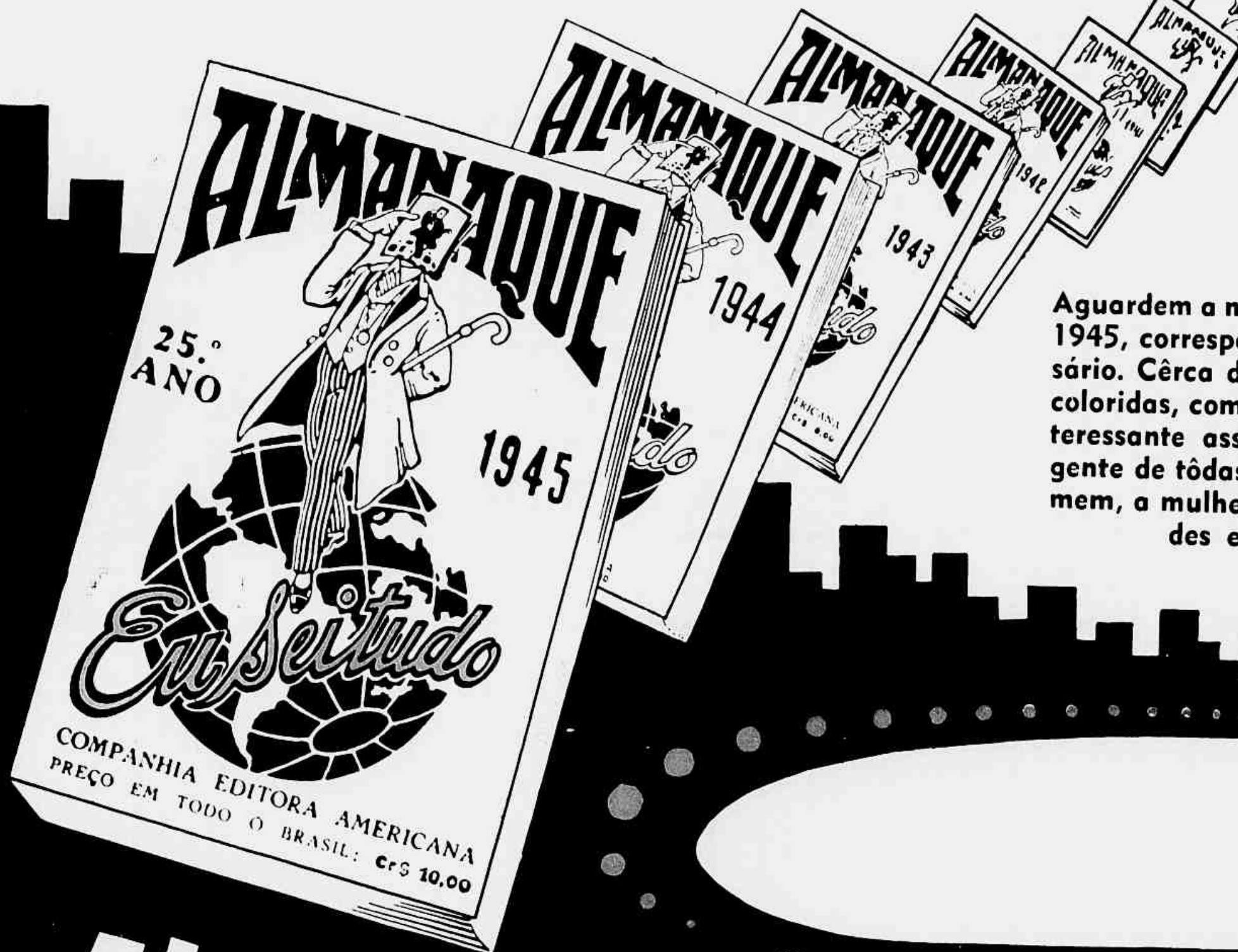


MANA

CR. 2
1,50
R\$ 1000
1944

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

UM DIA NA
PENITENCIARIA
DE SÃO PAULO
No Texto



Aguardem a maravilhosa edição para 1945, correspondente ao 25.º aniversário. Cerca de 300 páginas, muitas coloridas, com os mais variados e interessante assuntos. É leitura para gente de todas as classes; para o homem, a mulher e a criança das cidades e dos campos.

Almanaque EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITORA AMERICANA -- MARANGUAPE, 15 -- RIO

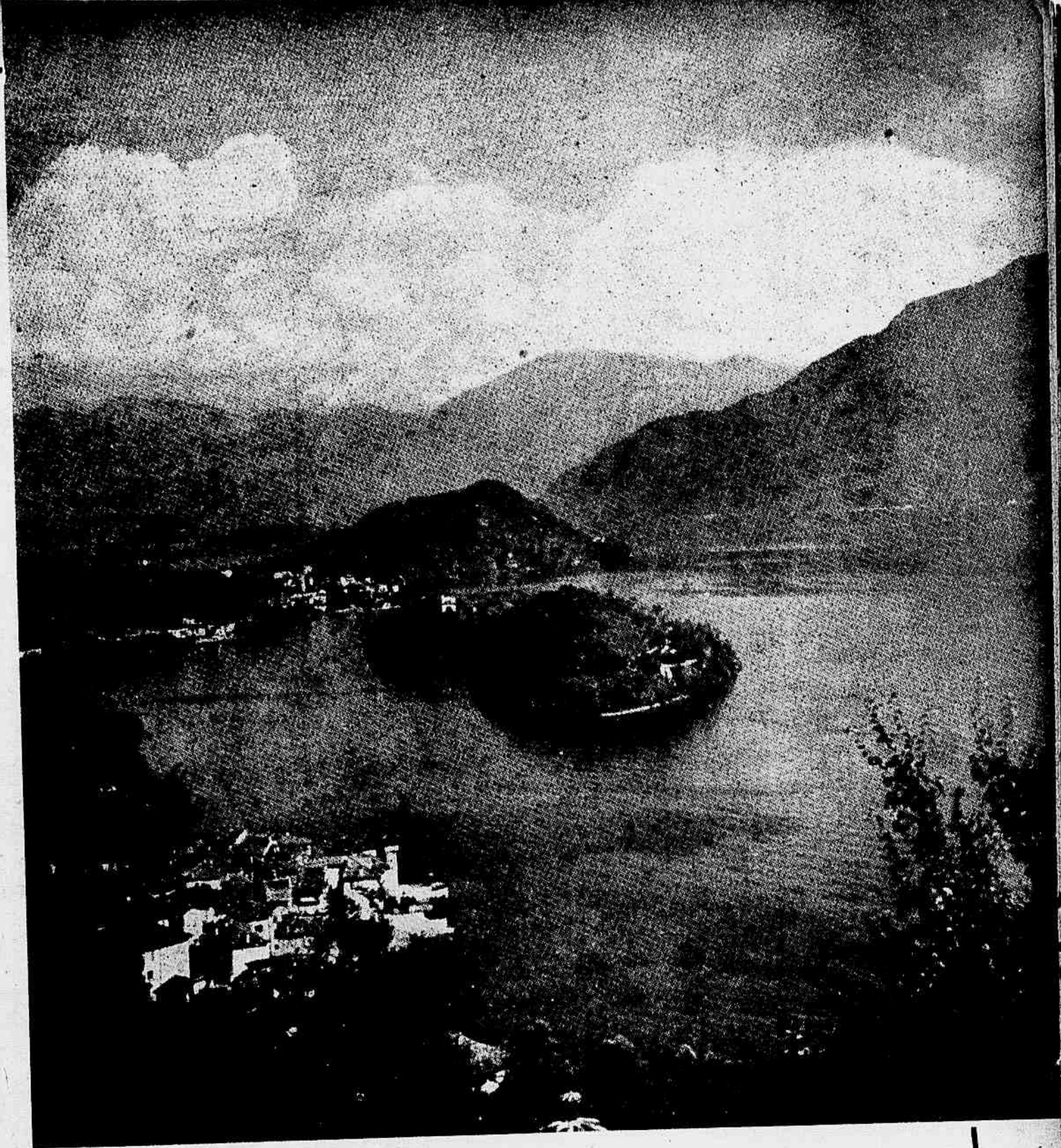
A ILHA

ELA devia existir. Não se imagina em vão. Não se deseja em vão. A esperança tem sempre, na terra, na água, no ar, um ponto de apóio. Devia existir a nossa ilha, a ilha do descanso, para viver com as alegrias abolidas nos continentes, para lembrar o tempo que perdeu o espaço e não encontrou a relatividade.

A ilha existe! Chama-se Comacina. É no lago de Como, perto daquela Tremezina bem amada de Stendhal. Pequena, com umas ruínas e todo o céu. Deserta há muitos séculos. Pertencia a Augusto Giuseppe Caprani, que morreu em 1919, e a legou ao rei Alberto, da Bélgica. O rei Alberto fez presente dela à Itália, pedindo à Itália que construísse ali um outro mundo — para os poetas, os músicos, os pintores — um outro mundo sem fantasmas, calmo, talvez um pouco melancólico, feliz.

Esse mundo não foi possível até agora. Será um dia. O que importa é saber que a ilha existe. E a ilha existe.

Enquanto não embarco para lá, vou me contentando com as noites de sábado, que são as ilhas das semanas. Nas noites de sábado, a gente adormece livre de pensar, no dia seguinte. E eis o sono da grande ventura!



Por acaso, hoje faz frio. Anda uma bruma longa sobre a cidade. Partí para o país da Menina de Neve. De volta, vim a me lembrar de outras alegrias tidas e perdidas que acabaram iguais:

"Abriram a janela para que a Menina de Neve visse sol. Então a Menina de Neve foi se sumindo, sumindo... Afinal, só ficaram umas gotas de água nas mãos que a seguravam"...

A Menina de Neve, e a outra, Branca, também de Neve, a Gata Borracheira, o Chapéusinho Vermelho, o Pequero Polegar.

— Se me contassem Pele de Burro, eu teria muito prazer... — disse La Fontaine.

Aquelas princesas, aqueles príncipes, as criaturas que enchiam o jardim da nossa infância, quedaram conosco, não envelheceram. Vão, dentro de nós, como chegaram por uma voz amada, quando não sabíamos os nomes das estrelas e o céu parecia mais bonito. Às vezes, em certos instantes, revemos as estradas, as florestas, os castelos, paisagens e construções por onde passamos, onde moramos. Quem imaginaria que a vida era de verdade — de verdade diferente?... Schcherazade ainda nos fala. E como temos desejado a Lampada Maravilhosa! Não há nada impossível: — foi a lição de Aladino.

A lição de Aladino me recorda o major Cidade.

O major Cidade, da Guarda Nacional, morava em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e possuía o Dicionário Português Etimológico, de Adolfo Coelho. Meu pai queria o Dicionário. Num domingo Ernesto Silva, dono da informação, nos levou à casa do major Cidade, para ver se era possível comprar o livro desejado.

Uma negrinha abriu a porta, mandou entrar:

— Dindinho já vem.

Em vez do Dindinho, o que veio foi um cheiro de banha no fogo. Bem depois,

no meio da fumaça, ele apareceu com um prato na mão, e no prato um bife com ovos:

— Desculpem a demora. Estava fazendo a comida do papai.

Ernesto Silva, que acompanhara o enterro do pai do major Cidade, perguntou espantado:

— Do papai?

— Sim. Ah! Você não sabe!

Contou: numa sessão, três dias após a desincarnação, o espírito do papai comunicou que ia se reincarnar no burro de dona Catarina, da chácara de frutas. Embora crente, quiz se convencer. Comprou o burro, e como o papai só gostava de bifes com ovos, ele mesmo frigiu o bife, estalou os ovos, foi levar o prato ao burro. O burro comeu:

— Era o papai!

— Sim...

— Venham vêr.

Fômos. Vimos. Deitado num barracão nos fundos da casa, o burro, de olhos languídos, saboreou o bife com ovos, lambeu o prato e a boca.

— Bom, papai?

Papai sacudiu a cabeça como quem diz:

— O'timo!

— Até logo.

Cumprimentámos também e seguimos o filho que, de tão satisfeito, não vendeu o Dicionário — deu.

Parece mentira, não parece?

Pois, em algum lugar do Japão, morreu, preso, um porco, no qual estava incarnado Buda! O telegrama acrescentava: "Vários sacerdotes budistas compareceram ao local afim de rezar o serviço fúnebre em homenagem ao morto".

No caso recente, o que admira não é que Buda escolhesse um porco para se incarnar — o que admira é que mesmo os deuses, nestes tempos, sejam obrigados a morrer na prisão...

E a propósito — quem estará incarnado em Hitler? Talvez um espírito de porco...



PENICILINA PARA A CARICATURA!

OS QUE NÃO SABEM FAZER CARICATURA CONTAM ANEDOTAS — A REAÇÃO À CARICATURA — “A PRIMEIRA CARICATURA POLÍTICA APARECEU COM A PRIMEIRA VIOLÊNCIA DOS PODEROSOS” — A FAMÍLIA DA CARICATURA ESTÁ PASSANDO MAL — ALVARUS PASSA EM REVISTA A CARICATURA BRASILEIRA HODIERNA — A EVOLUÇÃO DA CARICATURA — ARTE MODERNA E CLÁSSICA — OS FALSOS PINTORES E OS FALSOS CARICATURISTAS — CARICATURA FÍSICA E CARICATURA PSÍQUICA — “SEMPRE DESEJEI SER PINTOR” — AS FINALIDADES DA CARICATURA — A HISTÓRIA E A CARICATURA — OS BONECOS AMERICANOS — NÃO SOU CHICO XAVIER — J. CARLOS APRECIADO POR ALVARUS — WALT DISNEY E GRANDVILLE.

[Reportagem de *PAULO DE SALLES GUERRA* -- Fotos de Arnaldo Vieira

Na série de entrevistas que vimos publicando, onde procuramos focalizar a vida e a personalidade artística dos nossos mais conhecidos caricaturistas, não poderia deixar de figurar o nome de Alvaro Cotrim, o Alvarus cujos bonecos todos nós conhecemos e que aparecem ilustrando as páginas dos nossos jornais e revistas.

Esta série de palestras com os nossos artistas do lapis, em conjunto, tem em vista dar uma visão panorâmica da nossa caricatura contemporânea.

Em geral, não é possível dissociar o artista do homem, do chefe de família, do jornalista ou do funcionário. Eles estão entrosados um no outro, e quase sempre a vocação artística absorve completamente o homem.

E' sempre curioso vermos como vivem, como pensam e como falam estas pessoas que conhecemos apenas através de alguns traços rápidos, surpreendendo aspectos de pessoas e coisas que nos passam normalmente despercebidos.

Que papel desempenham esses caricaturistas na vida da cidade? Que importância têm eles? Como trabalham fora da sua arte?

São todas as perguntas que assallam a incorrigível curiosidade do reporter, curiosidade esta que, diga-se de passagem, vive em função da curiosidade do público.

Nós, jornalistas, somos curiosos profissionais. O público o é por instinto, sem um propósito deliberado.

E foi para satisfazer a curiosidade do público em torno dos artistas da cidade, aqueles que mantêm um contacto mais contínuo e prolongado com os seus admiradores, falando-lhes à inteligência ou ao coração diariamente, em verso, em prosa ou ainda nessa linguagem tão expressiva que é a caricatura, que resolvemos entrevistar Alvaro Cotrim.

A REVISTA DA SEMANA, nesta série de entrevistas, já apresentou Raul Pederneiras, Calixto, Guevara e J. Carlos.

Todos eles falaram sobre as suas vidas, a sua arte, revelaram as suas preferências artísticas e o seu modo de pensar, fizeram considerações gerais sobre as diversas correntes que agitam os nossos meios intelectuais e artísticos.

Aquêles que todos os dias faziam o seu expressivo comentário sobre as coisas da cidade e do mundo aparecem ao público falando como qualquer mortal, usando a nossa linguagem comum, também ao seu alcance, eles que só o faziam usando aquela outra linguagem do traço, que podemos compreender mas não podemos



ALVARUS DURANTE O DIA É APENAS UM FUNCIONÁRIO. EM CASA, TODO O TEMPO QUE NÃO DEDICA À FAMÍLIA, ELE O EMPREGA DESENHANDO OU LENDÔ. É UM GRANDE AMANTE DOS LIVROS E A SUA BIBLIOTECA É UM TESTEMUNHO DAS SUAS TENDÊNCIAS LITERÁRIAS. AQUI O VEMOS COM A SUA PRANCHETA, MOSTRANDO-NOS COMO SE FAZ COM RAPIDEZ UMA CARICATURA.

usar. E' verdade que, mesmo falando, eles estão fazendo **blague** e caricatura.

Todos nós temos um pouco de caricaturista. Os aspectos grotescos das coisas sérias ressaltam às vezes nitidamente. Na rua, nos ônibus, nos cinemas e até mesmo em casa estamos continuamente observando estes aspectos. Nós os sentimos mas não sabemos reproduzi-los para os outros.

E' isto o que fazem os caricaturistas. E quando vemos concretizados estes ângulos inesperados das pessoas e das coisas sentimos uma alegria enorme, como se fôssemos nós os autores da caricatura.

O homem da rua também faz a sua caricatura contando anedotas.

E' o próprio Alvarus que traduz este pensamento:

— A anedota é a caricatura daqueles que não sabem desenhar. Nunca vi tanto colega sóto na rua, sem lapis e sem papel. São os contadores de anedotas. Eles animam a vida da cidade, ridicularizam os homens públicos com esta arma terrível.

Já uma vez citei este pensamento que li nalguma parte: “O riso é eterno. Sempre se riu e rir-se-á sempre. Mesmo nas épocas mais sombrias que a humanidade

tem atravessado”. Até na morte encontra-se o grotesco. Holbein immortalizou este grotesco.

A REAÇÃO À CARICATURA

Entretanto, é preciso compartilhar um pouco do espírito do artista para admitir a caricatura. Há muita gente que não suporta ser caricaturado. E' natural. Eles pretendem esconder alguma coisa íntima que o caricaturista impiedosa e irreverentemente põe a nú.

— A diferença que existe entre um imbecil e um homem de espírito, diz Alvarus, reside no fato de que o imbecil sempre se irrita quando é caricaturado.

CARICATURA POLÍTICA

Se as profissões exercidas deixassem em quem as exerce algum estigma, alguma coisa capaz de diferenciá-lo dos outros seria fácil reconhecer em qualquer parte um caricaturista.

O leitor que já tenha visto na rua o Raul ou o Calixto insensivelmente terá voltado a cabeça e acompanhado com o olhar aquelas figuras singulares, parecendo pertencer a outro país ou mesmo a outro mundo.

Eles fazem questão de conservar o aspecto do seu tempo, trazendo para o nosso aquele chapelão de abas largas, aqueles bigodes à D. Quixote e aquela incrível sobrecasaca.

Com Alvarus e J. Carlos não se dá o mesmo. Passam inteiramente despercebidos numa multidão.

Podemos nos acotovelar com eles numa fila de ônibus sem perceber o risco que estamos correndo. Risco, sim, senhores, porque é sempre perigoso estar assim desprevenido perto de um caricaturista. Eles estudam as fisionomias humanas com um interesse profissional. E aí daquele cujos traços fisionômicos se prestarem para a malícia do lapis irreverente.

Os olhos dos caricaturistas descobrem coisas que os nossos nem de longe suspeitam. Não é apenas um nariz grande, um prognatismo que nos fazem modelos ideais.

— Muitas vezes, diz-nos Alvarus, as pessoas que se julgam menos caricaturáveis, porque o nariz não se presta, são justamente os nossos melhores modelos.

Alí na Caixa Econômica, na Rua D. Manoel, onde o fomos procurar, Alvarus é apenas um funcionário público, um chefe de seção como tantos outros.

(Continua na pag. 9)

Jockey Club Mundano

Continua, com o mesmo sucesso, a temporada oficial do "Turf" de 1944. Domingo ultimo, mais uma brilhante reunião realizou-se no Hipodromo da Gavea, com um programa de sensacionais carreiras que se desenrolaram ante o mais vivo entusiasmo da multidão que lotava todas as dependências do belo prado do Jockey Club Brasileiro. São deste *meeting* os aspectos fotográficos que aqui reproduzimos.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 14-10-944 -- N. 42

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9100 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

A Ilha (Alvaro Moreyra).....	3
Quatro Palavrinhas (Lillie Bock).....	15
Travessa do Senado 8 (Escagnolle Doria).....	18
Tio Florencio (José Mauro de Vasconcellos).....	31
O crime dos herdeiros cobiçosos (Ellery Queen).....	35
Livros Novos (J. L.).....	36/37

REPORTAGENS:

Penicilina para a caricatura! (Paulo Salles Guerra) A começar de.....	4
Jockey Club.....	6
Figuras e Fátos.....	13
Academicos "versus" Modernistas.....	19/22
Um dia na Penitenciária de São Paulo (Celestino Silveira).....	23/29
E o palhaço o que é?.....	30

FEMININAS:

Modelos.....	32/33
Nos Bastidores Femininos.....	34
Outros Modelos.....	44/50

CURIOSIDADE:

Você tem vocação para detective?.....	12
---------------------------------------	----

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
A Guerra em Marcha.....	16/17

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	14
"Charge" de Raul.....	48

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO E NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

"COVARDIA"

Por motivo de falta de espaço com que lutamos nesta edição, vemo-nos na contingência de privar os leitores de mais um capítulo da sensacional novela "Covardia", de autoria do escritor Berliet Junior, que tanto agrado vem registrando nas páginas desta revista. Leiam, no próximo número, "Covardia".

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Nossa Capa

Na série de grandes figuras cinematográficas, cuja divulgação vimos fazendo com tanto agrado em sucessivas capas desta revista, incluímos, hoje, Ginger Rogers, exclusiva da RKO-Rádio Pictures. Trata-se de uma querida e festejada "estrela" da tela, cujos desempenhos a consagraram de longa data, primeiro como simples bailarina, então "partenaire" do sapateador Fred Astaire, e depois na qualidade de comediante de primeira classe. Seus filmes despertam curiosidade invulgar do público, pois trata-se, realmente, de uma das mais completas e vitoriosas intérpretes dos mais delicados e complexos perfis femininos que Hollywood habitualmente apresenta.

Neste mesmo número, o leitor encontrará uma série de palpitantes reportagens: "Um dia na Penitenciária de São Paulo", realizada por Celestino Silveira; Outras curiosidades de Benjamin de Oliveira, por Paulo Salles Guerra; Academicos vs. Modernistas no Salão de Belas Artes e, finalmente, uma entrevista com o caricaturista Alvarus so-



bre o momento da caricatura universal. Além desse material, as seções de sempre, colaborações especiais, modas, noticiário ilustrado da guerra e as seções costumeiras, perfazem o sumário desta edição da REVISTA DA SEMANA

COPIAS HELIOGRAFICAS

Acaba de ser instalada à rua da Assembléa, 18-1.º andar s/3 nesta capital um laboratório industrial para a confecção de Cópias Heliográficas, sob a denominação de J. Lins & Cia. Ltda.

Obedecendo à direção do Dr. João

Lins Filho e do Sr. Acacio de Araújo Soares, pessoas de destaque na nossa sociedade, a nova firma, devidamente aparelhada para a exploração do ramo a que se destina, veio preencher uma grande lacuna no nosso meio.

Agradecemos a comunicação que nos foi enviada.

Não! VOCÊ NÃO É UM FRACASSADO de há muito você procura...

...descobrir um remédio para esse mal que o deprime moral e fisicamente perante a sociedade, CATUASE COMPOSTA é o remédio, preparado com um grande vegetal de nossa flora cujas propriedades estimulantes e vitalizadoras em combinação com o álcool da "Iolimbêia" e hormônios cerebral e testicular, agem rapidamente no combate à debilidade neuro-muscular e viril, astenia (fraqueza nervosa), desânimo... Não encontrando na sua farmácia, peça ao depositário. Caixa Postal, 1871 — São Paulo.



CATUASE COMPOSTA

a Semana em Revista

Wendel Wilkie



Nesta hora, no momento em que as nações unidas singram como uma grande frota os mares, procurando os portos da Paz e da Felicidade, num país que muita gente pensa ser utópico, não são muitos os timoneiros experimentados capazes de conduzir os navios através dos perigos do oceano, evitando os escolhos, e possuidores de uma orientação perfeita. As suas mãos firmes e o seu olhar penetrante, que vê muito mais longe que o nosso, torna-os homens preciosos, de cuja vida póde depender o futuro de todo o mundo.

Pilotos como Churchill, Stalin, Roosevelt ou Chiang Kai shek estão realizando uma das tarefas mais gigantescas que já foram confiadas a um punhado de homens esclarecidos e bem intencionados. As responsabilidades que pesam sobre os ombros desses homens seriam suficientes para esmagar um Hercules. Eles realizam a tarefa de um Atlas, suportando o peso do mundo convulsionado. Este esforço gigantesco para levar a cabo a mais formidável tarefa de que já foram encarregados os condutores de povos, qual seja a de planejar um mundo novo e unido, vem ceifando vidas preciosas antes que possam ver concretizados os resultados dos seus trabalhos.

Wendel Wilkie sempre se revelou um dos mais apaixonados defensores das liberdades e da democracia.

Homem de fibra e de iniciativa, já na sua atribulada infância revelava as qualidades que mais tarde o iriam apontar como candidato á presidência da república dos Estados Unidos da América do Norte.

Tendo sido localmente derrotado nas eleições que levaram Roosevelt á Casa Branca, mostrou a superioridade do seu espírito colocando-se á disposição do seu adversário.

Homem de atitudes desassombradas, criticava o que julgava errado e elogiava o que considerava certo, sem se preocupar com os proveitos ou as consequências desagradáveis que a sua atitude pudesse provocar.

Tomou claramente uma posição quando da entrada do seu país na guerra, mostrando os perigos da neutralidade.

Correu o mundo estudando os problemas dos países que lutavam, sintetizando a sua opinião no livro "Um Mundo Só". É este homem que morre inesperadamente quando mais necessária se tornava a sua colaboração para o planeamento do mundo de após guerra.

As reportagens da "Revista"



Temos, aqui dentro da REVISTA, bastantes motivos de satisfação pela maneira auspiciosa que as nossas grandes reportagens, oferecidas ao público, estão sendo recebidas. Agora mesmo o nosso redator incumbido de entrevistar Monteiro Lobato recebeu do autor de "Urupês" uma carta desvanecedora da qual extraímos estes períodos: "Vi a entrevista e assombrei-me. Sempre que dou entrevistas, tremo, porque digo uma coisa e sai outra, não só com a tendenciosa colaboração do reporter como da revisão — e a da REVISTA DA SEMANA está perfeita. Tudo o que eu disse, como eu disse e sem mil erros e passeis! Que alívio me foi ver aparecer o que eu disse!"

Na vespera, um vespertino havia publicado outra, mas que horrível, Celestino! Quanta bobagem enxertada, quanta desnaturação... Você me prestou um grande serviço (você e também o outro reporter): trucidaram com as duas entrevistas a possibilidade da minha entrada para a Academia. Quer dizer que vou continuar a viver em paz, graças a dois reporters: um excelente, finíssimo, que passarei daqui por diante a ter como o número um deste país, e outro horrível. O excelente e o horrível casaram-se e libertaram-me do espadim de cortar papel... — Como se vê, Monteiro Lobato confirma, ponto por ponto, tudo que aqui publicamos e nem pela cabeça de ninguém, sequer dos imortais, poderia passar a suposição de ter sido, aquela, uma reportagem apócrifa... Ao mesmo tempo, recebemos de Belo Horizonte um exemplar do semanário "Síntese", n.º 9 do ano 5.º, onde se fazem, autorisadamente, comentários á entrevista obtida, meses atrás, de Chico Xavier: "Lêramos noticiários sensatos como os de "O Globo" e da REVISTA DA SEMANA. Limitaram-se a expor o que viram, sem escandalizar, sem comentar. E outras referências lisonjeiras ali são feitas pelo diretor da publicação, o sr. Noraldino de Mello Castro. Mas há mais e melhor. Acatando a sugestão feita em nossas reportagens sobre Ouro Preto, a propósito da necessidade de transferir os despojos do Aleijadinho o de Marília para local mais apropriado que bem poderia ser o Museu da Inconfidência, a Sociedade dos Amigos de Ouro Preto depois de eleger sócio o nosso companheiro que ali esteve, mandou para os jornais uma nota do teor seguinte: "É pensamento da Sociedade dos Amigos de Ouro Preto do Rio de Janeiro proceder á trasladação para o Museu dos Inconfidentes, dos restos mortais do Aleijadinho e de Marília que se encontram ainda, na matriz de Antonio D'as daquela cidade. Possivelmente essa solenidade se efetuará com a presença dos excursionistas que prestarão, assim, tocante homenagem áqueles dois vultos do nosso passado. Nesse sentido vai a Sociedade entender-se com o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional".

Eis porque temos sobejas razões de satisfação pelo êxito de nossas mais recentes reportagens, feitas sem nenhum propósito de sensacionalismo mas, todas, presididas por um alevantado espírito de utilidade pública e esclarecimento geral.

O pão que o diabo não amassou



Sem precedentes e altamente revoltante o caso que os jornais andaram noticiando nestes últimos dias. Um certo manipulador de pão, da nossa praça, foi acusado do mais feio crime que se poderia perpetrar em nossos dias: desobediência aos preços tabelados pelas autoridades. Claro que um cavalheiro tão insolente merece castigo e castigo do bom. Pois, senhores, onde se viu quebrar o padrão dos preços e dar ao povo o alimento — base de cada dia, aquele que Jesus Cristo abençoou — por preço diferente! Ainda se o patife majorasse a tabela, como fazem tantos outros, vá lá. Se roubasse no peso, estaria certo. Mas nada d'isso aconteceu... O homensinho (miserável, "pilantra"!)

resolveu por conta própria vender o seu pão com um abatimento muito sensível dos preços da tabela e, com certeza, muito bem pensado, utilizando-se de quilos de mil gramas, o que não deixa de ser ainda mais ofensivo.

Denunciado pelas colegas, foi chamado a contas. E interpelado pelas autoridades, o padeiro — bandido! — admitiu que mesmo vendendo o seu produto por menos um cruzeiro em quilo auferia um lucro razoável. E como se julga um indivíduo honesto, de bons princípios — e os fins, ilustre comerciante? — não fez questão de aumento. Nem sequer se dispôs a obedecer os preços tabelados...

Ora, bem pensado, esse padeiro merece uma reprimenda em regra. Talvez alguns dias ou semanas de cadeia não lhe fiquem nada mal, para tomar juízo. Onde se viu um negociante desprezar a "chance" de enriquecer em curto espaço de tempo, abandonar a hipótese de se tornar um ilustre proprietário, senhor de um correr e casa com apartamentos nos subúrbios ou até em Copacabana, deixando "na mão" os demais padeiros! Ainda si o "típo" desobedecesse a tabela da Coordenação em sentido inverso, aumentando em vez de diminuir, nada teria porque ser recriminado. E, querendo reduzir alguma coisa, que reduzisse o peso, ora essa! No preço, nunca! Um padeiro nosso conhecido, fornecedor lá de casa, não se revoltou nem fez coro aos outros padeiros que ficaram sem dormir uma semana tomando conhecimento do fato. Nosso amigo e fornecedor limitou-se a considerar maluco o idiota que tão levemente se lembrou de ser honesto em uma hora destas, quando a honestidade está mais racionada que a carne, o leite e a água...

E foi ele que nos disse: — "Se está doido esse padeiro, que o mandem para o Hospício. Metam-no em uma camisa de força e fechem-lhe o estabelecimento... Si quizerem, poderei comprá-lo. E garanto que nunca mais a Coordenação será perturbada com denúncias desse jeito..."

Nós preferimos admitir outra hipótese. Quem sabe si o "boulanger" carioca não tem suas razões íntimas para baixar o preço do pão? Onde anda a "mulher do padeiro"? É bom saber, pelas dúvidas...

Contra a Mão



Entro a considerável aluvião de telegramas que nos chegam de todas as partes do mundo, comunicando os fatos mais decisivos para os destinos da humanidade, aqueles que serão as páginas mais sérias da sua história, chegam-nos de vez em quando fatos grotescos, curiosos ou simplesmente inofensivos, como se as agências telegráficas tivessem em vista amenizar um pouco a tensão dos leitores de jornais. Chega-nos esta semana, de Buenos Aires, um telegrama comunicando que na capital Argentina foi mudada a "mão". Lá, como em quasi todos os países da Europa, a mão era á esquerda, ao contrário da nossa que é á direita. Daí uma série de dificuldades e acidentes que surgiam para o turista brasileiro na grande cidade portenha: esbarrões na rua, quedas desastrosas dos veículos, mal entendidos, etc. etc.

O telegrama em questão não dá maiores esclarecimentos sobre a medida adotada.

Como terão os nossos amigos do sul recebido a inovação? Não é provável que um povo habituado a caminhar num sentido fique muito satisfeito com uma ordem de fazer o seu caminho em direção oposta. Não é assim tão simples a operação.

Afinal de contas o hábito é uma grande coisa. Passar tão bruscamente da esquerda para a direita, é coisa bem perigosa. Os argentinos têm mostrado certa teimosia em mudar as suas opiniões e o mesmo deve se passar quanto aos hábitos adquiridos.

E, se observarmos bem, chegaremos á conclusão de que não é assim tão sem importância esta mudança da esquerda para a direita na "Pátria Hermana".

Quando mais não seja, é de se imaginar que com essa mudança de mão os nossos amigos portenhos ficarão cheios de dedos.

Penicilina para a caricatura!

(Continuação da página 5),

Passou perto de nós, e nem mesmo de leve suspeitamos que se tratasse de um caricaturista.

Entretanto, logo que começamos a conversar, a sua palestra ágil, pontilhada de humor, fez-nos ver que não estávamos falando apenas com um funcionário público.

— Que pensa da caricatura política? perguntamos.

— Atualmente está reduzida a dois bonecos, um virado para o outro, debaixo dos quais se escreve uma legenda qualquer.

Entretanto, não resta dúvida de que a finalidade primordial da caricatura é a "charge política". Já tive ocasião de manifestar-me a propósito dizendo que a origem da caricatura, como quase todas as manifestações de arte, foi religiosa, social e política. Das três, a última foi a que deu mais cadeia...

— Que acha da caricatura atualmente?

— A família da caricatura está seriamente doente.

— Doente?

— Sim, senhor, gravemente enferma: intoxicação totalitária. Em alguns membros da família, o caso é mesmo seriíssimo.

— E acha que não há remédio para este mal?

— Não pode deixar de haver uma penicilina milagrosa qualquer. Ela existe e está por aí. A questão é ser encontrada.

— E quanto ao panorama da nossa caricatura?

— Temos entre nós alguns artistas do lapis que podem ombrear com os mais famosos do mundo. Quer que cite um nome? J. Carlos. Sou e sempre fui um admirador incondicional do J. Carlos. A sua modéstia tem no entanto impedido que ele seja conhecido como merece.

Já notou que a caricatura de J. Carlos não envelhece? Ela acompanha o tempo. Todos os fatos e acontecimentos do Rio nestes últimos tempos estão impressionantemente reproduzidos pelo seu lapis milagroso. Nele, a quantidade não prejudicou em nada a qualidade do desenho. Para mim ele reúne todas as qualidades de um grande caricaturista.

Entretanto, a admiração incondicional que tenho por J. Carlos não impede que reconheça o valor dos outros veteranos. Calixto e Raul Pederneiras são marcos da caricatura brasileira. Considero criminosos aqueles que, sob qualquer pretexto, atiram pedras na obra de Raul e Calixto. O seu trabalho é limpo e consciencioso. Fui discípulo de Raul na Faculdade de Direito e sempre alimentei por este veterano artista um grande respeito e admiração.

— Admite uma evolução na caricatura?

— A caricatura é uma arte como qualquer outra e como tal obedece a um "canon" artístico. O caricaturista deve procurar atingir a perfeição dentro do grotesco.

Entretanto, não admito caricatura moderna e antiga.

A caricatura vive dentro de sua época e é uma função da mesma. Quer um exemplo do que digo? A caricatura de J. Carlos.

— E no que se refere à arte?

— Também não admito essa história de arte moderna e clássica. Acho que todas as épocas têm o seu modernismo que será o clássico das épocas futuras. O modernismo de cada época é apenas uma reação contra a arte existente.

Muita gente, baseando-se nos falsos pintores e nos falsos artistas, faz uma idéia errada de arte moderna.

Há por aí muita coisa que se intitula pretensiosamente de pintura e que no entanto não passa de uma caricatura mal feita da pintura.

A pintura não é uma coisa que esteja ao alcance de qualquer um. Não se pode resolver pintar como se resolve fazer uma estação de águas. Os que não sabem pintar e teimam em ser pintores não passam de simples improvisadores e é a improvisação que desmoraliza o modernismo. A pintura moderna, meu amigo, chega muitas vezes a ser um caso de polícia.

E' preciso ter um grande lastro para poder se dar ao luxo de ser modernista. Portinari tem esse lastro e pode se dar a esse luxo. Não basta dizer: sou moderno ou sou antigo, e dasandar a fazer quadros. Pintura não é jogo de bicho.

— Nunca se dedicou à pintura?

— Sempre desejei ser pintor. Fiz algumas tentativas mas felizmente ainda em tempo cheguei à conclusão de que iria fazer em pintura apenas caricatura, e desisti. A minha verdadeira vocação é a caricatura. Prefiro ser um caricaturista passável a ser um pintor medíocre e saliente.

Não sou modernista nem clássico. Sou pela verdadeira pintura, independentemente do rótulo que lhe ponham o artista ou o público.

Em ambos os lados há valores entre nós: Portinari, Pearce Deane, Burle Marx, Clovis Graciano entre os que se dizem modernistas; entre os antigos, Bustamente, Manoel Santiago, Oswaldo Teixeira, Armando Pacheco e Jordão de Oliveira são nomes dignos de respeito. Isto não quer dizer que não haja outros. São apenas alguns dos que me lembro no momento.

Entre nós, essa questão de modernos e clássicos está sendo levada para o terreno das disputas futebolísticas.

Quando se descobre um valor, partidários de ambos os grupos procuram atraí-lo para engrossar as suas hostes: "Você é evidentemente um modernista! A sua pintura é clássica!". E muitas vezes, como o asno de Buridan, o pobre não sai do lugar, indeciso.

Hoje em dia os adeptos de ambas as escolas se arregimentam como verdadeiras caravanas de "torcidas" de futebol, acompanhando o seu clube favorito e fazendo as maiores loucuras pelos "jogadores". Muitas vezes há invasão de campo, como há pouco tempo em Belo Horizonte, onde a gilete funcionou.

Hoje em dia, entre nós, é tão arriscado ser juiz de uma exposição de arte como apitar uma partida de futebol.

Mas o essencial é ser um bom pintor, seja qual for a escola.

Entre nós há muitos falsos pintores, como há falsos caricaturistas.



ESSE NÃO É O CARICATURISTA ALVARUS. NESTE MOMENTO EM QUE O NOSSO FOTÓGRAFO O SURPREENDEU ELE É APENAS O ALVARO COTRIM, DESCANÇANDO EM CASA, EM COMPANHIA DA SUA SENHORA E DAS SUAS DUAS FILHINHAS MARITA E MARISA. ALVARUS TEM UMA GRANDE PAIXÃO PELA SUA ARTE, MAS TALVEZ ESTES SEJAM OS MOMENTOS EM QUE SE SENTE MAIS FELIZ.

É MUITO NATURAL A FELICIDADE DO NOSSO ENTREVISTADO NO SEU LAR, COM DUAS FILHINHAS COMO AS QUE TEM. ELAS SÃO TALVEZ AS MAIS ENTUSIASMADAS "FANS" DO PAPAI. SEMPRE QUE PODEM AJUDAR-NO NO SEU TRABALHO. NA CAPA DO ALBUM DE ALVARUS MARISA DEMONSTROU AS SUAS HABILIDADES, FAZENDO ALGUNS BONECOS. FILHINHA DE PEIXE...





EIS AQUI UM DOS TRABALHOS DE ALVARO COTRIM. TODA A MALÍCIA E SEGURANÇA DO LÁPIS DO NOSSO ENTREVISTADO ESTÃO AÍ. OS LEITORES CONSEGUEM IDENTIFICAR AS "VÍTIMAS"? POIS ELAS ESTÃO MAIS QUE TRANSPARENTES NOS TRAÇOS RÁPIDOS DO ARTISTA.

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA, A GRANDE DECLAMADORA PATRÍCIA, APARECE AQUI NUMA CHARGE DE ALVARUS. A ASSISTÊNCIA É COMPOSTA DE FIGURAS CONHECIDÍSSIMAS DE TODOS NÓS. LÁ ESTÃO CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, FILINTO DE ALMEIDA, JOÃO NEVES E OUTROS.



Os falsos caricaturistas são os desenhadores de bonecos.

Muitas vezes a semelhança é sacrificada em benefício de uma atitude. Isso é um erro.

Fazer caricatura não é coisa tão simples como pode parecer.

Não basta exagerar os traços do caricaturado. O caricaturista revela aquilo que os outros não podem ver. Um estado de espírito, um modo de ser, são indiscretamente mostrados pelo lapis. E' por isso que muita gente não gosta de ser caricaturada...

A verdadeira caricatura não deve ter a preocupação de provocar o riso. Isto é secundário.

A atitude do caricaturado, a semelhança física, devem ser a preocupação do artista. O essencial é a semelhança psíquica. Pode-se distinguir essas duas espécies de caricatura: a física e a psíquica. A primeira não apresenta nada de notável. E' a idéia de exagerar o grotesco, dominando o caricaturista.

Muitas vezes é preciso conviver com a pessoa que se deseja caricaturar para chegar a um resultado. Tenho feito verdadeiras perseguições às vítimas do meu lapis. Sigo-os ao restaurante, ao trabalho, acompanho-os na rua. E' verdade que me arrisco, mas não há outro remédio.

Quase sempre, as melhores caricaturas são as que se fazem de cóp, e não as que são feitas diante do modelo.

A inspiração aparece quando menos se espera, nos momentos menos oportunos.

Quantas vezes, tenho me levantado da cama de madrugada, para rabiscar num papel uma idéia que me surge inesperadamente. Aquilo é o resultado de um longo trabalho do subconsciente. Mas não vá confundir: esta inspiração é coisa perfeitamente natural num caricaturista como em qualquer outro gênero artístico. Não recebo nenhum espírito de "além túmulo". Não sou "Chico Xavier".

Aliás, a caricatura exige uma vocação espontânea. Caricatura não se aprende. Pode-se aprender a fazer bonecos. Isto é apenas uma questão de estudo e de paciência.

— Sempre teve vocação para caricaturista?

— Desde criança. Tenho acompanhado a história da caricatura, tenho lido tudo que posso a respeito. Porque é preciso que se note: não basta a vocação. Para ser um verdadeiro caricaturista é preciso muito trabalho, muito esforço, muita perseverança.

— Na sua opinião, quais as finalidades da caricatura?

— De um modo geral, a caricatura tem finalidades sociais. Entretanto, ela faz também a história. E' possível acompanhar a evolução de um povo e de uma época exclusivamente pela caricatura.

A história de Napoleão é muito mais verdadeira através da obra de Gilray e Rowlandson, como a de Luiz Felipe e Carlos X focalizada pelo lapis genial de Daumier e seus companheiros do "Charivari" do que nos compêndios.

O mesmo acontece com a "Abolição", que está toda escrita nos desenhos de Angelo Agostini.

Mais recentemente, aqui dentro de casa, a história da Revolução de 30, e sua preparação psicológica, está grafada ou antes escrita nos jornais da época através da obra dos caricaturistas.

Não podia deixar de haver em nossa caricatura, uma influência estrangeira. De início essa influência veio de Fleiss, de Angelo Agostini e especialmente dos portugueses, com Bordalo Pinheiro e Julião Machado. Entretanto, a caricatura brasileira já atingiu a sua plena emancipação. Atualmente temos a nossa caricatura.

Não podíamos deixar de perguntar a Alvarus sua opinião sobre Walt Disney. Nas entrevistas anteriores, os caricaturistas patricios se haviam manifestado de modos diversos sobre o criador do Camondongo Mickey e do Pato Donald.

— Neste particular, sou da opinião da grande maioria dos meus colegas. Não se pode deixar de admirar o gênio de Walt Disney. E' um grande criador, mas sobretudo um homem com extraordinária capacidade técnica e um grande tino administrativo.

Entretanto, pode-se repetir aqui a frase bíblica que é quase um lugar comum: "nihil novi sub sole". O desenho animado já existia, ou melhor, a "humanização" dos animais no desenho. Seu inventor foi Grandville, nas suas obras: "Metamorphoses du jour" e "Moeurs des animaux". Aquela expressão humana dos bichos de Walt Disney aparecem nessas obras do grande artista francês. Note que eu não contesto o valor e o gênio de Disney, mesmo porque isto não seria possível.

— Teve ocasião de falar com Disney quando da sua passagem pelo Rio?

— Como os meus outros colegas, fui apresentado a Walt Disney no almôço que lhe foi oferecido no Itamaraty. Não entendi nada do que falou pois não sei inglês e ele não sabe português. Entretanto compreendemo-nos nesta linguagem universal que é o desenho.

— Como se manifestou sobre os nossos caricaturistas?

— Posso lhe dar um detalhe muito expressivo. Organizou-se um **panneau** com os trabalhos de todos os caricaturistas. Enquanto os secretários de Disney conversavam conosco, Disney, destacando-se do grupo, ficou diante dos desenhos de J. Carlos. Pude observar o interesse que o papagaio do nosso caricaturista despertou no americano. Para mim, o "louro" de J. Carlos é de fato superior ao de Disney. E muito mais brasileiro. Disney conseguiu muito com os seus bichos. Agora está faltando apenas conseguir dar alma aos seus desenhos humanos. Mas isto é tarefa que compete apenas a Deus...

BRUCUTÚ E CIA.

Queríamos saber a opinião de Alvarus sobre os caricaturistas e desenhistas americanos, principalmente desses que conhecemos pelos bonecos que diariamente apa-

recem nos rodapés de todos os nossos jornais.

Brucutú e seus amigos tiveram realmente aceitação entre nós. Num instante eles invadiram os nossos jornais. Publicações infantis dedicam a eles todas as suas páginas.

Os bonecos brasileiros vão desaparecendo timidamente, se encolhendo nos cantos, cedendo lugar para os novos.

Qual o segredo da vitória dos bonecos americanos?

Por onde andam os caricaturistas e desenhistas brasileiros que fizeram companhia à nossa infância?

Jujuba, Chiquinho, Benjamin, Cartola, toda aquela gente que alegrou a nossa infância ficou relegada para segundo plano. Atualmente o Homem de Aço, o Brucutú, o Fantasma Voador (espero que eles nos permitam essa intimidade), com os seus músculos de aço, as suas aventuras incríveis, são os vencedores.

— A propósito dos desenhos americanos — disse Alvarus quando pedimos a sua opinião — li as declarações de J. Carlos e acho que ele esgotou o assunto.

Não adotarei entretanto a mesma atitude do meu amigo. Ele disse que retiraria o seu "pangaré" do páreo porque não podia concorrer com puros-sangues. Mais uma vez a técnica e a indústria "abafaram". Não é possível fazer concorrência à organização dessas verdadeiras fábricas de caricaturas e de desenhos montadas na grande república do norte. Mas o meu cavalo, eu não o retirarei. Pode ser que ele não tenha a classe dos americanos, entretanto o meu animal não é de corrida. É um saltador de obstáculos...

Atualmente a nossa caricatura está limitada ao retrato pessoal, ao **portrait charge**.

Não sou um saudosista, meu amigo, mas prefiro os nossos desenhos antigos, as nossas velhas revistas infantis. J. Carlos divertiu instruindo.

O mesmo fizeram J. Campos e Belmonte com as suas ilustrações para as crianças.

Pelo menos estas não eram prejudiciais, ao passo que as atuais histórias infantis o são.

Heróis impossíveis com aventuras fantásticas perturbam as imaginações das crianças.

O que essas historietas de jornais apresentam é sempre a vitória da força bruta ou do dinheiro.

Se você teve o cuidado de observar o fundo dessas historietas de rodapé, deve ter notado que em última análise elas são uma apologia da força bruta e do poder do dinheiro.

Provavelmente você já teve ocasião de ler aquela sátira admirável de Papini que é o "Gog". Gog é o selvagem milionário, enfadado da vida e do mundo e que resolve comprar o prazer e a felicidade com os seus milhões. Tudo inutilmente, está claro, pois nem uma coisa nem outra dependem de dinheiro. Pois bem, aquele comendador que durante algum tempo apareceu no rodapé de um vespertino, milionário e estúpido, é uma repetição de Gog.

Poppeye e o Comendador formam uma síntese perfeita da vitória da força bruta e do dinheiro.

O muro de Poppeye produz nos queixos do adversário os mesmos resultados que todos nós desejávamos produzíssemos nos nossos nos queixos dos nossos inimigos.

NO SEU "ATELIER" DE TRABALHO, ALVARUS DEVE ESTAR "MALTRATANDO" ALGUÉM. DA PONTA DESTE PINCEL ESTÁ PENDENTE ALGUMA FISIONOMIA QUE NOS SERÁ REVELADA DE MODO DIFERENTE ATRAVÉS DE ALGUNS TRAÇOS NO PAPEL. SEREMOS NÓS? É SEMPRE PRUDENTE SER AMIGO DOS CARICATURISTAS.

O dinheiro do Comendador compra todas as coisas impossíveis que desejaria poder comprar.

Se a reunião desses dois personagens simbolizasse um tipo humano este não seria nada digno de servir de exemplo para as crianças.

São assim os heróis das historietas em quadrinhos.

E as heroínas? Estas então são um caso muito mais grave. Há nelas, sempre, uma nota de sensualidade excitante. Apresentam-se com os vestidos sobre a pele, num *déshabillé* indecente.

Elas vão plasmar as futuras eleitas dos

nossos filhos, que se habituarão a ver nelas o tipo ideal de mulher, as amadas dos seus heróis.

Não será preciso dizer o mal que tudo isto está fazendo à imaginação das crianças, já tão excitadas pela atmosfera do mundo.

Entretanto, como poderemos lutar contra isso? J. Carlos mostrou por que estes desenhos conseguem vencer. Tudo é uma questão de capital. Quando eles chegam às nossas revistas e jornais já percorreram o mundo e deram aos seus autores milhares de dólares.

Não chegarei no entanto a negar o va-

lor desses desenhos sob o ponto de vista artístico. Os artistas americanos desenhavam de verdade.

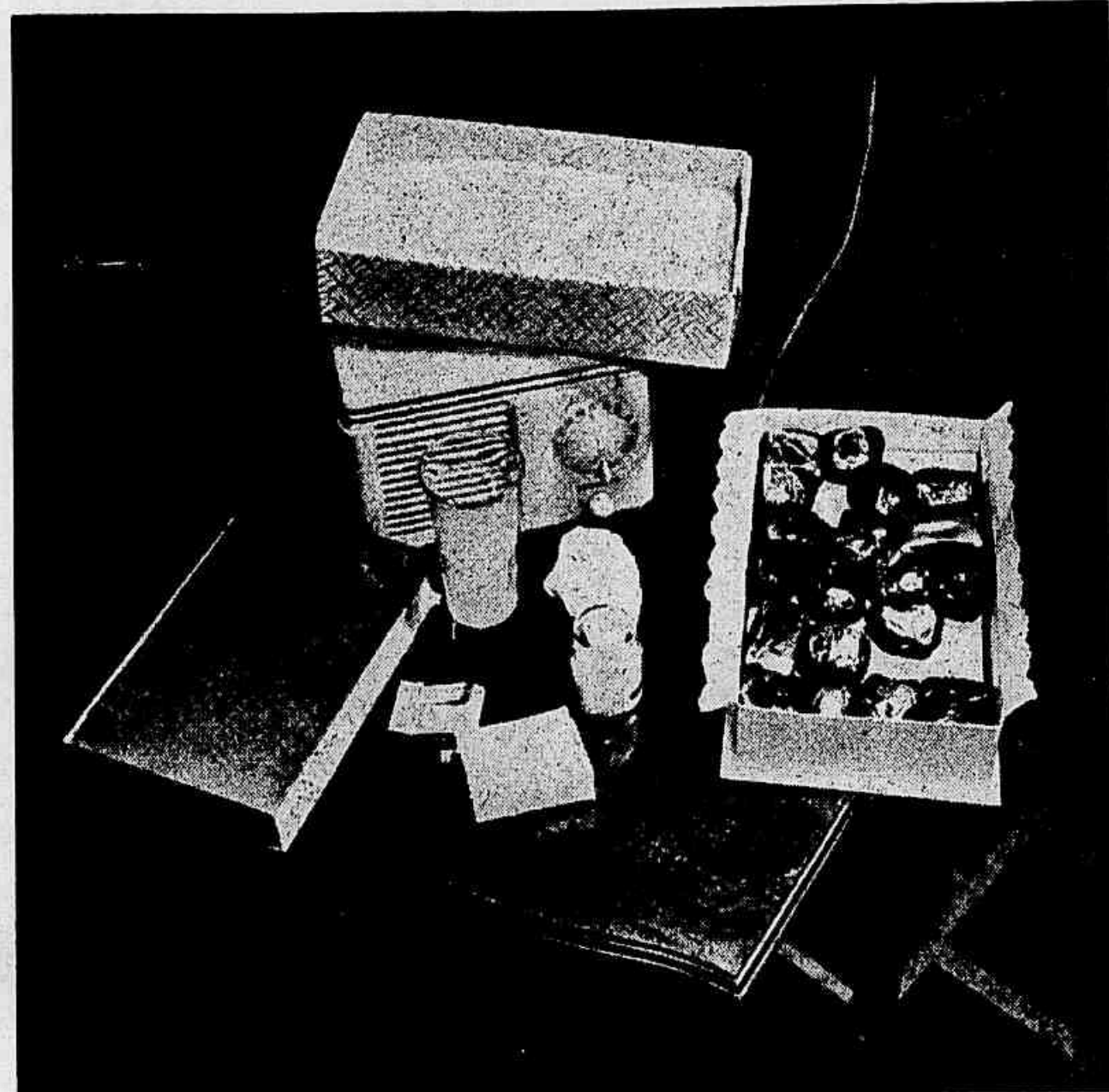
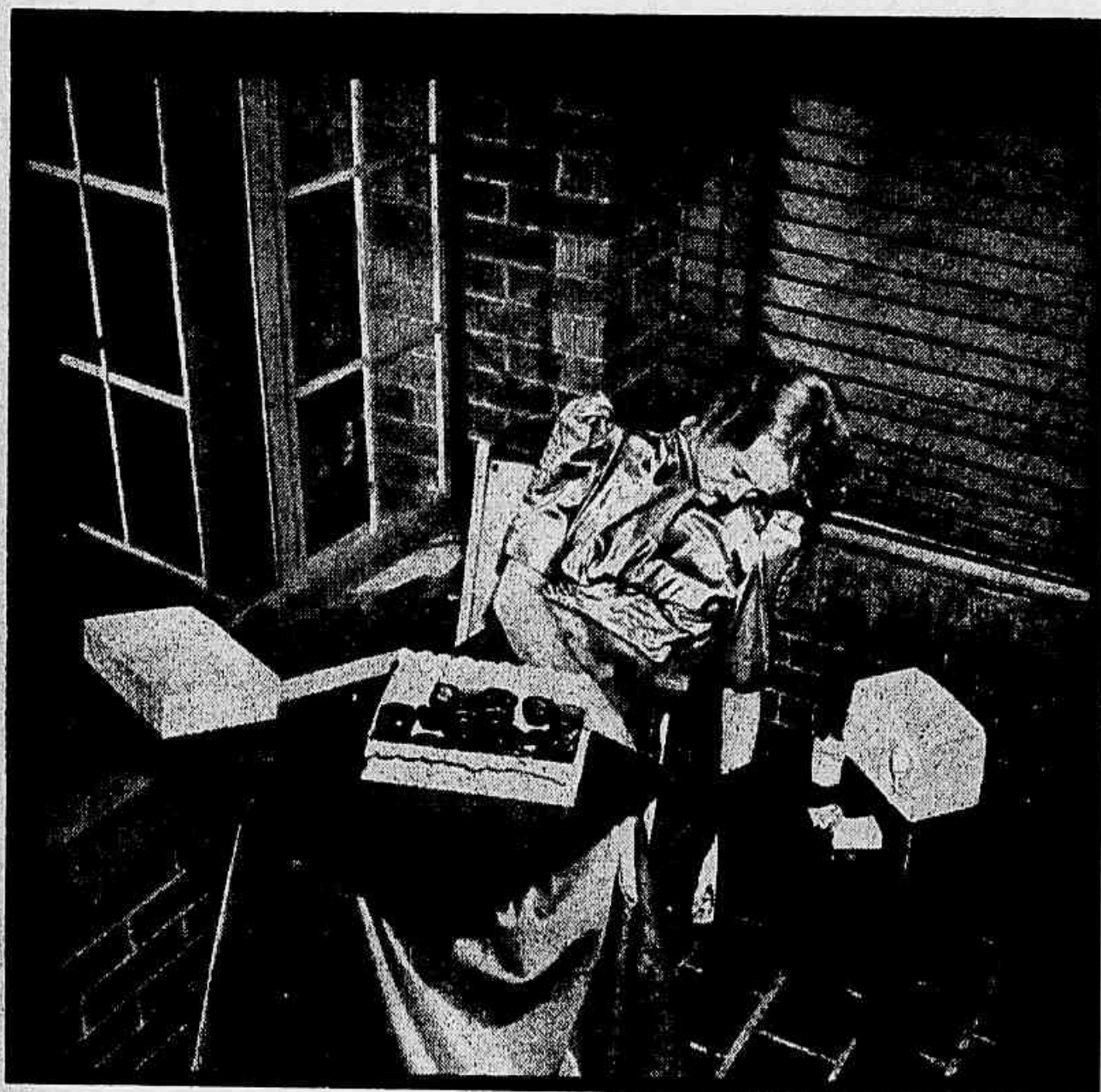
Repare que eu não me sinto absolutamente prejudicado pela concorrência. Não me dedico ao gênero. Como já disse, estou fazendo apenas **portrait charge**. Este "apenas" não quer dizer que seja coisa fácil. Há caricaturas mais difíceis de fazer do que um quadro para o *salon*.

Mas as circunstâncias não dão margem a vãos mais amplos na minha arte. Aguardemos a penicilina.



Você tem vocação para detective?

O CRIME DOS BOMBONS



1 A rica Viola Marsh, casada com o químico George Marsh, estava morta na sua cadeira de invalida. Na bandeja que estava em seu colo havia um livro e uma caixa de bombons embrulhados em papel de estanho, onde estavam faltando seis. Num lado estava um copo de suco de ananás. O dr. Rolfe, médico de Viola, chamou o inspetor Cobb, dizendo suspeitar de envenenamento. Investigando no compartimento, não encontrou nenhuma pista. Do bolso de Viola, Hannibal tirou.

2 ...um lenço e saís de cheiro. Os objetos que aparecem acima foram os únicos encontrados no apartamento. Em nenhum deles havia vestígios de veneno. Marsh disse a Cobb que ele mesmo trouxera o chocolate para Viola — um presente de sua prima Mona Marr. Até cerca de quatro horas daquela tarde, pouco antes de George sair de casa, ela comera três bombons. Quando Marsh voltou, às cinco horas, mais três haviam desaparecido e Viola estava morta.



3 O dr. Rolfe contou a Cobb (enquanto este olhava uma fotografia de Mona com a qual Viola marcava o livro), que o casamento de Viola com Marsh, quatro anos atrás, atormentou Mona, também apaixonada por ele. Mona, que atravessava uma fase de penúria, soube ser intenção de Viola deixar-lhe Cr\$ 400,000,00.

4 Desesperada pelo dinheiro, Mona simulando uma reconciliação, pediu o conselho de Marsh e resolveram ambos que esta devia mandar a Viola os seus bombons favoritos. Interrogada, Mona disse ter chegado á casa de Marsh ás 5.05, quando Marsh estava chamando o médico.

5 Cobb interrogou Mona: — "Foi este o doce que mandou"? Mona: — "Foi. Mas eu não envenenei Viola". Cobb: "Mas não foi ela quem se envenenou". Cobb prendeu um deles por assassinato. A quem prendeu? Por que? Veja a solução no próximo número.



LETICIA DE FIGUEIREDO, TALENTOSA CANTORA E COMPOSITORA, NO SEU ÚLTIMO RECITAL NA ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA.

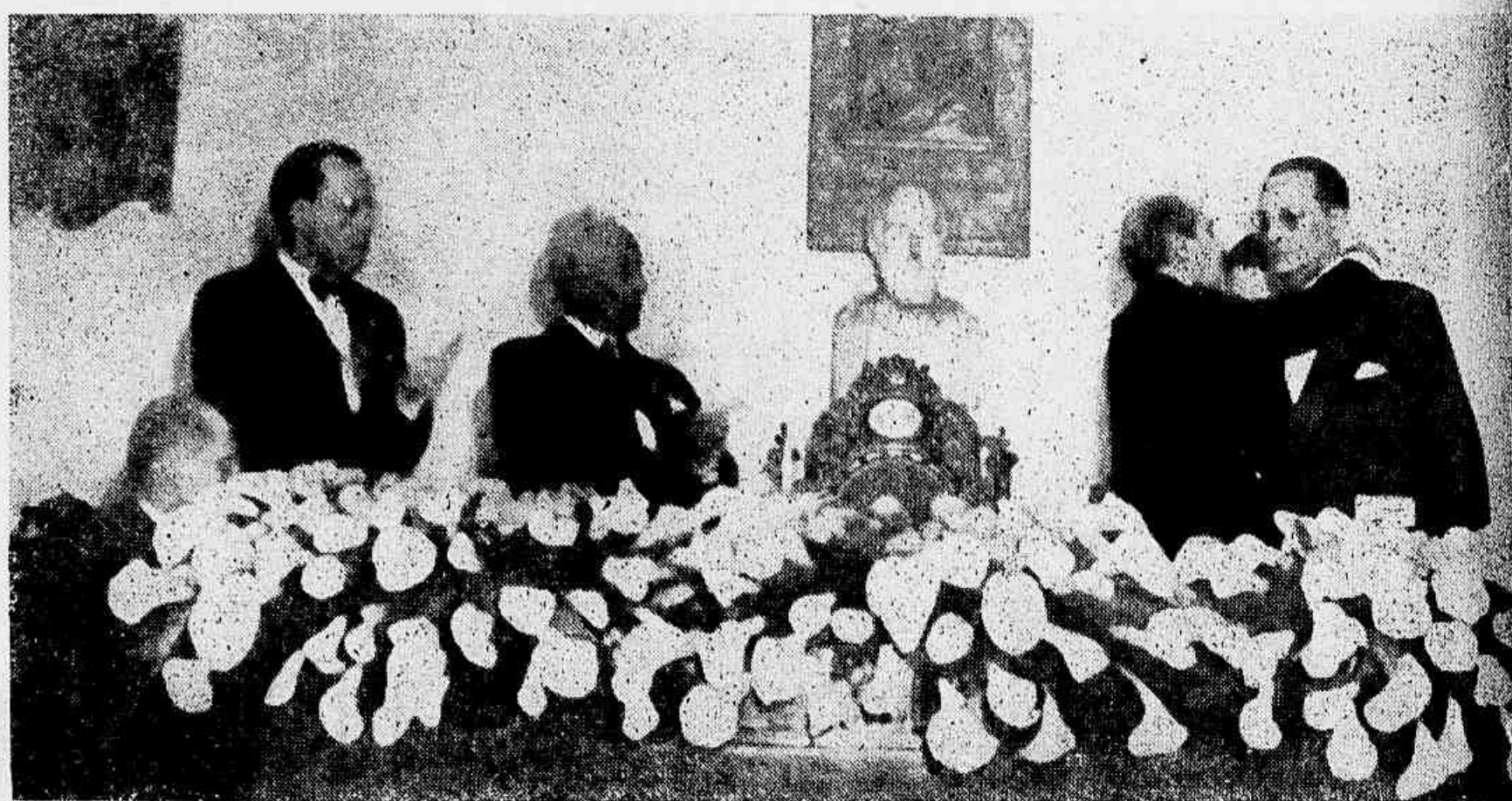


PROFESSORA LUBÍLIA BRANDÃO, FESTEJADA PIANISTA QUE HOJE À NOITE REALISARÁ, NO TEATRO MUNICIPAL, UM CONCERTO. DO PROGRAMA CONSTAM BACH-LISZT, CHOPIN, DEBUSSY, OSWALD, LISZT-BUSONI E BEETHOVEN. A ORQUESTRA TERÁ A REGÊNCIA DO MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO.

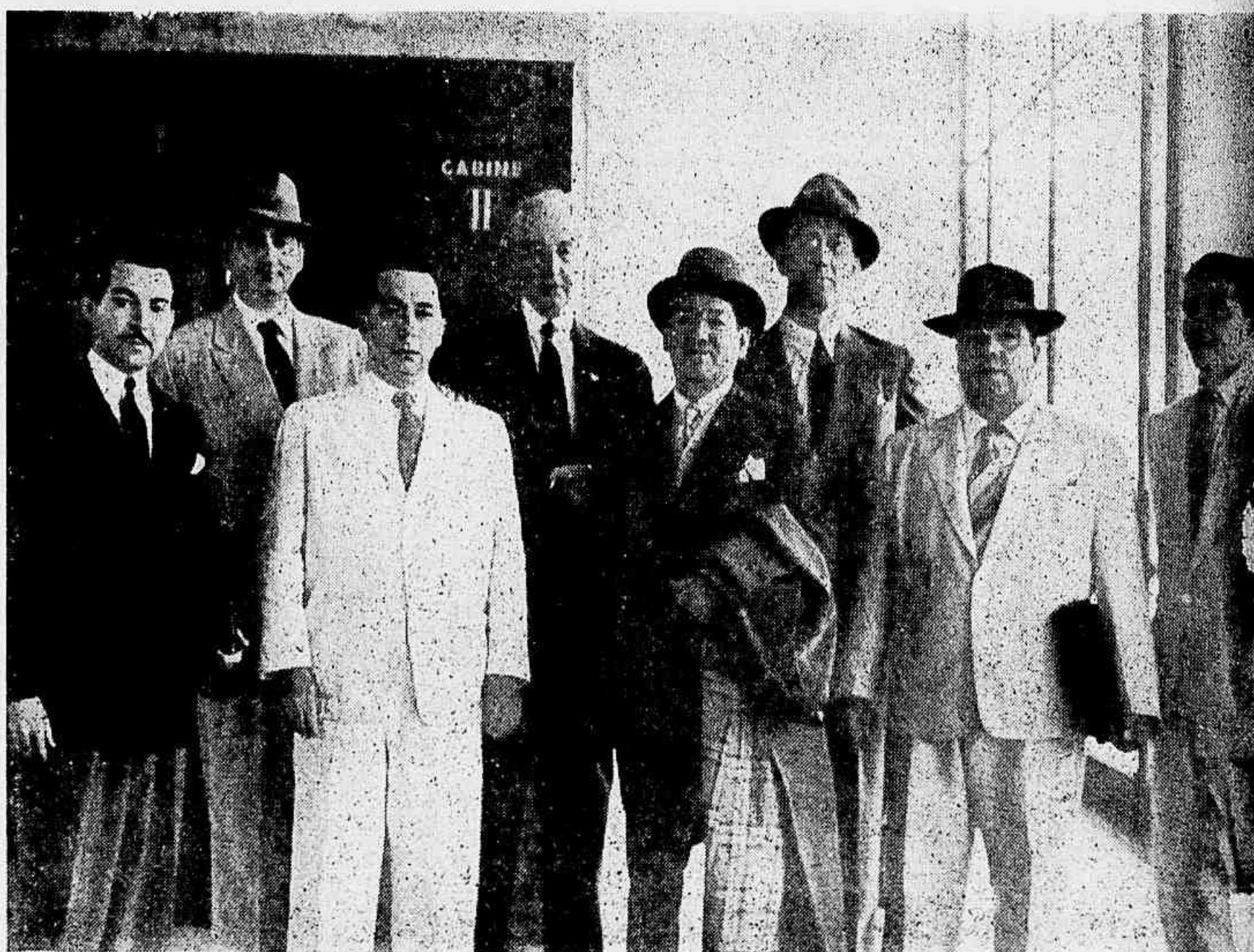
FIGURAS E FATOS



FLAGRANTE OBTIDO NO INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL, POR OCASIÃO DA VISITA DA ESCOLA TÉCNICA DE SERVIÇO SOCIAL, COMPOSTA DA DIRETORA, SRA. TERESITA PORTO DA SILVEIRA, DO PROFESSOR DE DIREITO SOCIAL FRANCISCO GALVÃO E ALUNOS DE VÁRIAS SÉRIES. ANTES, REALISOU-SE UM ALMOÇO TENDO A DIREÇÃO DA E. T. DE S. SOCIAL AGRADECIDO AS HOMENAGENS DESSA MAGNÍFICA ORGANIZAÇÃO PARAESTATAL.



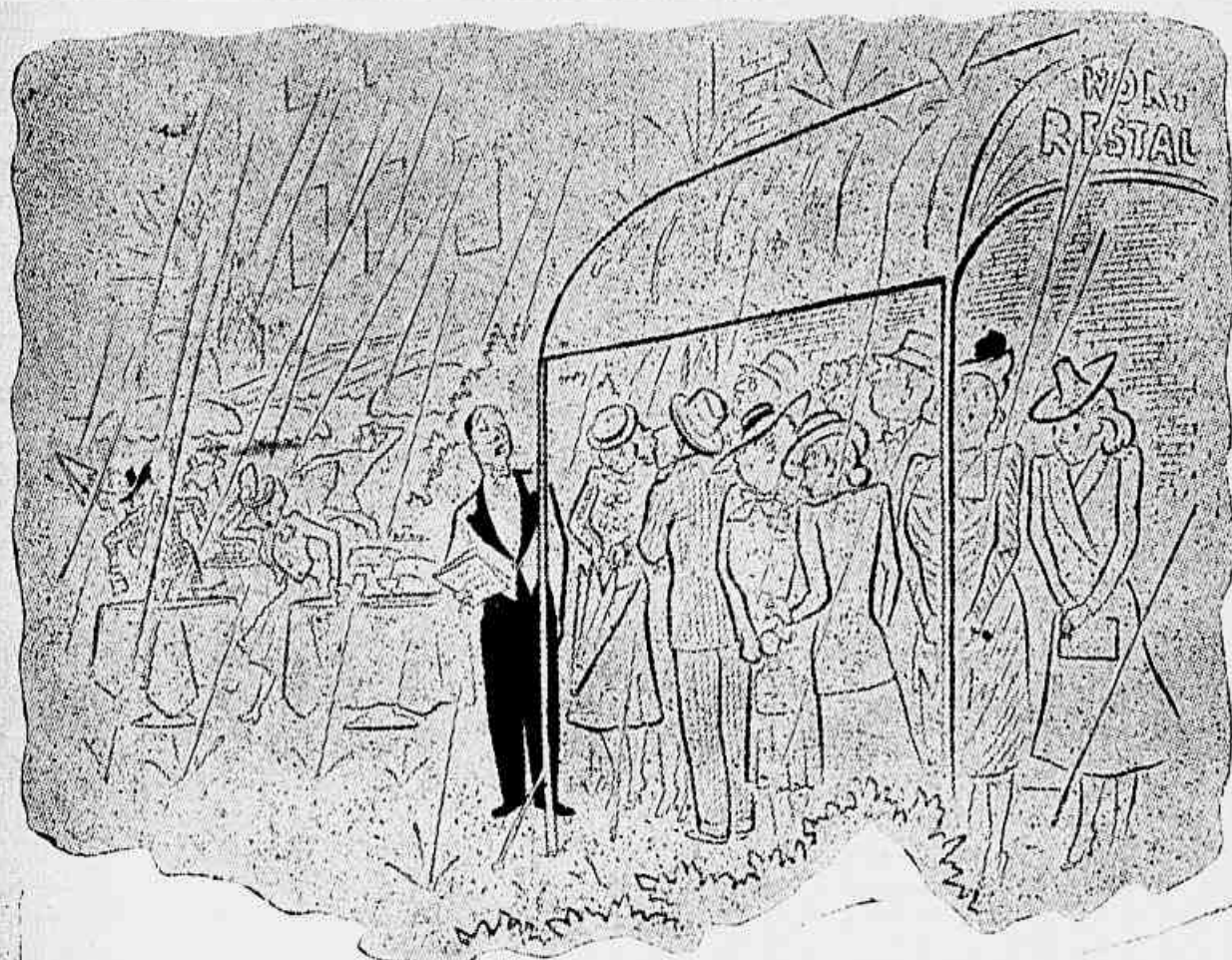
POSSE DO PROFESSOR ABREU FIALHO FILHO NA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA EM SUBSTITUIÇÃO AO PROF. HELION POVOA, SENDO SAUDADO PELO ACADEMICO DEOLINDO DO COUTO. NA GRAVURA, O PROFESSOR ALOISIO DE CASTRO, PRESIDENTE DA ACADEMIA, COLOCANDO AS INSIGNIAS NO NOVO ACADEMICO, FIGURA ILUSTRE DA ATUAL GERAÇÃO.



NO BRASIL, OS DIRETORES DE COLGATE PALMOLIVE PEET, CO. LTD. — PELO AVIÃO INTERNACIONAL CHEGARAM A ESTA CAPITAL OS DIRETORES DE COLGATE PALMOLIVE PEET CO. LTD. DE NEW JERSEY, SENHORES JORGE C. REBAZA E EDWARD SPICKA. OS DIRETORES DE COLGATE PALMOLIVE FORAM RECEBIDOS NO AEROPORTO PELOS SRS. JOSÉ SALVADOR GARCEZ, JURANDYR DE CASTRO, AGENOR MARQUES DE AZEVEDO, OSCAR REINOSA E MR. KERR. ALTOS FUNCIONÁRIOS DAQUELA EMPRESA, DIRETORES E REPRESENTANTES DA EMPRESA DE PROPAGANDA STANDARD LTDA. E GRANDE NÚMERO DE AMIGOS E ADMIRADORES. NA FOTOGRAFIA ACIMA, VEMOS OS SRS. REBAZA E SPICKA RODEADOS DAS PESSOAS PRESENTES AO SEU DESEMBARQUE.



Mamãe! ?



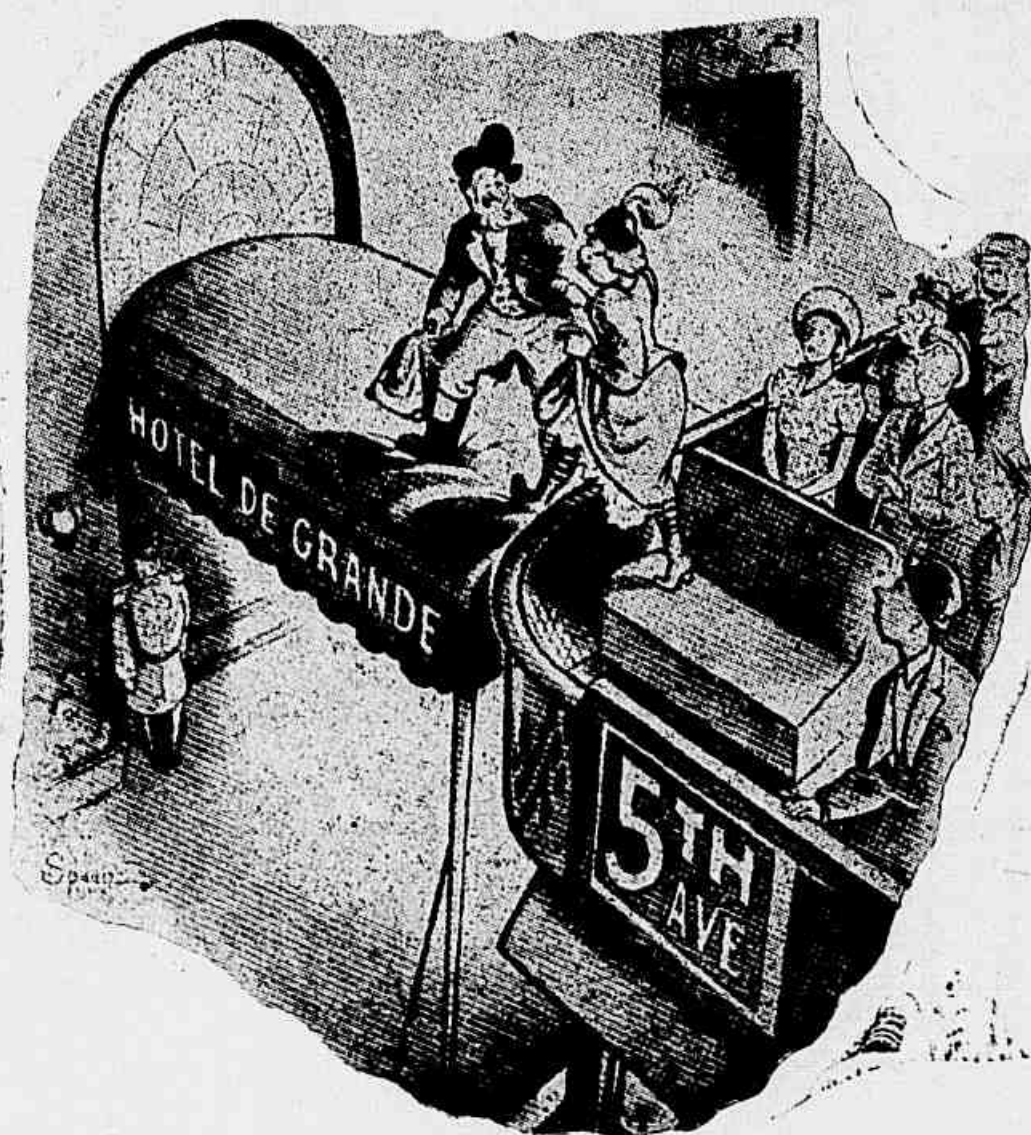
Apenas um momento, senhores, e arranjarei lugar para todos.



DE BOM HUMOR



Cuidado! Um trimotor!



Estes hotéis da cidade são bem esquisitos.



Como fazer um homem tímido declarar-se?

QUATRO PALAVRINHAS

Conto de LILLIE BOCK

QUANDO ela contou á irmã a razão dos seus aborrecimentos, Mira olhou para ela e soltou uma gargalhada. Mariana, a princípio, ficou zangada, mas Mira logo depois ficou séria e explicou o motivo da risada.

— Minha querida, como é que você pensa que o George se declarou?

— Não sei... De fato, não sabia. Era retraída e evitava discutir esses assuntos, com quem quer que fosse, inclusive com a irmã, que era tão sua amiga. Mas agora estava realmente apaixonada. Precisava achar um meio. Não era, como pode, á primeira vista, parecer, uma armadilha que ela queria armar para pegar uma pobre vítima. Tinha a certeza de que John a amava, porém não se animava a fazer o pedido. Quantas vezes, em vista da situação, ela não invejou o sexo forte, que podia tomar suas decisões, dirigir-se a uma moça, pronunciar as quatro palavrinhas mágicas: Você quer casar comigo?

Para uma moça não ficava bem. Per mais intimidade, por maior que fosse a certeza de que ele a queria, não poderia olhá-lo nos olhos e dizer: Bem, já que você não se decide, decido-me eu. Sei que você gosta de mim. Para quando é o casamento?

Decididamente não ficava bem. Pensara. Usara todos os artifícios inspirados pela coqueteria feminina, inata sempre, e que se evidenciava na hora de lutar para conseguir que o objeto de seu amor presinta e veja que o ama. Uma moça não pode dizer certas coisas mas pode sugerir... Ela estava cansada de sugerir, mas todas as alusões, muito sutis, não eram compreendidas. O pobre John tomava tudo ao pé da letra e para que acreditasse que o amava era preciso que lhe dissesse, logo de uma vez: Escute aqui, seu cego, surdo e mudo, eu o adoro! Talvez, então, ele se rendesse á evidencia dos fatos. Que remédio?

Mira era o último recurso. Já tentara tudo. Resolvera, finalmente, valer-se da experiência da irmã nesses assuntos.

— Não se importe com isso, sua boba. E' assim mesmo.

— Mas como é que eu vou fazer com que ele se declare?

— Muito simples. E não seja tola. Você gosta dele mesmo, de verdade?

— Gosto.

— Está bem. Nesse caso eu vou ajudá-la.

— Como é que eu faço?

— Olhe —

— Você não acha, John?

— Acho, sim.

— Pois é...

Quanto constrangimento há numa dessas pausas súbitas...

— Mira me disse que estava muito contente.

— Ela tem toda a razão.

— Uma criança alegre tanto uma casa, não é?

— Eu também acho...

— E eu acho que um homem não deve ficar solteiro muito tempo, você não acha?

— A vida de solteiro é muito triste. Especialmente se a gente é órfão...

— Pois é...

E ficou nisso a famosa conversa aconselhada pela irmã.

— Como foi?

— Um desastre.

Mira levantou as sebrancelhas.

— Você fez como eu disse?

— Fiz.

— Tem certeza que ele gosta mesmo de você?

— Tenho.

— E'... Esse então é ruinzinho. Mas não faz mal.

Você vai convidá-lo para jantar aqui em casa uma noite...

— Para que?

— Você vai ver...

O jantar foi maravilhoso. A cozinheira de Mira ultrapassou a expectativa. Mira fez questão de mostrar como um lar feliz é agradável.

— George, você quer seu cachimbo?

George levantou os olhos, surpreso pela concessão extraordinária (habitualmente ela protestava contra o cachimbo).

— Quero.

Mira foi buscá-lo e acendeu-o ela mesma.

— Eu gosto de um bom tabaco. O senhor não acha, Mr. Parker, que um bom tabaco tem um aroma delicioso? Meu marido só fuma Half & Half.

— Uma boa marca.

— O senhor também gosta?

— Muito.

— Eu acho que um homem casado deve conservar os seus hábitos, não acha? A mulher precisa ser tolerante. Imagine o senhor que algumas das minhas amigas

(Continua da página 42)

A GUERRA

CALMÁRIA



DEPOIS de uma série de vitórias espetaculares na batalha da França, onde os exércitos aliados ensinaram aos nazistas como se faz uma verdadeira "blitzkrieg", depois de uma arrancada de Roma às fortificações da linha gótica, na batalha da Itália, depois de um avanço geral na frente oriental, podemos observar uma aparente estabilização em todos os "fronts". Apenas aparente, pois ao sul, no oriente e no ocidente, batalhas ferózes estão se desenvolvendo entre alemães e aliados.

A batalha da Europa está praticamente terminada com a vitória das nações unidas. Ultimam-se agora os preparativos para a batalha da Alemanha, última fase da guerra no ocidente.

Esta aparente interrupção parece marcar justamente o fim de uma batalha e os preparativos para o início da seguinte.

De ambos os lados, os adversários reagrupam as suas forças para o choque decisivo.

No decorrer desta guerra, não é a primeira vez que deparamos com uma situação semelhante.

Em diversas ocasiões houve paradas súbitas para descanso e reorganização de tropas exaustas pelo avanço continuado em território inimigo.

A própria Alemanha, quando dispunha de uma esmagadora superioridade em homens e material, foi obrigada a interromper as suas investidas.

Entretanto, a situação está agora inteiramente mudada, sendo evidente a superioridade aliada sob todos os pontos de vista. As catástrofes dos exércitos alemães na França, na Itália e na frente oriental, trouxeram consequências tremendas. Se considerarmos, as guarnições alemães que ainda oferecem em alguns pontos franceses uma resistência suicida, podemos avaliar com segurança as perdas nazistas somente na França em um milhão de homens, e a quantidade correspondente de material. Cinco exércitos aliados — 1.º, 3.º e 7.º americanos; 2.º britânico, e 1.º canadense — forçam as fronteiras alemães, pelo ocidente. A batalha da Holanda, onde os Generais Montgomery e Dempsey esmagam as contra-ofensivas nazistas, é sem dúvida a mais importante. Ali, um avanço aliado permitiria o flanqueamento da linha Siegfried.

Avaliando este perigo, os nazistas vem oferecendo naquele setor uma desesperada resistência.



O PREPARO CUIDADOSO QUE TIVERAM OS BRASILEIROS, NÃO APENAS ANTES DA SUA PARTIDA, MAS NO PRÓPRIO TERRITÓRIO ITALIANO, ALIADO ÀS SUAS QUALIDADES GUERREIRAS E ENTUSIASMO, RESULTARAM NOS SUCESSOS AGORA OBTIDOS. AQUI ESTÃO ALGUNS SOLDADOS BRASILEIROS DURANTE UMA AULA PRÁTICA DE SINALIZAÇÃO.



BARRACAS DA F. E. B., AO LONGO DE UMA PLANTAÇÃO DE OLIVEIRAS EM PLENO FRONT NA ITÁLIA. NAS TERRAS HISTÓRICAS DA PENÍNSULA OS NOSSOS SOLDADOS ESTÃO DEMONSTRANDO A SUA FIBRA E ELEVANDO O NOME DO NOSSO PAÍS.

EM MARCHA

Na Itália estão sendo destruídos os últimos bastiões da linha Gótica, no sopé dos Apeninos, última defesa natural com que poderão contar os exércitos de Kesselring para impedir os aliados de se derramarem pelo vale do Pô e as grandes cidades industriais do norte da Itália.

O rompimento definitivo da linha Gótica, representa praticamente o fim da batalha da Itália.



Na frente oriental, está quase consumado o completo desmoronamento do efêmero império de Hitler, cujos alicerces eram a opressão e o ódio.

A Rumania e a Finlândia estão lutando contra a sua ex-aliada. A Hungria está fora de combate.

Na Grécia, 250.000 mil nazistas estão ameaçados de cerco e aniquilamento. Na Iugoslavia, as forças do Marechal Tito e os exércitos russos estão prestes a fazer junção na capital do país. Quasi todo o território da Polônia está dominado pelos Russos.

Em Varsóvia, desenrola-se ainda a maior tragédia desta guerra, com a heroica e inextinguível resistência dos poloneses dentro da sua capital.

Os estados bálticos estão praticamente dominados pelos russos. O cerco da Alemanha está quase completo.



Não poderia deixar de haver um reajustamento e uma reorganização da parte dos aliados.

O avanço na França, nos territórios da Bélgica e da Holanda, vieram alongar extraordinariamente as linhas de comunicação dos exércitos aliados no ocidente.

A libertação dos grandes portos holandeses, já cercados pelos exércitos britânico e canadense, virá facilitar enormemente o seu abastecimento.

A estabilização da frente sul com a junção dos exércitos que sobem pela Itália, os do sul da França e os dos balcans, determinará o fechamento do cerco ao sul.

A estabilização aparente é prenúncio claro da arrancada final que levará as forças das nações unidas a Berlim.



O SARGENTO BRASILEIRO SALTIL DIAS, TRABALHANDO COM UM ENGENHEIRO DO EXÉRCITO AMERICANO NO MANEJO DE UM APARELHO LOCALISADOR DE MINAS. NA GUERRA MODERNA ESTA É UMA DAS TAREFAS MAIS ARRISCADAS E IMPORTANTES, EXIGINDO GRANDE PERÍCIA E SANGUE FRIO ALÉM DE CONHECIMENTOS PERFEITOS.



O CABO ANTONIO SANTOS TABOADA, ESCRREVENDO UMA CARTA PARA SEUS PAIS Á ENTRADA DA SUA BARRACA. NOS MOMENTOS DE FOLGA COMO NO FUROR DOS COMBATES, O PENSAMENTO DOS NOSSOS SOLDADOS ESTÁ VOLTADO PARA A SUA PÁTRIA E OS SEUS LARES.

ESCRAGNOLLE DORIA

Travessa do Senado 8

Em Março de 1841, o segundo ministério do Segundo Reinado sucedia ao transitório gabinete da Maioridade. O governo sucessor reunia pessoas, já de crescente marca histórica uma a uma: Paulino de Souza, Aureliano, Calmon, Araújo Vianna, José Clemente Pereira, Villela Barbosa. Saber-lhes as vidas é saber História.

Villela Barbosa, cinco vezes ministro da Marinha no Primeiro Reinado, voltava à pasta, devendo conhecê-la. Num dia de 1841, Villela Barbosa encontrava sujeito à sua consideração um ofício subscrito por Senna Pereira, chefe de divisão reformado, antigo ministro da Marinha na regência Araújo Lima e então comandante da Academia de Marinha.

Dizia Senna Pereira ao superior:

"Ilmo. Exmo. Snr. — Em cumprimento do despacho de 17 do corrente, lançado no requerimento incluso do Guarda-Marinha José Maria da Silva Paranhos, no qual pede a Graça de se lhe continuar a licença que obteve para frequentar os Estudos na Escola Militar, afim de poder passar para o Corpo d'Engenheiros, sem que por isso receba soldo durante a frequência, tenho a honra de informar a V. Exa. que a pretensão do Suplicante me parece atendível, tendo-se em conta a sua boa conducta e aplicação.

Deos Guarde a V. Exa. Secretária da Academia de Marinha em 20 de Agosto de 1841. — Ilmo. Exmo. Snr. Marquez de Paranaguá — Jacintho Roque de Senna Pereira".

O subscritor do ofício de 1841, como diretor, primeiro comandante e fiscal da Academia de Marinha, caracteristicamente flutuante estabelecida a bordo da *não Pedro II*, recebia por fim aviso da Secretária da Marinha. Comunicava que, por decreto de 2 de Dezembro de 1842, o Guarda-Marinha José Maria da Silva Paranhos fôra despachado Segundo Tenente do Imperial Corpo de Engenheiros.

Principalmente da Maioridade em diante o título de Imperial era prezado. Desejavam-o estabelecimentos públicos, corporações armadas, associações científicas e literárias, e classes comerciais. Até humildes se achavam honrados ao pertencerem a corporações de título imperial. Assim na armada o imperial marinheiro se ufanava de o ser, considerando-se distinto na classe da gola azul e no ser tratado pelo povo com apreço especial e pronunciada simpatia.

A casa da travessa do Senado, hoje 20 de Abril, na qual nasceu, em 1845, o Barão do Rio Branco.



Para o Corpo de Engenheiros, honrado como Imperial, vira-se transferido o guarda-marinha Paranhos. Segundo tenente do exercito, lecionava na Academia de Marinha, aos balouços da *não Pedro II*. O pessoal docente e administrativo militar do navio residia em terra, transportado de escalér para a também chamada *Não Acadêmica*.

Paranhos, em 1844, residia na travessa do Senado n. 8. Tal via pública era, e é, pequena na extensão, pouca na largura, de principio no antigo Campo de Santa Ana e de fim em parte da rua do Senado.

Noronha Santos diz a travessa do Senado aberta em terreno de D. Maria Arcangela de Macedo, filha de Pedro Dias Paes Leme, dono de terras que abriram passagem à rua do Rezende.

Em 1844 as principais ocupações de Paranhos eram de seu magisterio na Academia de Marinha. A história desta, e a da Escola Naval, acha-se documentada e excelentemente escrita pelo capitão de mar e guerra Lucas Boiteux.

Em 1844, professor na Marinha e oficial do Exército, Paranhos devia obediência a dous ministerios, o da Marinha e o da Guerra, à testa dos quais o senador Hollanda Cavalcanti de Albuquerque e o tenente-coronel Jeronimo Francisco Coelho. Chamado este aos conselhos da corôa, com seus cinco galões comandava generais de bordados, por efeito do alto cargo provindo da política na qual militava, com brilho, o illustre catarinense ministro da Guerra em 1844.

Neste ano, Paranhos, contando amigos, condiscipulos e discípulos na armada e no exercito, ainda se achava no pleno gozo de carreira e qualidade militar. Desta o iriam aos poucos retirando a política e a diplomacia, e para exercicio em ambas Paranhos se preparando com os estudos indispensaveis ao político e ao diplomata.

Quando Paranhos de verdes anos, um alguém vaticinára: Snr. Paranhos o senhor ha de ser ministro. Entre modestia e consciencia intima de valor, o profetizado sorriria ao profetizador com aquelle sorriso que iluminava a fisionomia de Paranhos satisfeito.

Mais tarde, outro alguém havia de observar: Snr. Paranhos, o senhor não devia ter estudado ciencias exatas, sim direito. "Agora é tarde", respondeu Paranhos novamente com o seu famoso sorriso a dizer força no querer, suavidade no executar.

Paranhos nascera homem de boa sociedade apurada. Teve a felicidade de viver num tempo no qual se não desconhecia a civilidade no trato publico ou intimo, a propria civilidade traçando limites a abusos ou ridiculos de cortezia. Nem os desconhecidos eram excluidos da observancia da polidez, indice de sociedade organizada no transunto da civilização, oposta ao viver a por toda parte a trancos e barrancos.

Todos quantos privavam com Paranhos eram unanimes em atestar nele o apuro do cavalheiro, de compostura mesmo em occasiões nas quais outros se teriam desmandado logo em despropósitos ou exclamações violentas.

Em 1844, Paranhos podia viver calmo num meio calmo, o do Rio de Janeiro de então, no qual noticia de sinistro, desastre ou crime era rara e circulava como exceção.

A casa da travessa do Senado 8, residencia de Paranhos, tinha sobrado e rez de chão apresentando uma dessas altas e largas portas proprias para entrada e saída de veículos guardados em pavimentos terreos, portas chamadas em francês *portes cochères*.

A ultima casa do genero, a ultima daquelas portas, desapareceram ha bem pouco do centro urbano carioca, com demolido preçio da rua Senhor dos Passos, em frente à igreja do Terço. No lado da rua ainda se viam saliencias destinadas a argolas às quais se prendiam redeas de cavalos em recuados tempos da cidade de poucos meios de transporte.

No predio da travessa do Senado 8 transcorreram para Paranhos talvez os seus melhores dias, os do vigor da idade, os da força das esperanças, os do entrever futuro sob boa estrela.

A 20 de Abril de 1845 a casa da travessa do Senado 8 enchia-se a principio das apreensões que desperta um nascimento, enchia-se depois dos desafogos quando se o sabe feliz.

A 20 de Abril, Paranhos recebia um filho, a deveres de esposo ajuntando os de pai. O menino recebeu os nomes e sobrenomes paterno, repetição de nomes e sobrenomes tais, quando herdados de pai glorioso ou digno, devem ser justificados de futuro sem diminuição da fama grangeada por ascendentes. Em 1845 era José Maria da Silva Paranhos um brasileiro distinto, havia de o ser imortal. O recém-nascido José Maria herdava gloria desde o berço.

Um nascimento em casas de familias da epoca, sobretudo se de categoria elevada, não ia sem observancias de civilidade. Os natalícios comportavam escolha de nomes, participações do sucesso, visitas ou os cumprimentos de obrigação, designação dos padrinhos. Tudo rematavam a cerimonia e a festa do batizado, catolico, protestante ou israelita, cada qual com suas praticas, no batizado israelita invocado o Deus de Abrahão e de Jacob.

Meticuloso na polidez, Paranhos homem de sociedade, por ocasião do nascimento do filho, José Maria, observou com certeza tudo quanto a polidez e a etiqueta recomendavam, no caso, para tanto o esposo assistido por uma esposa exemplo de conjuge e mãe a esta não poupadas na existencia perdas de filhos.

Ao filho nascido em 1845 seria dado presenciar o subir de glorias paternas sobretudo parlamentares nos quais livre enunciar opinião aos ecos da opinião publica.

O segundo Silva Paranhos teria infancia e adolescencia de gratas impressões de lar frequentado pelo que de melhor possuia a Corte do Rio de Janeiro. As impressões de infancia acabam num enovar de memoria, gravam-se as da adolescencia com nitidez avivam-se na virilidade, são saudade ao despontar do termo da velhice.

No Rio de Janeiro, de 1845 comercio de luxo, o grosso, o meio, o inferior concentravam-se na cidade velha, a do mar ao Campo de S. Ana, a cidade nova mais residencial que comercial.

Inteiramente residencial era, lado a lado, a travessa do Senado, com casas de sobrado ou terreas, estas na cidade não raro de moradores que tendo ocupado altas ou distintas posições obrigando a despesas do proprio bolso iam refazer finanças em habitação mais modesta. Ninguém tinha isto por desdouro, antes por prova de honradez.

Na boa vizinhança de sua casa da travessa do Senado 8 contava Paranhos com a do official maior da Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, o conselheiro João Maria Jacobina, morador do predio contiguo ao de Paranhos, tão de socego e respeito a boa vizinhança quanto a má ou a pessima de inferneira e desleixo.

Em 1846, ano depois do nascimento do filho primeiro, Paranhos ainda ocupava a casa da travessa do Senado, ainda professor da Academia de Marinha, a deitar vistas para campo de atividade mais dilatado, o da política, cujos sucessos Paranhos acompanharia junto de seus livros.

No correr dos mezes de 1844, 1845 e 1846 os sucessos iam passando diante do observador em gabinete de estudo, principais ou secundarios deles todos se tirando lições maiores ou menores.

Em 1847 a vida de Paranhos mudaria e ele mudava de residencia. Presidente da provincia do Rio de Janeiro, Auriliano colocava Paranhos á frente da secretaria do governo-provincial. A nomeação, em breve seguida de outra, a de segundo vice-presidente da terra fluminense, determinou a transferencia de Paranhos para a Imperial Cidade de Niteroi. Ai fixava residencia na ladeira de S. João, para melhor cumprimento de cargos: um administrativo, outro de confiança partidaria.

Algum dia visitou o segundo Rio Branco a casa natalicia conservada atravez do tempo? Nós o ignoramos, sabendo porem a atenção que o Centro Carioca deu sempre ao predio, no qual placa comemorativa indicou ao transeunte haver dado a casa tétio a berço illustre.

Assaz proxima vem a celebração do centenario natalicio do segundo Rio Branco, de estatua pedestre na cidade onde o progenitor igualmente tem estatua, esta sedéstre.

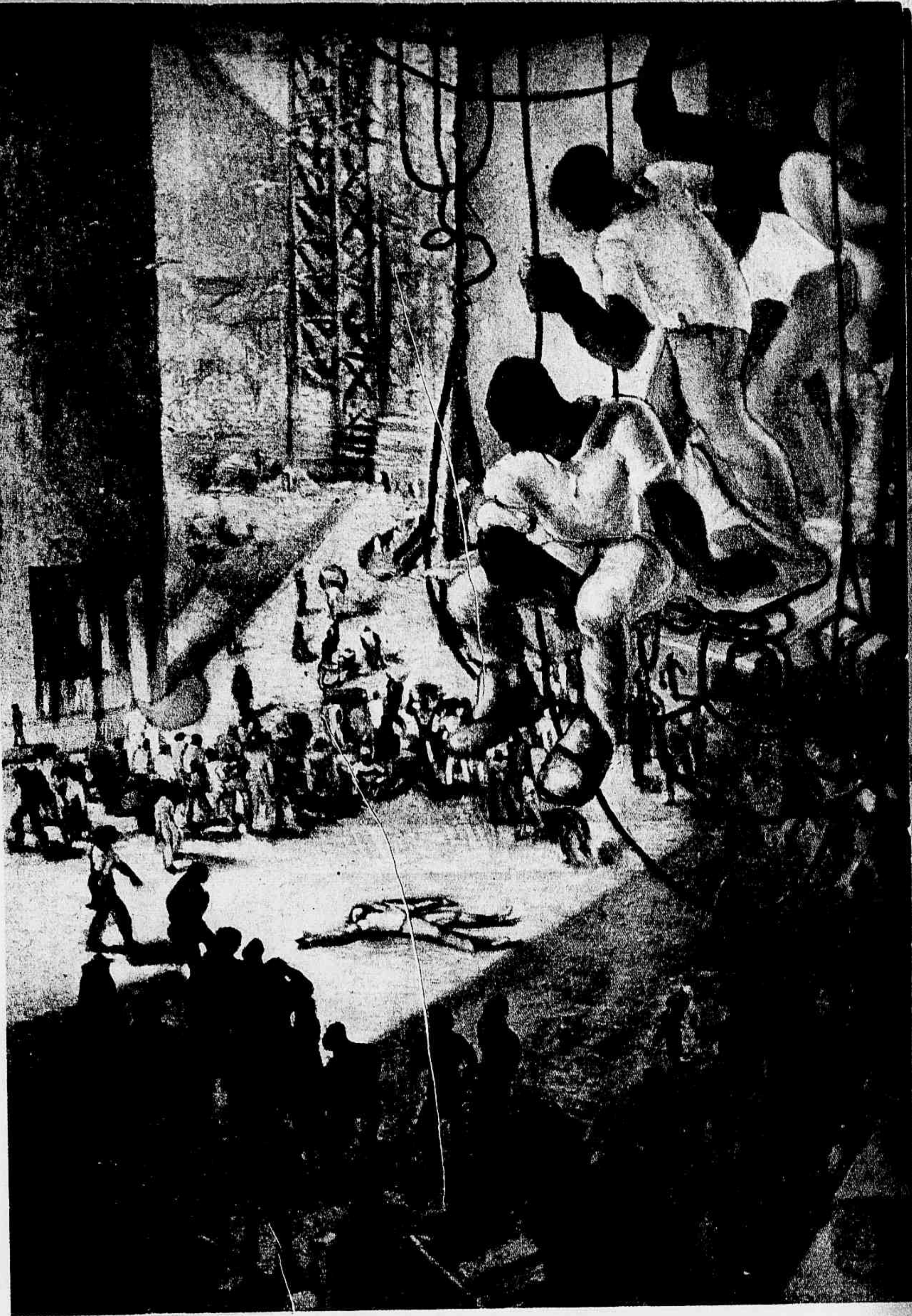
Um dia chamaram o chanceler Rio Branco, o Barão na voz popular, "O Maior dos Brasileiros". Não retorquiu, e desaceitando a honra proclamou D. Pedro II o maior dos nossos. Disse-o tal com tanto maior breza e isenção de ânimo quanto aquele sobranceiro, sem desestimar, para com o justiceiro fôra em tempo parco de preferências.

Academicos VS. Modernistas

A característica predominante no Salão do Cinquentenário está nos confrontos que o visitante pode fazer entre os trabalhos expostos pelos academicos e os modernistas. Entrecrocaram-se, uma vez mais, as duas correntes, provocando os debates e controvérsias a que já nos habituamos. É oportuno reproduzir linhas abaixo, uma "breve notícia" inserta sobre o Salão de 1944, no catálogo do Museu Nacional de Belas Artes.

Em 1894, houve a instituição do "Prêmio de viagem" na Exposição Geral de Belas Artes da antiga Imperial Academia de Belas Artes, independente dos prêmios de viagem conferidos por essa Academia — daí o considerar-se 1.º Salão o de 1894, apesar do nome continuar "Exposição Geral de Belas Artes". Desde 1840 realizavam-se Exposições Gerais de Belas Artes na antiga Imperial Academia de Belas Artes, mas os prêmios eram atribuídos por concurso dessa Academia; só em 1894 foram instituídos prêmios para as Exposições anuais, com caráter inteiramente independente dos prêmios da Academia que continuaram a ser conferidos aos seus alunos; também nesse ano, pela primeira vez, foi elaborado um catálogo unicamente para as obras dessa Exposição anual, do qual não consta mais a "enumeração dos quadros das galerias de exposição permanente que podem ser vistos pelo público", conforme termos de catálogos dos anos anteriores.

Da documentação existente no Museu Nacional de Belas Artes verifica-se que no catálogo de 1896 consta "Terceira Exposição Geral de Belas Artes" — dessa data em diante está indicado nos respectivos catálogos o número das Exposições, só havendo interrupção em 1930, ano em que não foi realizado esse salão; tudo isso vem confirmar que



EM CIMA: — "ACIDENTE NO TRABALHO" DE E. P. SIGAUD (ENCÁUSTICA) (MEDALHAS DE BRONZE E DE PRATA). — EM BAIXO: "VESPERA DE FESTA" DE OSVALDO TEIXEIRA (MEDALHAS DE PRATA, DE OURO, DE HONRA E PREMIO DE VIAGEM À EUROPA).



este ano se comemora efetivamente o cinquentenário do Salão Nacional de Belas Artes, não obstante só aparecer o nome de "Salão" em 1934.

Conquistou o prêmio de viagem no 1.º Salão Nacional de Belas Artes — 1894 — o grande paisagista brasileiro João Batista da Costa".

Nesta e nas páginas imediatas, o leitor encontrará algumas das obras expostas no Salão do Cinquentenário. O total dos expostos é de 496, entre pintura, escultura e arquitetura.

Nunca, entre nós, esteve tão acesa a

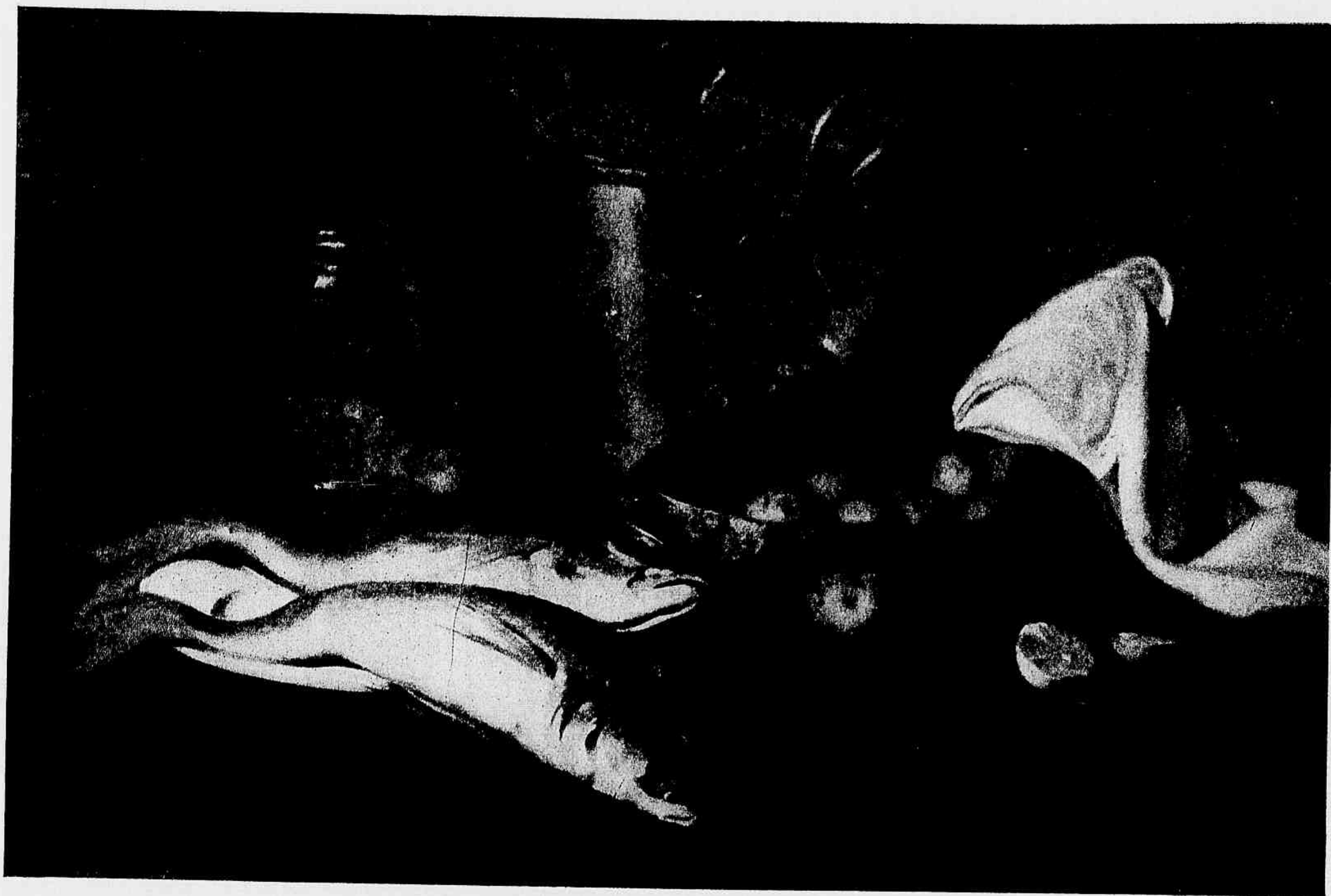
luta entre as duas escolas: modernistas e clássicos.

Aliás, é de se notar o interesse crescente que, entre nós, vem despertando as artes em geral, interesse este claramente demonstrado pelas algumas que, em todas as partes do Brasil, algumas violentamente concretizadas, se têm verificado.

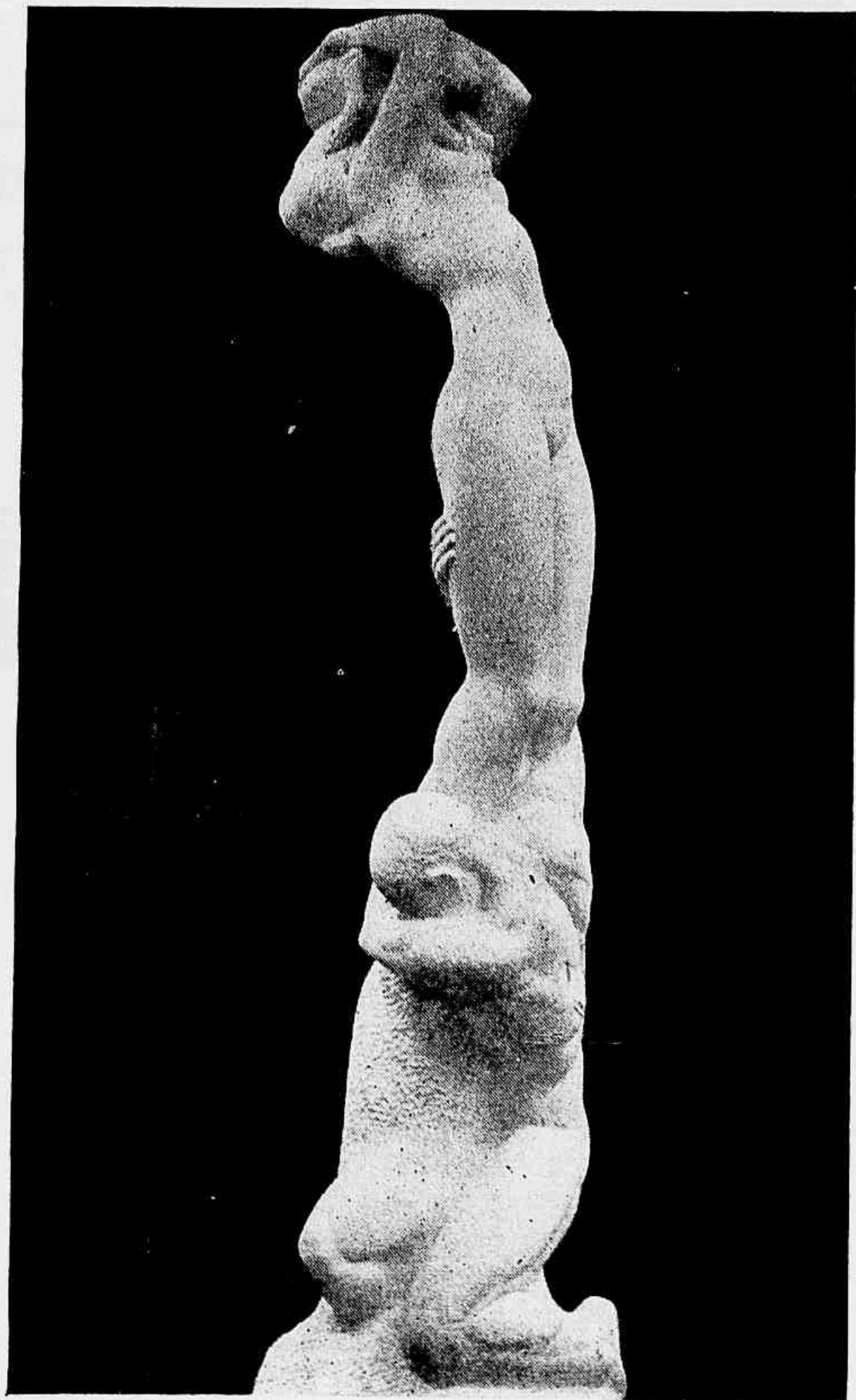
Aquele caso do anavilhamento de quadros na exposição de arte moderna de Belo Horizonte, foi o sinal de alarma.

Partidários de um e de outro lado arregimentaram-se como os torcedores de futebol.

E realmente, aquele gesto dos belorizontinos, permite a imagem futebolística.



EM CIMA: — "NATUREZA MORTA", DE MANOEL CONSTANTINO (MENÇÃO HONOROSA, MEDALHAS DE BRONZE, PRATA E OURO, E PREMIO DE VIAGEM Á EUROPA); EM BAIXO, Á ESQ.: "ARVORE HUMANA" (MARMOPE DE HUMBERTO COZZO, MEDALHA DE PRATA E OURO). Á DIR: "A MODINHA", LITOGRAFIA DE JOÃO FAHRION (MEDALHA DE PRATA EM PINTURA).



Do terreno puramente artístico e intelectual, a contenda passou para o campo das "giletadas".

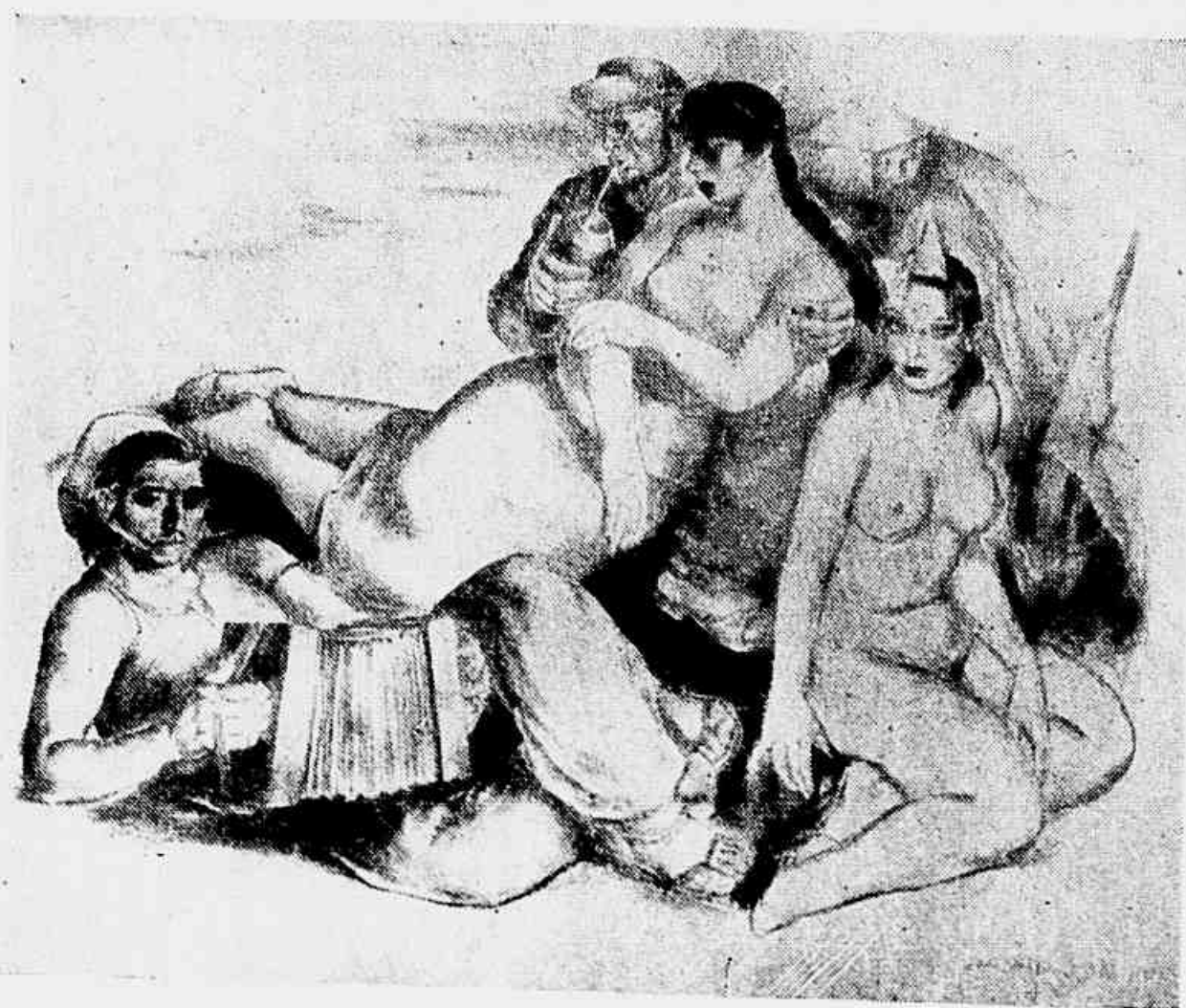
O "salon" deste ano, pelo fato de ser esta a 50.^a vez que se apresenta, recebeu o nome de "Salão Cinquentenário".

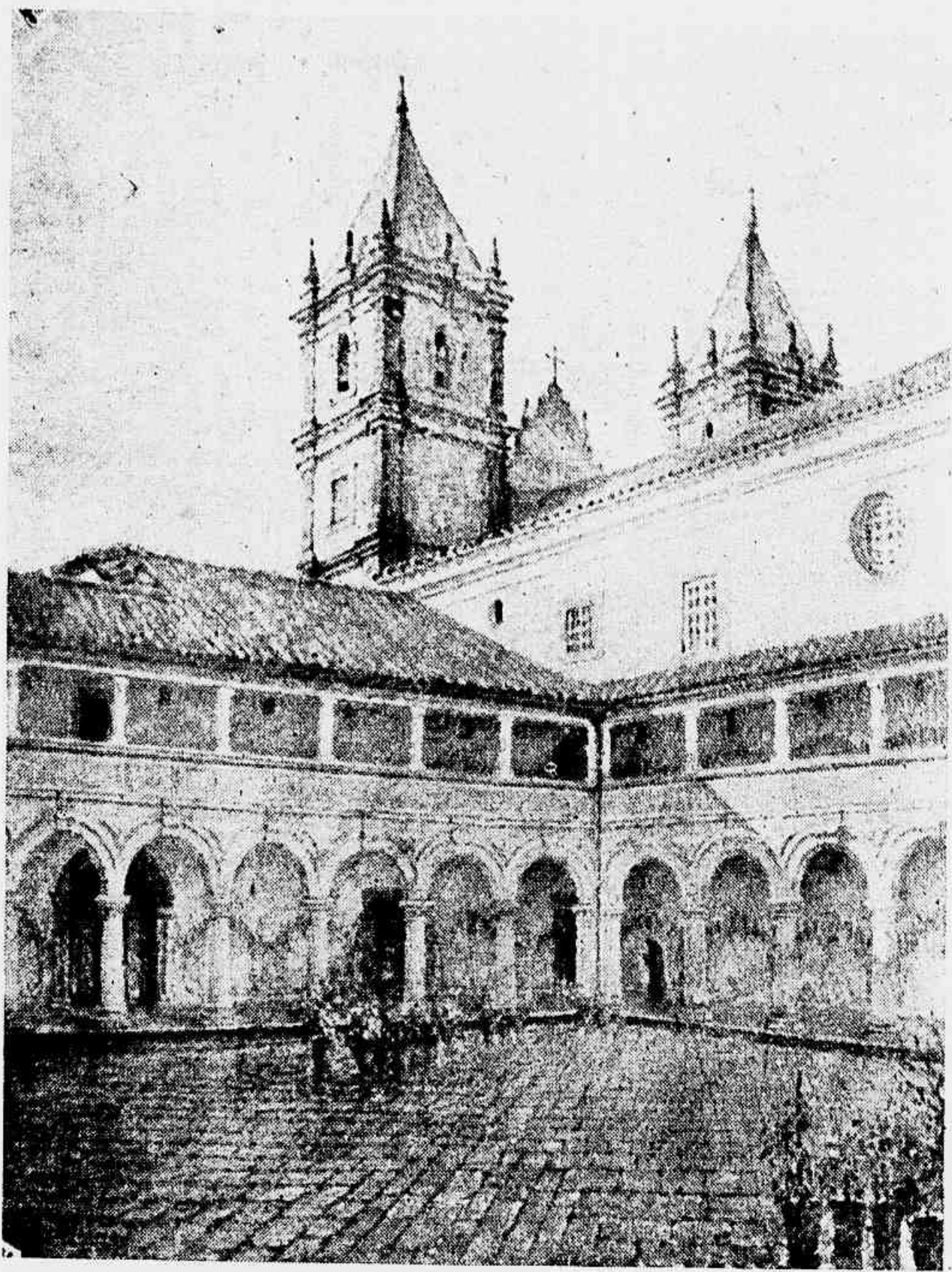
Nele, modernistas e clássicos se confrontam como num prêmio decisivo.

Prosélitos de uma e outra modalidade de arte, antigos e modernos, clássicos e futuristas procuram fazer valer os seus pontos de vista.

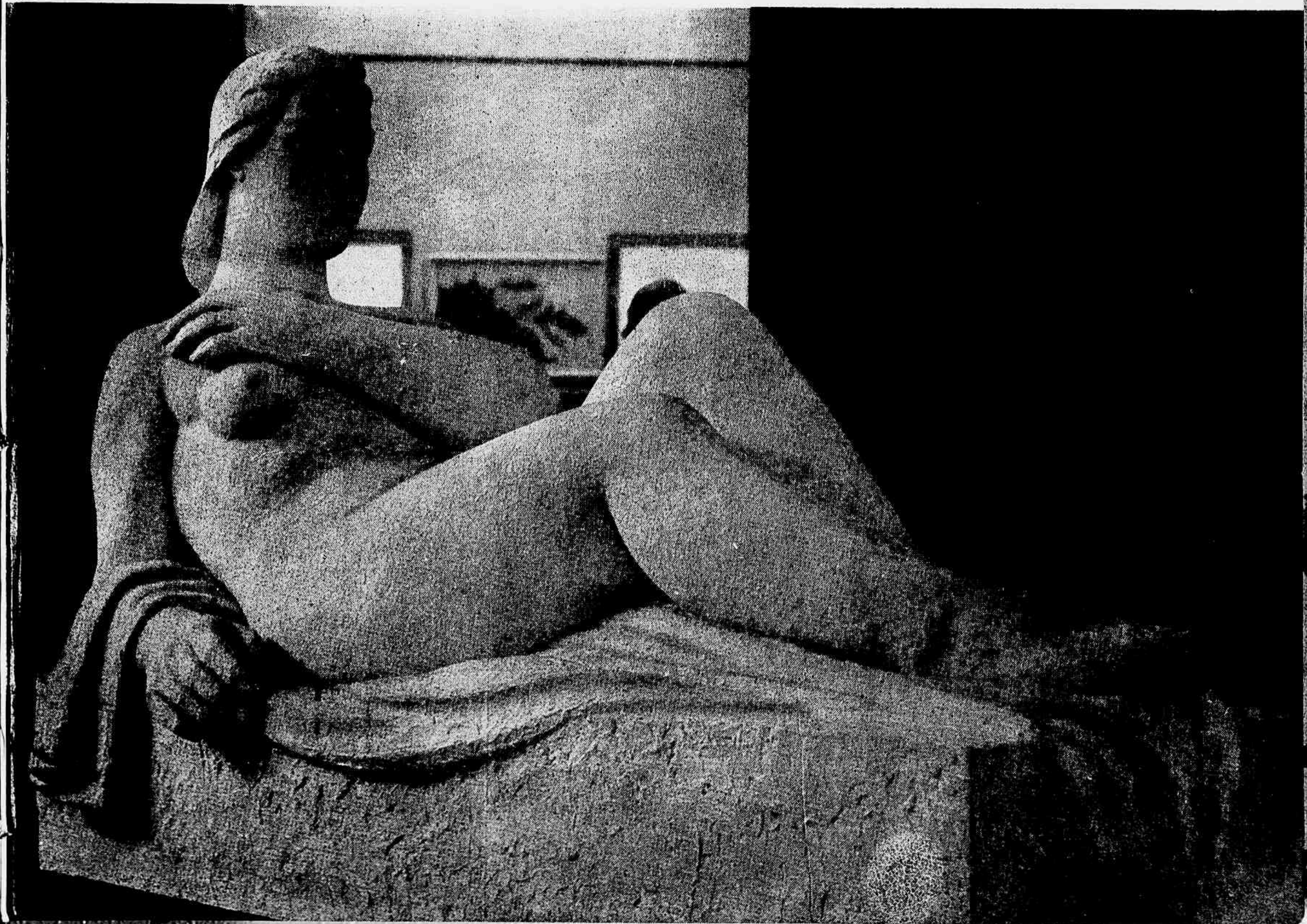
Isto que está acontecendo com a pintura em particular e com as outras artes em geral, não constitui nenhuma novidade na história das artes.

O aparecimento de uma nova concepção artística ou literária, deve fatalmente lutar contra as concepções até então dominantes. O modernismo não é coisa dos nossos dias. Sempre houve clássicos e modernos. Que esta rivalidade venha incrementar o interesse pelas artes, é o que devemos augurar.





O ENTRECHOQUE DAS DUAS GRANDES CORRENTES, ACADEMICA E MODERNISTA, REFLETE-SE DE MANEIRA INTENSA NO SALÃO DO CINQUENTENÁRIO. AQUI VEMOS, AO ALTO, UMA OBRA DE CADA REPRESENTANTE DESSAS ESCOLAS. À ESQUERDA, "TARDE NO GLAUSTRO", EXCELENTE MOTIVO RELIGIOSO TRABALHADO POR PRISCILIANO SILVA (MEDALHA DE OURO), FORMANDO CONTRASTE COM A "CABEÇA DE CRISTO", EXPOSTA POR HENIO, INTENSAMENTE MODERNISTA. — EM BAIXO, "JUVENTUDE", DE LEONARDO LIMA (MEDALHA DE PRATA), IGUALMENTE OBEDECENDO À ESCOLA MODERNISTA.

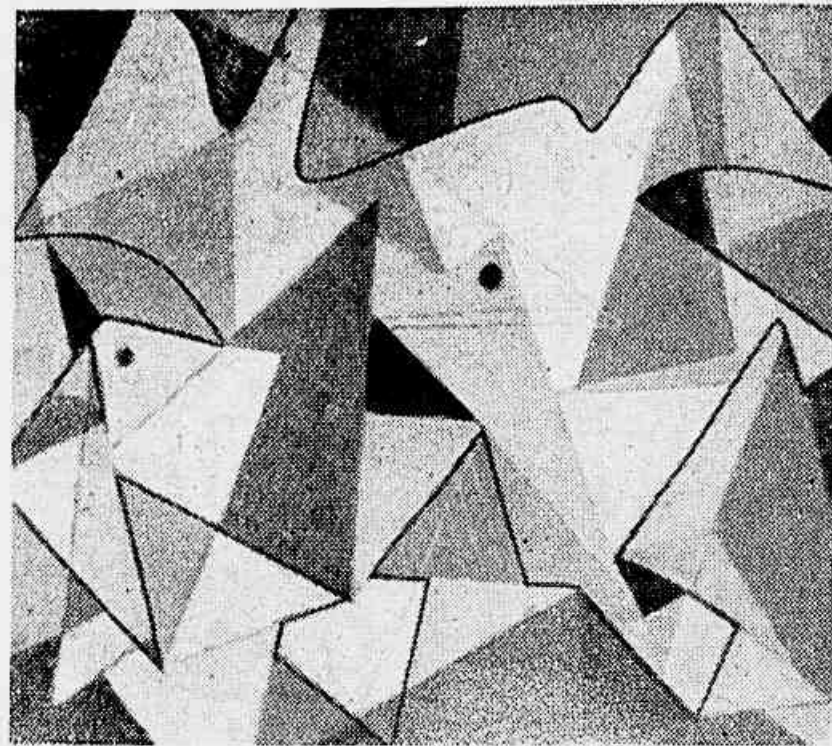




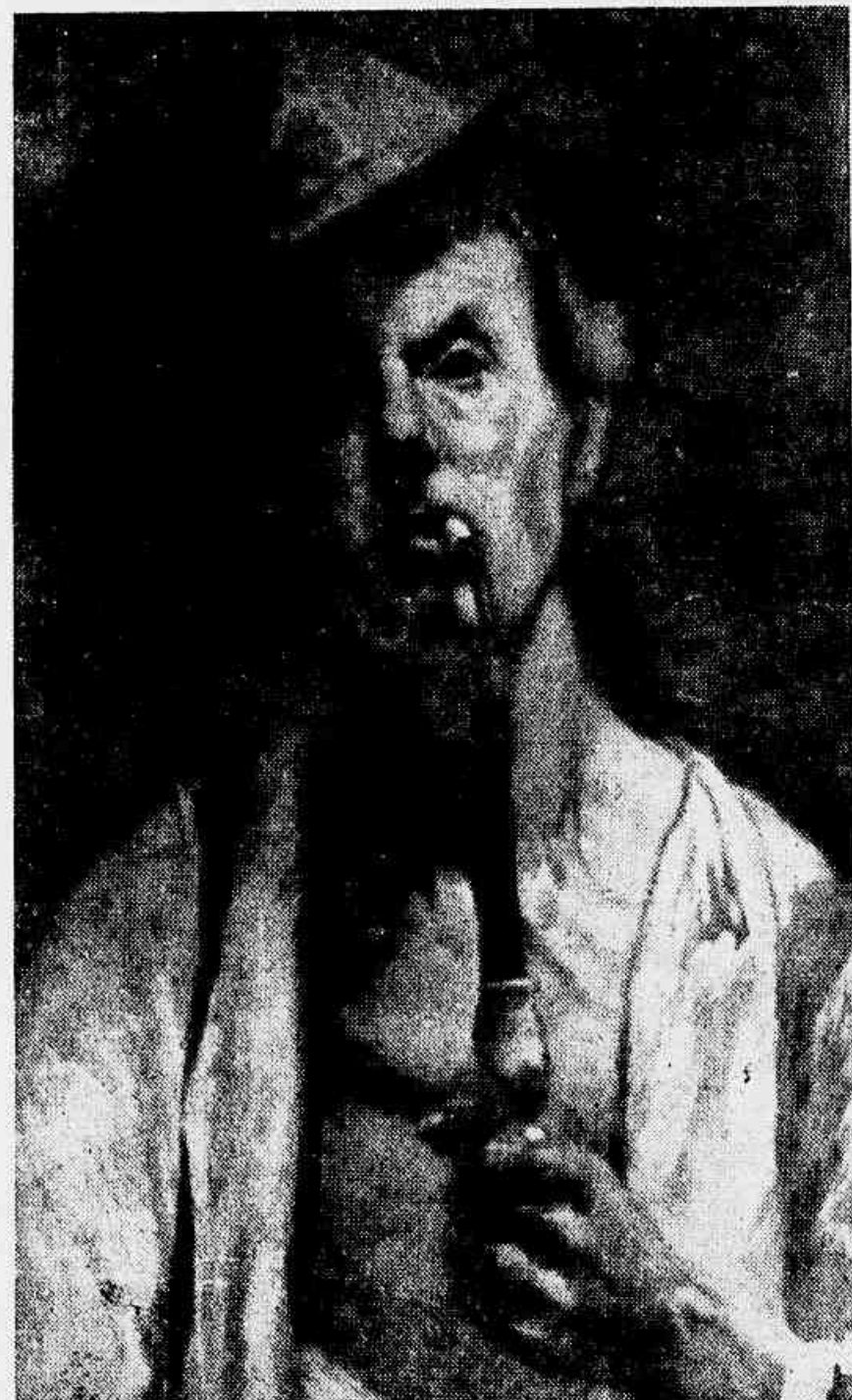
"BRACEMA", DE MANUEL MADRUGA (MEDALHA DE OURO), OUTRO DOS BONS TRABALHOS DO ANO, QUE O SALÃO APRESENTA AOS SEUS VISITANTES E DAQUELES QUE MAIS TÊM SIDO APRECIADOS.



JOÃO TURIM, MENÇÃO HONROSA DE 1923, COMPARECEU AO SALÃO COM ESTE INTERESSANTE TRABALHO: "TIGRE ESMAGANDO A COBRA".



"COMPOSIÇÃO", DE DACOSTA^{MT} (MENÇÃO HONROSA E MEDALHAS DE BRONZE E PRATA).



"CAMPONEZ", DE J. FIUZA GUIMARÃES (MEDALHA DE PRATA).

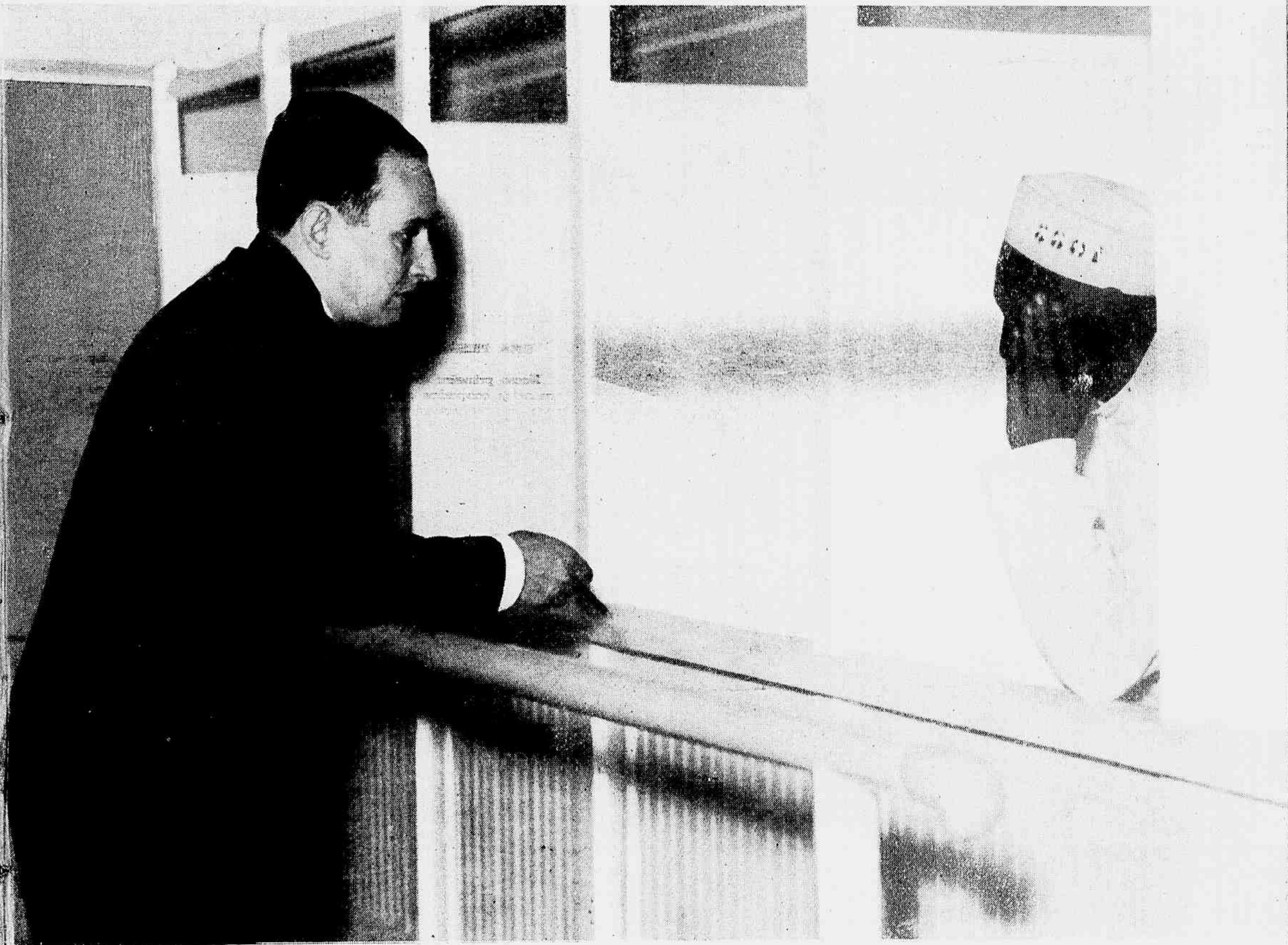


"INTERIOR", DE CARLOS SCLAR (MEDALHA DE PRATA EM PINTURA E BRONZE EM DESENHO).

Um dia na Penitenciária de São Paulo

A menos espetacular e sensacional reportagem que já se fez dentro de um presídio — Tudo igual e tudo humano — Celas que permanecem vazias de manhã à noite, enquanto os sentenciados trabalham — Isolamento só para comer e dormir — “Sem ajuda da higiene mental não é possível tratar os criminosos” — Alfaiates, carpinteiros, pintores, escultores e até jornalistas — O “Nosso Jornal” e as poesias do “7545” e do “7407” — Números em lugar de nomes — O sentenciado “7611” exalta a Semana da Pátria — Cinema e teatro para os presos — Menegheti trabalha na encadernação — Os “desajustados” que estão presos e os que andam soltos... — Criminosos? Sim, porque são enfermos. Vamos curá-los? — Um diretor de presídio que trata os criminosos de “meus bons amigos” e lhes escreve cartas contando parábolas — Final de filme de Carlito — Liberdade, o ponto luminoso no horizonte em trevas.

Reportagem de **CELESTINO SILVEIRA**
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA)



DIA DE VISITA AOS SENTENCIADOS — OS “GUICHETS” FAZEM LEMBRAR DEPENDENCIAS INTERNAS DAS CASAS DE PENHORES. EM CADA UM O SENTENCIADO FICA DE PÉ, DEBRUÇADO NO BALAUSTRÉ E AFASTADO DO PARENTE OU AMIGO QUE FOI VISITÁ-LO, NUM ESPAÇO DE SESENTA CENTÍMETROS MAIS OU MENOS. FALA-SE À DISTÂNCIA. NÃO É PERMITIDO ENTREGAR-LHE QUALQUER OBJETO, MAS SÓ POR INTERMÉDIO DO CHEFE DA GUARDA, QUE ASSISTE DE LONGE, SEM INTERFERIR A MENOS QUE SEJA MISTÉR FAZ-LO. E AÍ ENTÃO, POR ESPAÇO DE ALGUNS MINUTOS, PARENTES E PRESOS TROCAM IMPRESSÕES, MATAM SAUDADES OU COMBINAM O QUE VAI SER FEITO DE NOVO, QUANDO ELE TIVER CUMPRIDO A SUA PENA

NÃO foi com o propósito de levar a efeito uma reportagem de feição sensacionalista que nos propusemos a visitar a Penitenciária de São Paulo. A devassa portas a dentro de uma cadeia, o sentir de perto como vivem seus habitantes, o conhecimento exato do que eles sofrem ou deixam de sofrer, como transcorrem suas horas de solidão e outras observações, mais ou menos íntimas, são assuntos por demais explanados em sucessivos empreendimentos desse gênero. E a tal ponto eles se repetiram que o leitor com certeza perdeu o interesse por aquilo que

do ponto de vista jornalístico. A literatura policial passou de moda e o prazer sádico de invadir a seara dos reclusos não tem mais lugar quando tantas e tão violentas emoções a vida quotidiana reserva a cada cidadão do mundo. Que originalidade iríamos proporcionar ao leitor, se nos movesse simplesmente a intenção de contar, aqui fora, alguns lances patéticos porventura colhidos ao contacto com os sentenciados paulistas ou de qualquer outro lugar? Se não estiver disposto a engendrar por conta própria, lançando mão do recurso fictício, o repórter que entrar no

em Carandiru, se ali entrou pensando colher uma notável entrevista coletiva com os presos, sairá decepcionado. E uma de duas: ou inventa ou acabará confessando, público e raso, que muito pouco ou quase nada de espetacular se pode ver e sentir na penitenciária. Antes de tudo, proclame-se que os traços característicos de uma prisão, com a presença constante dos guardas uniformizados e devidamente equipados de armas e munições, desaparece como por encanto, lá dentro. Deparamos com número muito maior de policiais nas ruas da cidade, mesmo à

vindo de divisa entre um mundo e outro.

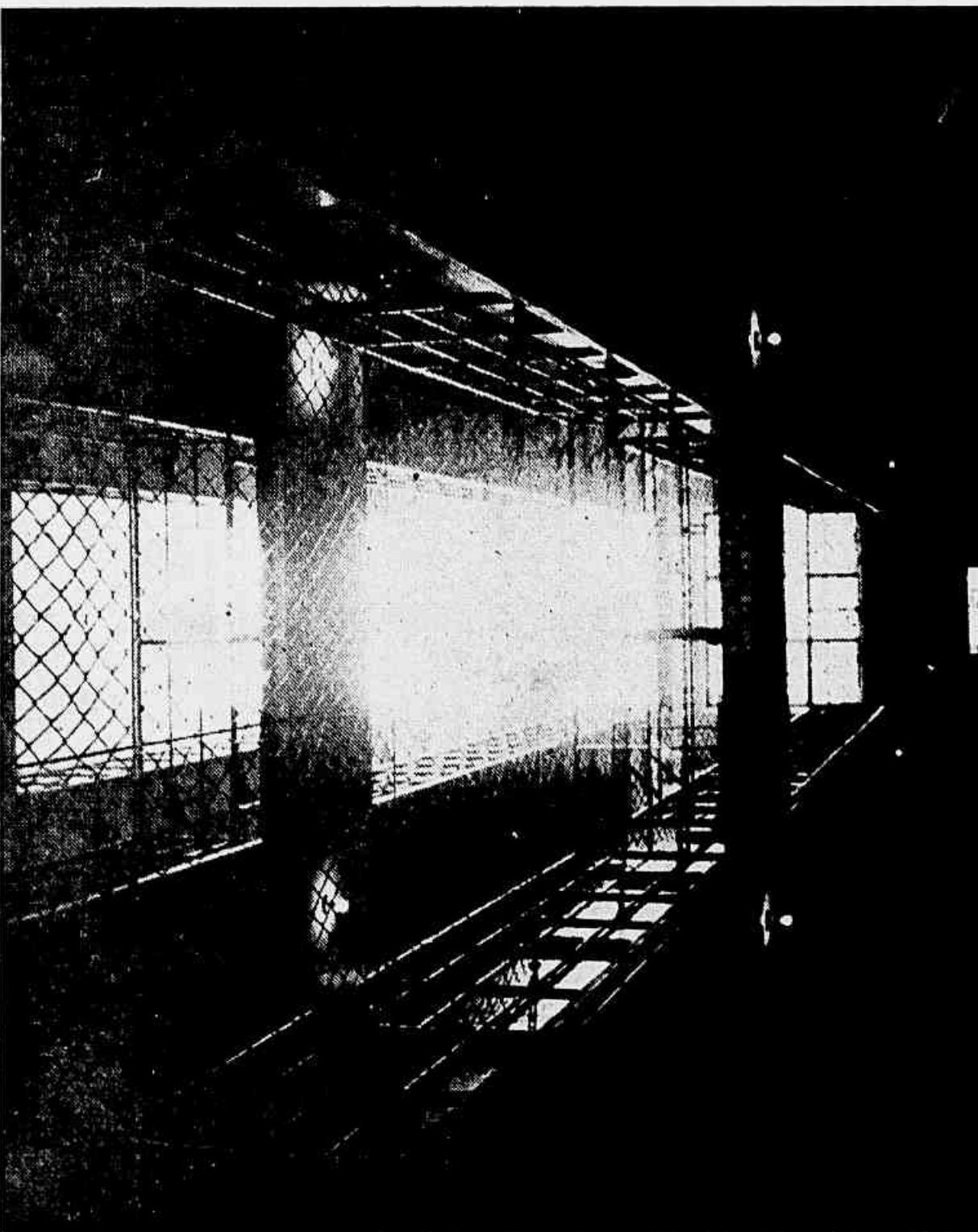
— Isto não é uma prisão no sentido comum do termo e sim uma casa de reeducação e readaptação social de quantos, por contingência de destino, aqui vêm ter — diz-nos o amável diretor penal, sr. José Abolafic, saboreando uma pertumada taça de bom café da terra bandeirante, do qual partilhámos e que nos foi servido por um penitenciário.

E prosseguindo:

— A casa é sua e pode percorrê-la à vontade. Não lhe farei companhia pois



A CELA E A GALERIA—EM CIMA, A ENTRADA DA CELA 102, A PRIMEIRA QUE SE ENCONTRA AO VISITAR A PENITENCIÁRIA. IRREPREENSIVELMENTE LIMPA E ENCERADA FICA, COMO AS DEMAIS, VASIA DURANTE O DIA, QUANDO O SEU OCUPANTE SE ENTREGA AOS AFAZERES QUOTIDIANOS. — EM BAIXO, UM DETALHE DA GALERIA QUE SE REPETE EM CADA PISO. PARA EVITAR POSSÍVEIS TENTATIVAS DE SUICÍDIO, GRADES DE ARAME SÃO COLOCADAS NOS LUGARES APROPRIADOS.



desembaragados e talvez a minha presença o constrangesse no exercício da sua função de reporter. Ande por onde quiser andar, faça as fotografias que melhor entender e cuja censura será exercida pelo senhor mesmo.

Disse e deixou-nos em companhia de um prestativo "cicerone", funcionário da casa, incumbido de nos facilitar o trânsito pela imensa cidade que é a Penitenciária por dentro. E começou então o giro do reporter, palmilhando galerias e longos corredores, cruzando a cada passo com os reclusos, de movimentos livres, tão à vontade quanto o reporter, deslocando-se de uma para outra galeria, sem guardas no encaixe nem vigilantes nas encruzilhadas dessas dependências. Desde que cruzamos o portão central, apenas a observância do regime que nos obrigou a entregar ao chefe da guarda todos os objetos portáteis — um pacote de livros e revistas e outro embrulho de menor importância — nada mais foi de nós exigido. Em troca dos referidos objetos, recebemos um pequeno quadrilátero de papelão com um número impresso: 326. Dentro da Penitenciária, não são apenas os reclusos que perdem a personalidade passando a ser um número, mas também os visitantes hão de submeter-se ao regulamentamento. Em ar de troça, previne o guarda:

— E' bom não extraviar o cartão, do contrário a saída não será muito fácil...

E agora, lá em cima, tudo é tranqueado. As portas e as grades abrem-se como por encanto à medida que avançamos para elas. Os guardas nem sequer pedem a exibição do "abre-te Sésamo!", o cartão 326. Mas o fotógrafo, que nos acompanha de máquina em punho, demonstra uma fisionomia apreensiva, desde quando outro funcionário da casa, por pilhéria, diz-lhe de cara:

— Rapaz, se você não estivesse munido desse cartãozinho eu jurava que fôsse um hóspede da casa...

UMA PRISÃO DE CELAS VASIAS

Nosso primeiro desejo é o de percorrer as celas ocupadas pelos "hóspedes". Desejo que invariavelmente vem a ser o mesmo, de quantos visitam Carandirú, mas que se transforma em uma primeira decepção, tão depressa o "cicerone" guia nossos passos para o local.

E' que, ao contrário de tôdas as suposições, as celas estão desocupadas, as galerias vivem silenciosas, como se a Penitenciária deixasse de cumprir a finalidade há muito tempo e fôsse, agora, um casarão abandonado. Rangem os ferrolhos, escancara-se a porta da primeira cela, entramos e não encontramos ninguém.

— E o sentenciado?

— Está trabalhando. Só os sistematicamente rebeldes, inaproveitados para qualquer serviço, ficam enclausurados durante o dia. Mas são muito poucos.

Sabemos então que às primeiras horas tôdas as dependências abrem-se permitindo que seus habitantes, feita a refeição matinal, venham para outras salas onde se entregam a qualquer afazer. A profissão exercida pelos homens — e as mulheres também — quando livres, continua desempenhada mesmo depois. Os alfaiates vão costurar uniformes e outras roupas que chegam a ser vendidas fora da Penitenciária, os marceneiros vão fazer móveis, os tipógrafos encontram uma oficina gráfica para o desempenho de seus misteres, os sapateiros batem sola e até os trabalhadores de campo encontram um pedaço de terra, um cantieiro, uma horta para cultivar. Ninguém fica de braços cruzados, meditando, entregue à solidão, a menos que seja um revoltado, e se o for o pior será dele. Mas as oportunidades para distrair o espírito e produzir qualquer trabalho, cujo pagamento será feito mensalmente, não faltam.

— Quando esses homens entram nesta casa, precisam ser reeducados, mas não devemos esquecer que eles serão devolvidos à liberdade algum dia e precisam levar algum pecúlio para começar vida nova.

As oficinas da Penitenciária são, por isso, enormes e de grande eficiência. O visitante tem ocasião de observar o andamento dos serviços. Tudo o de que a casa necessita é confeccionado nessas oficinas e, além disso, a Penitenciária tam-

bém fornece diversos artigos a outras repartições do Estado.

Dentro da cela, ampla e arejada, com uma espaçosa janela para o pátio, assoalho brilhante e recentemente encerado. Janela os cuidados de seu habitante. As peças são em reduzido número: cama de armar, que permanece em posição vertical, presa à parede durante o dia. aparelho sanitário e uma pequena mesa onde o sentenciado guarda seus apetrechos de uso diário e que também se converte em secretária. Livros, revistas, material escolar, tudo atestando o grau de atividades do preso. À tardinha, quando as sinetas se fazem ouvir, vão regressando as turmas aos seus aposentos, fecham-se as oficinas, tudo é silêncio e respeito. Nas paredes, pequenos dísticos: "Seja bom". E quadros, vários quadros traduzindo conselhos aos reclusos, sobre as consequências fatais do alcool, do fumo e da vadiagem.

REDUZIR AO MÍNIMO O ISOLAMENTO CELULAR DO RECLUSO

Quando levamos a efeito nossa peregrinação pela Penitenciária, realiza-se em São Paulo a Semana de Higiene Mental. E' também quando o professor Flaminio Fávero, diretor geral do Departamento de Presídios do Estado, faz oportunas declarações à imprensa. E diz:

— A higiene mental, entrando nas prisões, o faz pela mão da nova orientação da ciência penitenciária, reduz ao mínimo possível o isolamento celular do recluso. Em regra, só à noite para o repouso pelo sono. A sabedoria do tratamento penal está em encher o tempo de cada dia do recluso. A maior parte dele será dedicada ao trabalho que é a higiene física e mental, sendo valioso derivativo para suas medicações intoxicantes. O restante em recreio, ginástica, e tudo, alimentação, etc. E tudo ou quase tudo em comum. A vida social intensa e abundante é profilaxia mental e é educação adequada para a realidade da vida livre. Nada de artificialismo. Do contrário, pela liberdade que virá um dia, o entchoque será nocivo e até fatal. Hoje, sem a luz norteadora da higiene mental, não é possível tratar criminosos. Por isso, devem os especialistas — médicos ou não — ter ação marcante nos presídios, para orientar as melhores normas de execução da sentença.

Esses princípios estão sendo sabiamente aplicados na Penitenciária bandeirante, tal como pudemos observar.

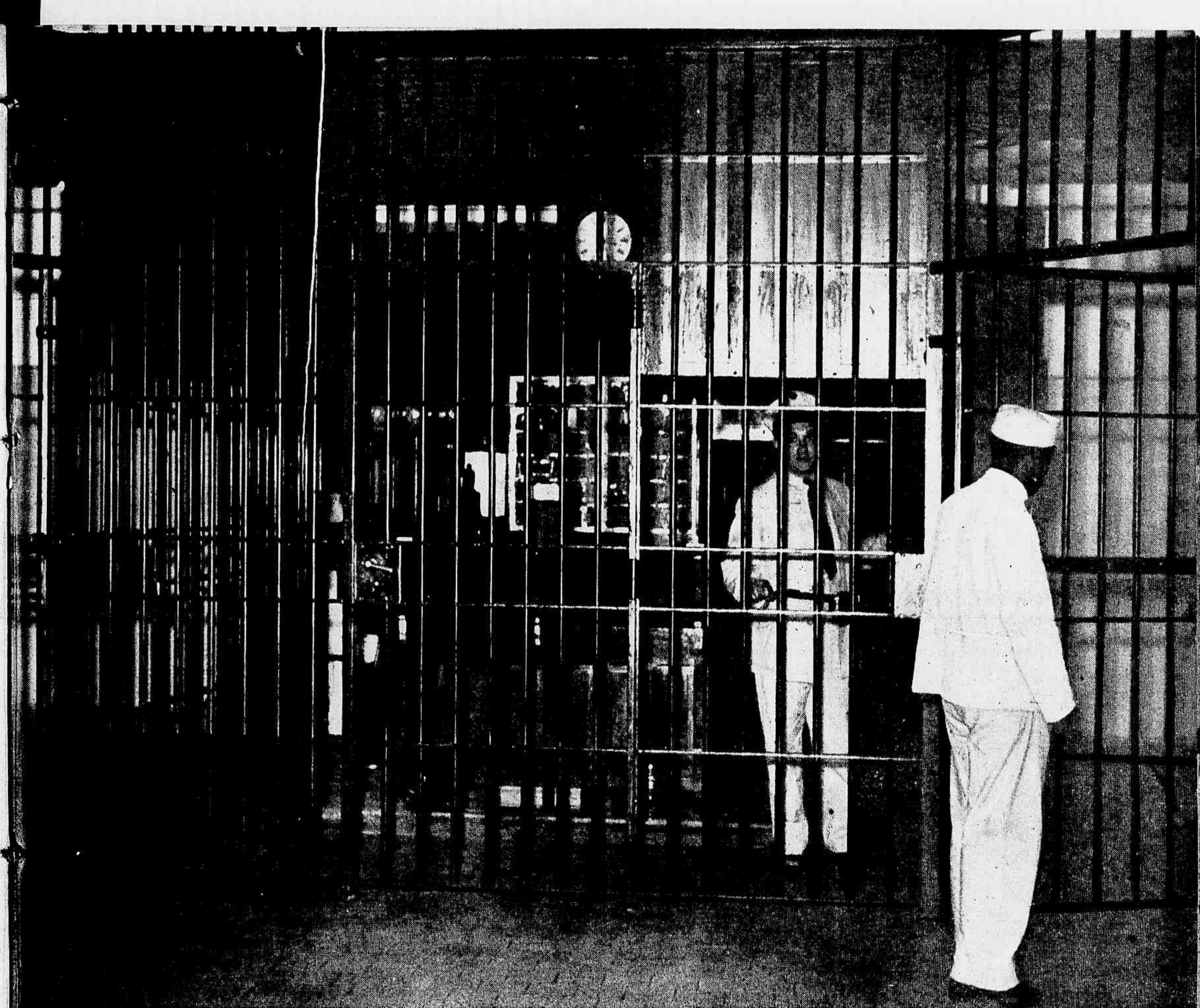
OBRA DE PROFILAXIA DA HIGIENE MENTAL

Agora o professor Flaminio Fávero explica de que modo a higiene mental pode atuar na profilaxia dos reclusos:

— De início, pelos órgãos adequados, estudando a constituição de cada recluso. Na Penitenciária do Estado, o Instituto de Biotipologia se encarrega desse mister, examinando e observando cuidadosamente cada sentenciado. E isso, desde o seu ingresso. Cabe mesmo ao Instituto em grande parte dar parecer sobre a possibilidade de permanecer ou não o penitenciário recém-chegado no regime de prova estabelecido pelo Código. Se os médicos psiquiatras verificam tratar-se de um homem portador de predisposição psicopática com tendência à evolução para estado mais grave, pelo isolamento celular, solicita desde logo sua ida ao trabalho e ao regime comum, como profilaxia. Graças à boa orientação do novo Código, vasado em excelentes normas de higiene mental, hoje o regime de prova, ou seja o primeiro estágio da pena, é reduzido normalmente a três meses no máximo, sendo facultado, porém, encurtá-lo ou até suprimi-lo. E assim, muita psicose será evitada, afastando-se um dos seus fatores contribuintes, o isolamento celular. Em São Paulo, este assunto das psicoses ditas carcerárias, foi exaustivamente estudado pelo sr. Luiz Pinto de Toledo, em esplêndida tese de doutoramento, apresentada em 1934 à nossa Faculdade de Medicina e baseada em boa cópia de observações.

Mais adiante, ainda o prof. Fávero alude novamente à higiene mental:

— No âmbito de ação que mais de perto me interessa, nas funções que ora exerço, de diretor geral do Departamento de Presídios, a higiene mental traça normas de grande eficiência profilática, quer atuando sobre o recluso, quer sobre o



25 RANGEM OS GONZOS E O GUARDA PERMITE A PASSAGEM — SEJA OU NÃO SENTENCIADO, NINGUEM ATRAVESSA O PORTÃO DE GROSSOS VARAIS DE FERRO SEM O CONSENTIMENTO DO GUARDA. ESTE PERMANECE DENTRO DO SEU "ESCRITÓRIO" DE GRADES, FAZENDO FUNCIONAR A MANIVELA QUE ABRE E FECHA, AUTOMATICAMENTE, DUAS PORTAS EM COMBINAÇÃO. ESSE GUARDA É PRATICAMENTE O RESPONSÁVEL PELOS HOMENS QUE ESTÃO FORA DE CADA GALERIA ONDE SE ENCONTRAM AS SUAS CÉLAS. QUANDO SAEM, ANOTA-LHE O NÚMERO RESPECTIVO, DANDO BAIXA AO ENTRAREM, MAIS TARDE. HÁ UM PERFEITO SERVIÇO DE SINCRONIZAÇÃO ENTRE AS PORTAS AUTOMÁTICAS, DE GALERIA PARA GALERIA.

egresso da Penitenciária. O recluso que cumpre pena não deve ser considerado como um indivíduo em castigo. É, sim, um doente moral em tratamento. Tem uma personalidade que se revelou desajustada para a vida em sociedade, por obra de um transtorno constitucional ou de uma inadequação ambiente. A revelação foi, pelo crime, sintoma de verdadeiro estado mórbido que deve ser combatido. Há muita gente desajustada no meio por fator biológico ou social, mas que não exteriorizou sua disfunção. E vai vivendo, tolerando o meio ou sendo por ele tolerado, até a explosão do sintoma. Este clama pelo tratamento do mal. A prisão que a pena determina é a hospitalização. No presídio, vai agir a terapêutica médico-educativa indicada. A execução da sentença, que principia a terapêutica de reforma e de reajustamento, deve oferecer os meios necessários para o escopo verdadeiro da pena, sem juntar outros malefícios aos que o recluso já tenha. Dentre esses malefícios, um convém ser lembrado e que interessa de perto à higiene mental: refiro-me então à psicose de prisão. Sem dúvida, não há uma forma clínica que mereça esse nome. Mas existem distúrbios mentais que surgem ou se agravam ou se revelam no cárcere.

O "NOSSO JORNAL" DOS PRESIDÁRIOS

Devidamente registrado no DIP, circula dentro dos muros da Penitenciária o "Nosso Jornal", em grande parte redigido e todo composto e impresso nas oficinas

gráficas daquele estabelecimento. Um exemplar do número 14, aparecido em fins de Agosto, edição de quatro páginas no formato 20x30, oferece aos leitores variado noticiário e ampla colaboração. A parte editorial é uma "Carta ao Sentenciado", carinhosamente elaborada pelo

diretor da casa. Na página seguinte, encontra-se o registro das impressões que ilustres visitantes deixaram no livro apropriado, destacadamente os diretores de outras penitenciárias brasileiras. As colaborações dos reclusos não trazem a assinatura, mas o número. O sentenciado

7545 publica estes versos dedicados "A minha mãe":

Oh! minha mãe bem amada,
Não julgues sem caridade;
Não me creias criminoso,
Sem te contar a verdade.

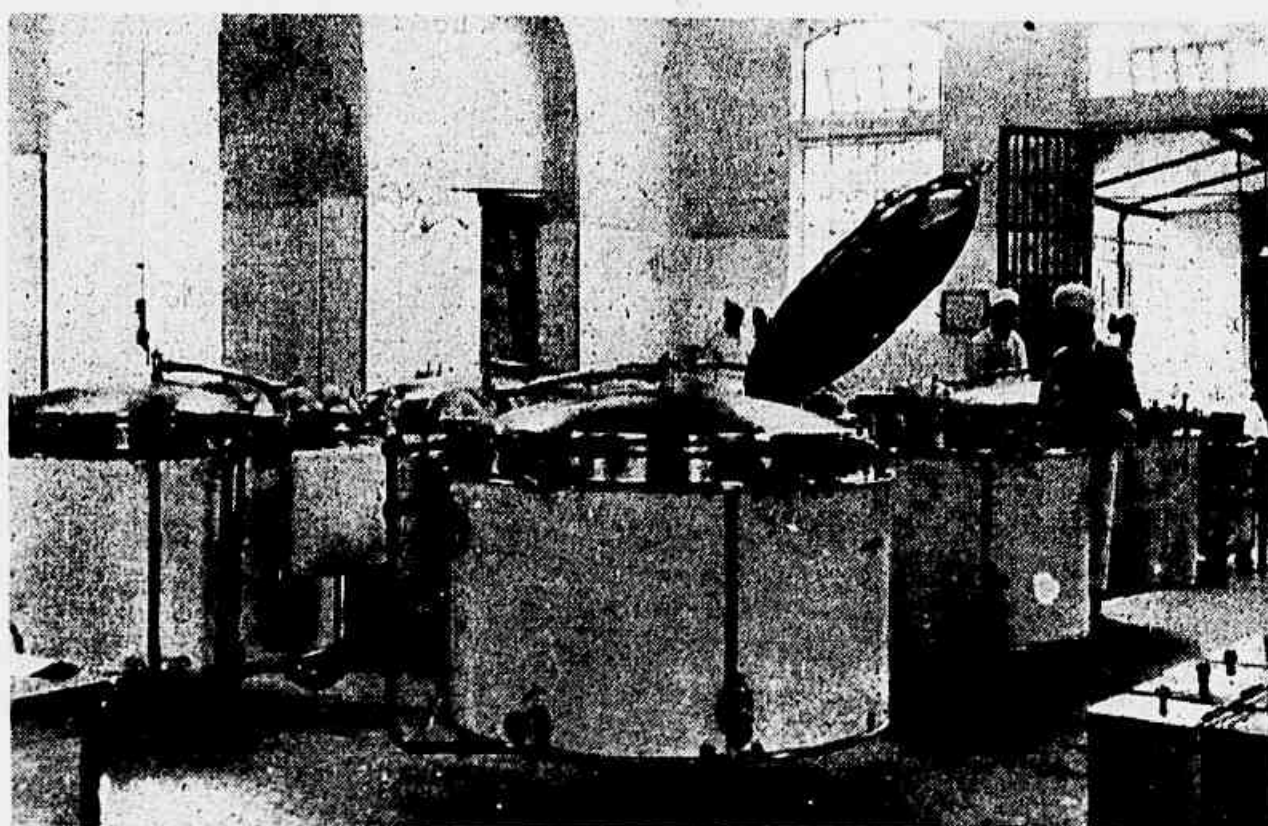
Eu não ouvi teus conselhos;
Preferi trevas à luz...
Vi o fruto do pecado,
Na senda em que nos conduz.

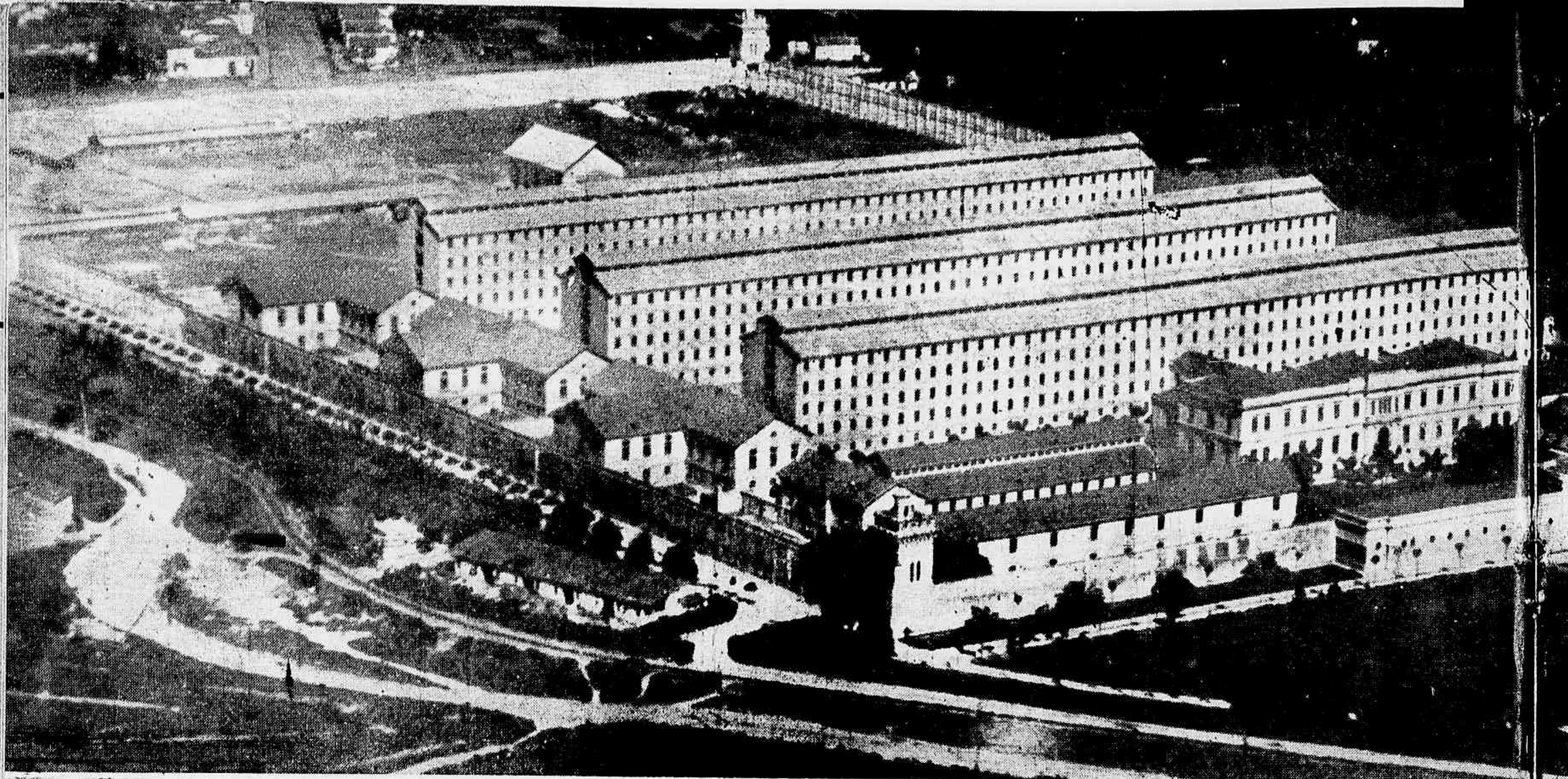
Hoje eu choro arrependido,
Sem o meu pranto estancar;
Chamo por ti, mãe querida,
E não me vens consolar!...

Oh! minha mãe muito amada
És lindo anjo de luz;
Em teu nome deixo as trevas.
Sigo os passos de Jesus!

Mas também a Semana da Pátria merece um comentário especial, publicado em página destacada, de autoria do preso n.º 7611. Nem por estarem isolados da sociedade, os reclusos deixam de interessar-se pelos assuntos de ordem cívica. "O sentenciado é um valor humano em indisponibilidade social, mas se integra no todo da "grande família brasileira" — escreve esse homem. "Todos possuem

PREPARANDO O JANTAR — COZINHA MODELO, SEM RACIONAMENTO DE CARNE. ONDE SE PREPARAM AS REFEIÇÕES PARA OS SENTENCIADOS E TODO O PESSOAL DE SERVIÇO. OS COZINHEIROS SÃO TAMBÉM PRESOS. POUCOS HOTEIS DO RIO E SÃO PAULO PODERÃO FRANQUEAR AOS SEUS FREGUESES UMA COZINHA TÃO LIMPA...

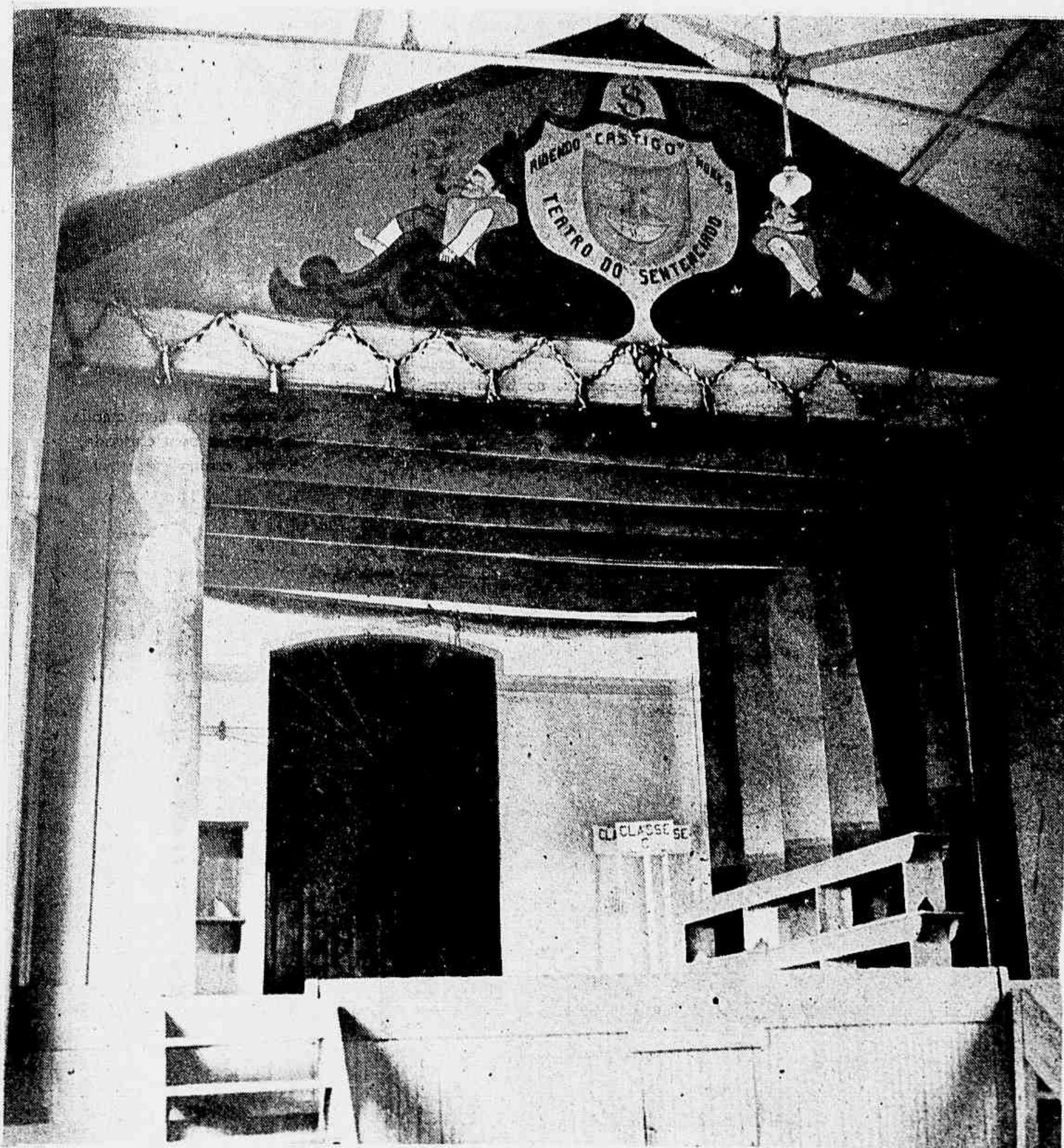


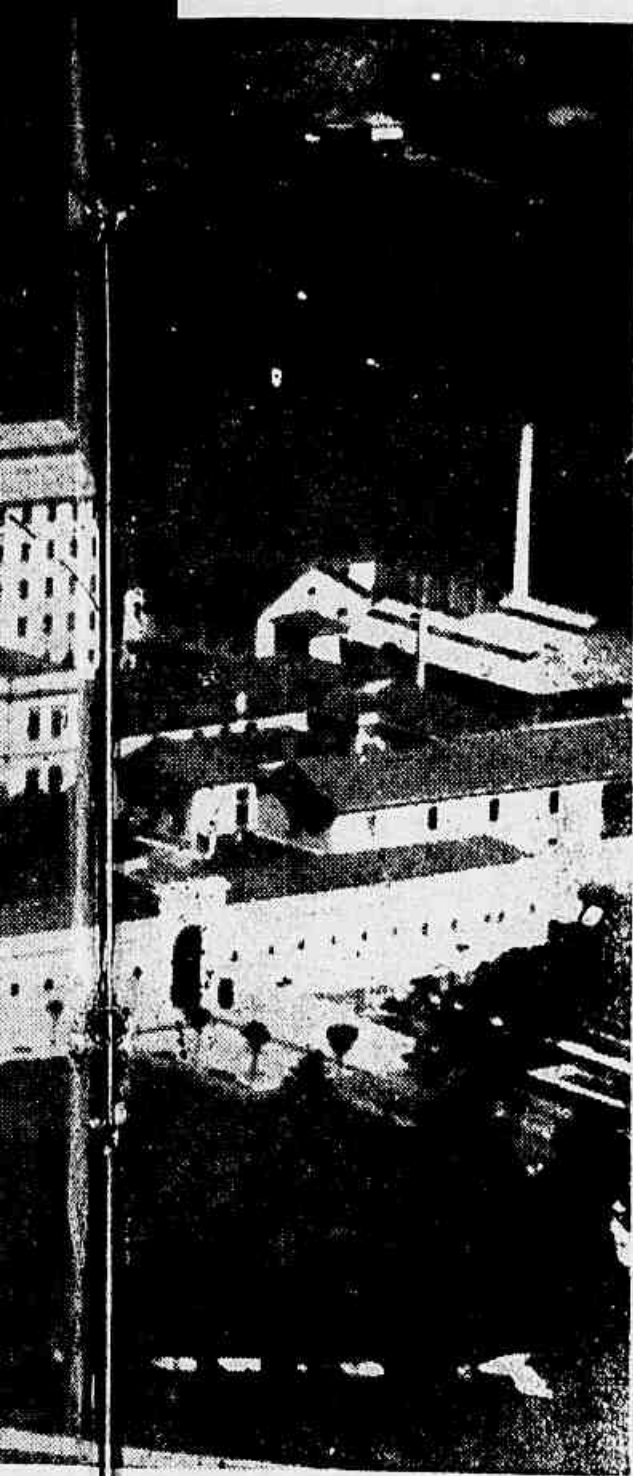


A PENITENCIARIA VISTA EM CONJUNTO — SÃO VÁRIOS E EXTENSOS PAVILHÕES ONDE OS RECLUSOS NÃO FICAM ENCLAUSURADOS, MAS ONDE SE MOVIMENTAM, TRABALHAM E SE DIVERTEM. TAL NÃO É POSSÍVEL TRATAR OS CRIMINOSOS", DECLAROU RECENTEMENTE O PROFESSOR FLAMÍNIO FÁVERO, DIRETOR DESSA PENITENCIARIA-MODELO, CUJO MÉTODO DE FUNCIONAMENTO TEM APLAUSOS DE FAMOSOS CRIMINALISTAS ESTRANGEIROS. ALI SE PREPARA A REEDUCAÇÃO DOS INDIVÍDUOS QUE, POR QUALQUER FATALIDADE, PRATICARAM UM CRIME. E DALI SAEM, MUITAS VEZES, PRO NA SOCIEDADE, NA QUAL ACABAM TORNANDO-SE ELEMENTOS DE ABSOLUTA EFICIENCIA.

O TEATRO DO SENTENCIADO — HA CINEMA E TEATRO DENTRO DA PENITENCIARIA. AQUI ESTÁ O PALCO ONDE JÁ TEM SIDO REPRESENTADAS MUITAS PEÇAS. ALI TAMBEM SE REALISAM CONFERENCIAS E EM ALGUNS CASOS OS PROPRIOS SENTENCIADOS SE DIRIGEM AOS COMPANHEIROS. O CINEMA FUNCIONA REGULARMENTE UMA VEZ POR SEMANA PARA UMA PLATÉA DE VÁRIAS CENTENAS DE ESPECTADORES. OS FILMES SÃO PRÉVIAMENTE CENSURADOS PELA DIREÇÃO DA CASA.

GUARDAS INTEIRAMENTE DESARMADOS — OS GUARDAS ESTÃO DESARMADOS CONFUNDINDO-SE COM OS PRISIONEiros. TENDO ANIMADA PALESTRA. PROCURA-SE REHABILITAR MO QUE UMA FATALIDADE JOGOU PARA AQUELA CASA. UM DI Á LIBERDADE E PRECISA FAZE-LO EM CONDIÇÕES DE PERF SOCIEDADE. POR ISSO OS GUARDAS PARECEM ESTAR SERVI PARTIÇÃO E NÃO EM UMA CDEIA





E DIVERTEM. "SEM AJUDA DA HIGIENE MENTAL, O PRESO TEM RECEBIDO OS MAIS CALOROSOS E AS VEZES PRONTOS PARA SE REINTEGRAREM

ADOS — TANTO QUANTO POSSÍVEL. O-SE COM OS PRESOS E COM ELES MAN- ABILITA MORALMENTE O INDIVÍDUO. CASA. UM DIA ELE SERÁ DEVOLVIDO OES DE PERFEITA REINTEGRAÇÃO NA ESTAR SERVINDO EM QUALQUER RE- UMA CIDEIA.



sentimento inquebrantável. Todos alme- jam o sentir com júbilo a vitória das Na- ções Unidas. Todos os reclusos brasilei- ros têm "coeficientes" de amor à Pátria e desejariam derramar seu sangue pela defesa do Brasil!"

E aludindo diretamente às festas do 7 de Setembro:

"Associando-nos às comemorações pa- trióticas, nós, os sentenciados, cheios de orgulho por havermos nascido nesta terra abençoada pela imutável cruz cintilante do nosso firmamento, declaramos peren- toriamente que a Semana da Pátria é um período-símbolo de exortação cívica, mas afirmamos que o brasileiro cômico

de seus deveres não aguarda para dizer que ama o Brasil apenas nesta semana, porque cada filho do Colosso Sul-Ameri- cano é uma existência em holocausto à Pátria, que é o berço vital onde, pela vez primeira, sentimos a luz na sua maravi- lhosa beleza de Deus e o beijo materno inesquecível. Viva o Brasil!"

ATRAVE'S DAS GRADES, OUTRAS GRADES — OS SENTENCIADOS FICAM NAS CÉLAS APENAS DURANTE A NOITE E AS HORAS DE REFEI- ÇÃO. AS JANELAS, NATURALMENTE, ESTÃO MUNDAS DE GRADES, POR ONDE SE DISTINGUEM, ATRAVÉS DO PÁTIO, AS GRADES DAS JANELAS DE GALERIAS FRONTEIRAS ONDE OUTROS PRESOS REPOUSAM PARA O SERVIÇO DO DIA SEGUINTE. UM DIA ELES TERÃO CUMPRIDO SUAS PENAS E NÃO DE DORMIR EM QUARTOS COM AS JANELAS ABERTAS DE PAR EM PAR. SERÁ O PREMIO DA BOA CONDUTA QUE HAJAM TIDO NA PEN- TENCIÁRIA, PRINCIPALMENTE SENDO FAVORECIDOS PELO LIVRAMENTO CONDICIONAL.



O NOSSO JORNAL

REGISTRADO NO D. I. P.

(ÓRGÃO DOS SENTENCIADOS DA PENITENCIÁRIA DE SÃO PAULO)

ANO II

São Paulo, Agosto de 1944

N.º 14

Dr. Marrey Júnior

Cartas aos sentenciados

XIII

Meus amigos!

Sabéis para que estamos aqui neste mundo?

Será para gozar a vida e egoisticamente tirar dela o maior proveito possível?

Não, meus bons amigos. Aí estaria uma finalidade materialista e deprimente para nós.

Nossa missão é mais elevada, mais sublime. Vivemos para amar e glorificar a Deus, Criador e Senhor de tudo o que há, e, assim, Criador e Senhor nosso. E para amar e servir ao nosso próximo, num espírito de fraternal simpatia.

Para desempenhar essa tarefa, precisamos dar o melhor de nossos esforços, durante os dias, tão rápidos e fugazes, que aqui na terra passamos.

E quanta gente boa há ao redor de nós que, compenetrada desse dever, caminha sua jornada pelo mundo, amando, glorificando e servindo...

Lêde está história. Em certa cidade, havia um homem servil e modesto. Fugindo-lhe um cavalo do pasto e indo para a propriedade do vizinho, este prendeu o animal e o levou para o depósito público. Em seguida, comunicou o ocorrido ao interessado, acrescentando que de outra vez faria o mesmo.

— Meu vizinho, lhe disse o outro, há dias, olhando pela janela, vi sua vaca em minha horta. Tomei a liberdade de levá-la ao seu pasto, fechando depois a portela...

O vizinho ficou tão impressionado com a atitude do bom homem, que foi ao depósito municipal, pagou a multa devida, retirou o cavalo e entregou-o ao dono.

Que achais disso? Não será melhor empregar o tempo em servir ao próximo e fazer boas obras?

Que paz e que alegria a gente goza com isso!

Vosso Diretor e amigo:

Flaminio Fávero.

Paulo, o fazendo-lhe sobressair a atividade em todos os pontos que os governos e o povo bandeirante lhe confiam.

Foram verdadeiramente empolgantes as manifestações de carinho e apreço recebidas pelo sr. Dr. Marrey Júnior, digníssimo Secretário da Justiça, por ocasião do transcurso do seu aniversário natalício, ocorrido a 7 do corrente.

Movimentaram-se funcionários públicos, serventários da Justiça, sindicatos trabalhistas, amigos e admiradores do eminente aniversário, para expressarem a sincera amizade que consagram a S. Excia.

Vários minutos de real valor artístico e lindos corbelhos de flores naturais recebeu S. Excia., como demonstração respeitosa e carinhosa de velhas e novas afeições.

Todas as pessoas portadoras se ocuparam do acontecimento, tecendo a S. Excia. elogios merecidos e ressaltando-lhe os atributos de inteligência e coração, os serviços prestados à causa pública, em os diversos setores em que S. Excia. tem atuado, com acionado civismo e legítima abnegação.

Aqui na Penitenciária, onde S. Excia. conta com a inelutável administração de seus diretores, do seu funcionalismo e dos próprios detentos, muitos dos quais lhe são devedores de inestimáveis serviços, determinou o sr. prof. Dr. Flaminio Fávero, diretor geral do Departamento do Presídios e organização de um programa festivo, que foi executado e que vem abaixo transcrito.

Reunidos os diretores do Presídios, bem como funcionários e sentenciados, no salão nobre, o sr. Dr. Flaminio Fávero, diretor administrativo, que substituiu, na ocasião, o sr. diretor geral, ausente por motivos de força maior, presidiu a sessão, expondo-lhe os motivos e dando, em seguida, a palavra ao sr. Dr. João Rodrigues Merello, chefe da Seção Administrativa do Instituto de Biologia, que, num brilhante discurso, focalizou a personalidade do sr. Dr. Marrey Júnior, analisando-lhe a vida pública, desde o seu início em S.



A CHAVE DA PORTA DO "PARAÍSO"... — O PESSOAL DA PENITENCIÁRIA E OS PRESOS, ALIMENTAM O MAIS SADIO BOM HUMOR. QUANDO FOTOGRAFAMOS A CHAVE DA ENTRADA PRINCIPAL DO EDIFÍCIO, UM DELES TIMBROU EM DIZER-NOS QUE ESSA ERA A "CHAVE DO PARAÍSO". LÁ DENTRO, TODOS SE ENCONTRAM "A CAMINHO DO CÉU", EMBORA SE MANIFESTEM POR UNANIMIDADE EM FAVOR DA LIBERTAÇÃO. DALI PARA DENTRO, NINGUEM PODE ENTRAR COM EMBRULHOS. NEM UMA REVISTA, SIQUER. TUDO É ENTREGUE NA PORTARIA, E DEVOLVIDO AO VISITANTE NA HORA DA SAÍDA. — EM BAIXO, À ESQUERDA, QUADRO DE AUTORIA DE UM SENTENCIADO.

Comentando esse artigo, diz-nos o sr. José Abolafio, diretor penal:

— Estimulamos o trabalho mental dos reclusos porque eles podem, assim, melhor libertar-se do complexo de inferioridade no qual, via de regra, mergulhavam os sentenciados. Esse homem a quem se faculto o direito de dizer, em letra de forma, o que pensa sobre a guerra, o Brasil e a data da Independência, quando sair daqui, terá maior estímulo para começar vida nova, em perfeita forma com a coletividade sadia e integrado plenamente na sociedade.

Mas a veia poética dos reclusos é inesgotável. As colaborações, em "Nosso Jornal", são preferentemente nesse estilo. Também o sentenciado n.º 7407 — não interessam o nome nem o crime que praticou — inspirou-se, talvez por ocasião do sepultamento de algum companheiro, e publicou estes versos sob o título "A voz do sino":

Tocam sinos a finados,
Badalando uma ária triste,
Que o coração não resiste
E põe-se logo a chorar;
Pois nele jazem guardados
Amores, vãs esperanças,
E amarguras lembranças,
Que a mente quer recalcar!

A voz plangente do sino
Anuncia a retirada
Duma alma desencarnada,
Que já deixou de existir...
Talvez seu viver fôsse hino
Ou canto triste e macabro,
Ante o enorme descalabro,
No momento de partir!

E o leitor do "Nosso Jornal", sentindo bem de perto o estado de alma do recluso que produziu esses versos simples, denunciando um poeta deficiente mas, de qualquer modo, um homem não infenso

às reações humanas, há de por força abençoar a orientação dada pelos atuais mentores da Penitenciária a esse estabelecimento de tão altas finalidades.

— Os presos não nos pertencem — diz-nos ainda o diretor penal. — A qualquer momento que nos tenha chegado uma ordem de libertação, só nos resta um recurso, franquear-lhe a porta de saída. Por mais de vinte e cinco anos venho trabalhando aqui dentro. E quanta, quanta gente hoje perfeitamente reabilitada, lá fora, não encontrou dentro destas paredes o ambiente apropriado para salvar-se!

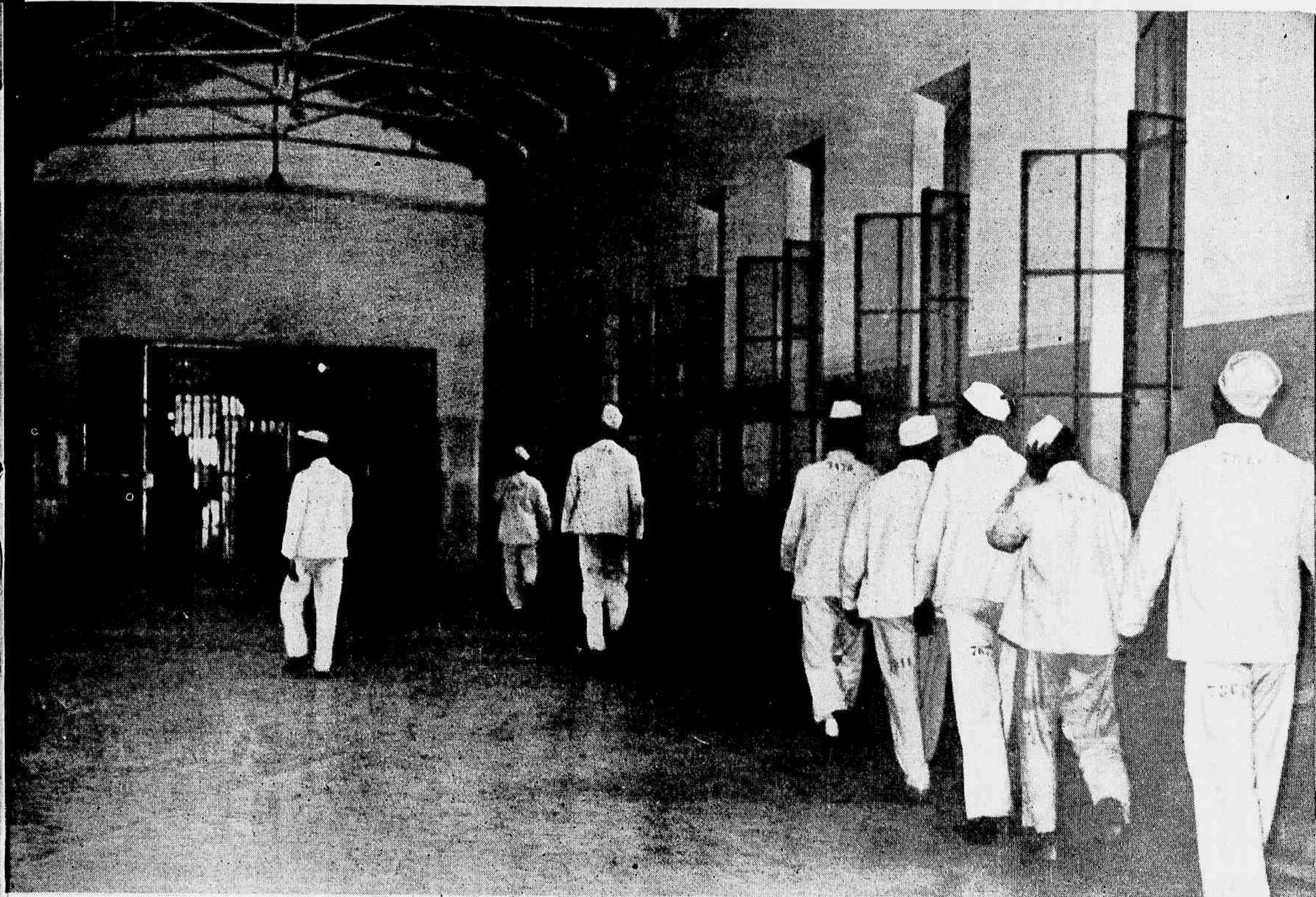
— Mas há outros que voltam... atalhamos.

— Sim, há. Os duplamente infelizes, os que não podem fugir a um destino miserável. Para esses, nossos cuidados são ainda mais apurados, porque o reincente é o enfermo que ainda não encontrou cura. E nossa função é a de aplicar com o melhor sucesso essa terapêutica, devolvendo-os à coletividade perfeitamente sadios de alma e coração.

FLAGRANTES AVULSOS

Já dissemos que todas as dependências da Penitenciária foram franqueadas ao reporter. Por espaço de uma tarde inteira, privámos com os autores de tantos crimes, uns mais tenebrosos, outros menos, mas em nenhum deles encontrámos palavras de revolta. Há os conformados, entregando-se silenciosamente ao seu trabalho, como si estivessem num escritório ou em qualquer fábrica, das tantas que São Paulo possui, dando conta da tarefa diária e aguardando o toque da sirena para regressar a casa. Outros, aparentando fisionomias alegres, trocam ligeiras palavras conosco. Não os interelamos sobre o motivo de ali se encontrarem, porque é preciso esquecer. O esquecimento





será meio-caminho percorrido para a cura do paciente. E' do regulamento falar pouco ou mesmo nada, o que não impede que haja conversas, em cada canto, mas todas mantidas sem delongas. Os sentenciados dividem o tempo nos afazeres, no repouso e no divertimento. Há um pequeno teatro e uma sala de projeções cinematográficas, funcionando em dias de terminados. No primeiro, além dos espetáculos, realizam-se conferências, de resto muito frequentadas. Os filmes são selecionados e assistidos por turmas. Existindo na Penitenciária mais de mil indivíduos, distribuídos pelas várias galerias, nem todos poderiam assistir às funções de uma vez. Dividem-se em grupos e todos se divertem.

Nossa peregrinação estendeu-se à cozinha-modelo, onde todo o trabalho é também exercido pelos presos. E da qualidade do alimento será bastante dizer que não só os reclusos o consomem, mas todo o pessoal da Penitenciária, inclusive os diretores, quando ali se encontram nas horas de refeições.

Os presos com vocação artística — pintores, escultores, principalmente — encontram campo de atividade. A sala de belas artes é uma das mais agradáveis de estar. Nem todos os trabalhos expostos são de grande mérito, sem dúvida, mas não se trata de cultivar apuradamente o pendor artístico de cada um, sinão de proporcionar-lhe ensino para, dedicado a esse labor, menos tempo sobrar-lhe para sentir a triste realidade em que se encontra. Mesmo assim, o visitante encontrará apreciáveis manifestações de arte. E disseram-nos que algumas vocações, inteiramente desconhecidas antes do indivíduo ser enclausurado, ali vieram a registrar-se. Pintores, escultores, poetas e romancistas, gravadores, autores de teatro e jornalistas amadores têm saído dessa instituição, para um melhor cultivo de idéias e realizações, ao convívio regular com a sociedade.

Na sala de aulas, deparamos com um pequeno grupo de alunos, entregue às lições daquele dia. Um pouco de aritmética, algumas noções de gramática e de história podem esclarecer o sentenciado e abrir-lhe horizontes novos e amplos.

Na oficina de encadernação, o visitante encontra um dos mais famosos criminosos: Meneghetti, razoavelmente alquebrado pe-

la idade e, como quase todos, dedicado ao seu mister. Quando se poderia imaginar que Meneghetti fosse mantido em reclusão contínua, dada a fama de perigoso elemento, de que desfruta, é de fato impressionante encontrá-lo tão à vontade, falando pouco, pedindo que o deixem em paz, confundindo-se com os demais. Frequentemente os jornais publicam espetaculares reportagens obtidas com o famoso falsário. Nós o encontramos, porém, alheio por completo a qualquer arremetida e transformado, na encadernação da Penitenciária, em um manso e inofensivo ancião.

— Mas temos lido que Meneghetti é um revoltado e um dissimulador...

— Se lhe alimentarem esse feitio, ele o conservará indefinidamente — dizem-nos. Nós, todavia, preferimos aglomerar os criminosos, dando-lhes essa oportunidade de se misturarem formando um "todo" anônimo sumamente útil para eles. Quando se adquiriu uma triste celebridade igual à de Meneghetti, a maior compensação que a Natureza pode dar-lhe é a de uma acomodada obscuridade.

Rumamos para outra dependência da casa. E meditamos sobre a grande prova que a atual diretoria da Penitenciária está levando a efeito.

— E o problema sexual?

Nosso interlocutor não se surpreende.

— Há de ser resolvido com o tempo, naturalmente. Por enquanto é prematuro fazê-lo. Devemos levar em conta que há menos de dois anos esta grande experiência está sendo realizada.

— Mas em algumas penitenciárias de outros países...

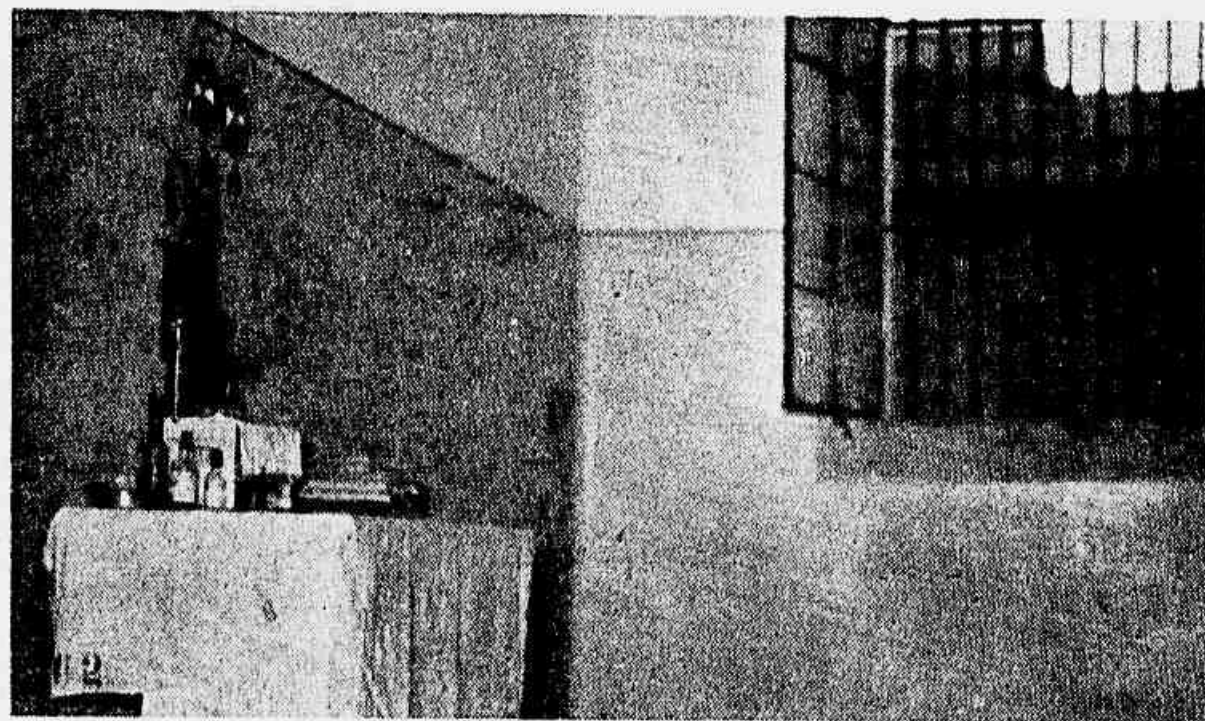
— Já o sabemos. Em outros países também esse problema é racionalmente solucionado. Aqui o será. Ainda é cedo.

O pavilhão feminino não apresenta características diferentes, salvo as provocadas pela variante do sexo. Nele também as sentenciadas trabalham e recebem a melhor assistência. Instrução, educação, trabalho e recursos médicos andam de mãos dadas através das amplas, higiênicas e confortáveis dependências.

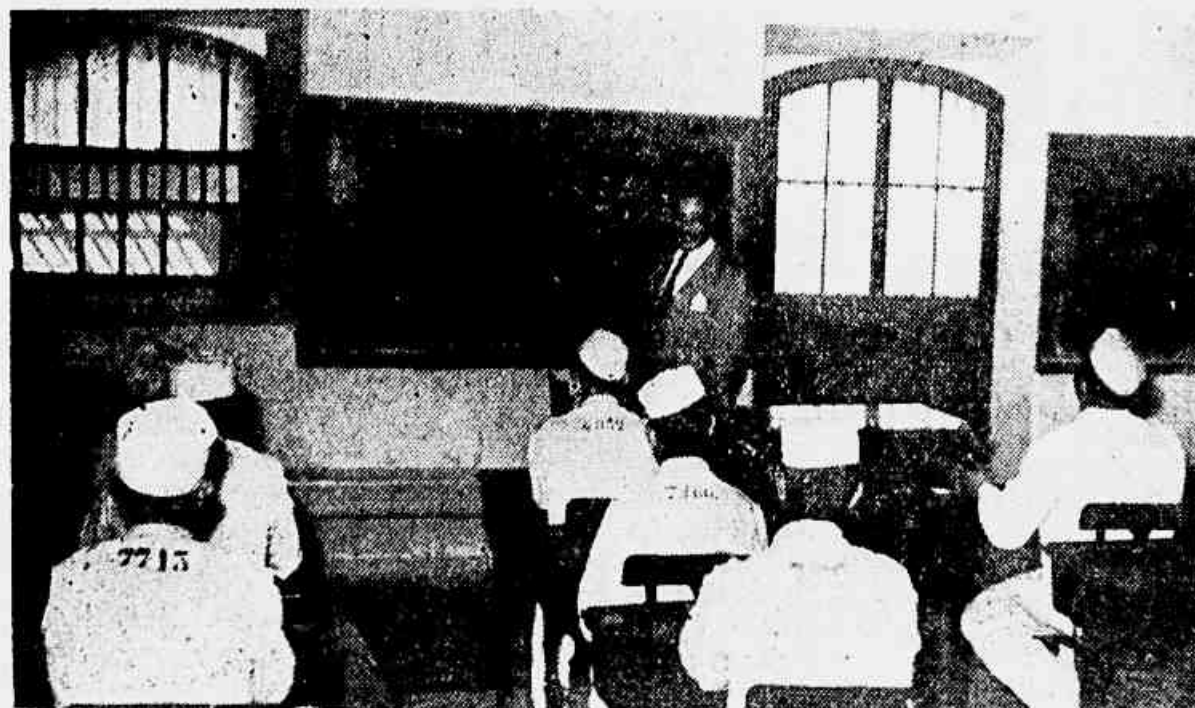
Quando indagamos, ao acaso, de um sentenciado que passa ao nosso lado.

Continua na pág. 39

DE VOLTA DO TRABALHO — QUANDO O RELOGIO MARCA AS CINCO E MEIA DA TARDE, FAZ OUVIR-SE UMA SIRENE EM TODAS AS DEPENDENCIAS. E COMEÇA O DESFILE DOS SENTENCIADOS, ONDE QUER QUE SE ENCONTREM — NOS PÁTEOS OU NAS OFICINAS — RUMANDO PARA AS CÉLAS. VÃO JANTAR E DEPOIS DORMIR. MAIS UM DIA QUE PASSOU... MENOS UM DIA PARA GANHAR A LIBERDADE



EM CIMA — A MESA DE TRABALHO E DE LEITURA DE UM SENTENCIADO. LIVROS DE ESTUDO, APETRECHOS DE "TOILETTE", RETRATOS DA FAMILIA, TUDO CUIDADOSAMENTE TRATADO. NÃO FALTA, SIQUER, O VIDRINHO DE MERCURIO-CROMO. — **EM BAIXO**: AULA EM PLENO FUNCIONAMENTO. QUANDO ALI ESTIVEMOS, O PROFESSOR DAVA UMA LIÇÃO DE ARITMÉTICA AOS SENTENCIADOS. ELES NÃO TÊM NOME. SÃO APENAS NUMEROS. O NOME LHE SERÁ DEVOLVIDO NO DIA DA LIBERTAÇÃO.



O PALHAÇO O QUE É?

"SEMPRE DEI SORTE AOS EMPRESARIOS" — A FORTUNA DE BENJAMIM — O PALCO NO CIRCO — ATAIDE MARCONDES DA' UM SAPATO A BENJAMIM — UMA TRAGÉDIA NO CAMARIM — O FISCAL DA PREFEITURA ERA "PENETRA" — POR QUE SÃO TRISTES OS PALHAÇOS? — "VOU PRA MINHA TERRA VER O DIA AMANHECER E A NOITE CHEGAR" — E SE O CONVIDASSEM PARA TRABALHAR NO CASINO? — MEU LUGAR É NO PICADEIRO" — O SUCESSO — UM PEDIDO A BENEDITO VALADARES

(NOTA DA REDAÇÃO: — POR MOTIVO DE FORÇA MAIOR DEIXAMOS DE DAR NA ÍNTEGRA A REPORTAGEM COM BENJAMIM DE OLIVEIRA. OUTROS FATOS INTERESSANTES DA VIDA DO MAIS ANTIGO PALHAÇO DO BRASIL, SERÃO CONTADOS ABAIXO.



REALMENTE a vida de Benjamin de Oliveira não cabe apenas dentro de uma simples reportagem. Setenta e quatro anos de existência dos quais sessenta e dois transcorreram no circo, dão assunto para um livro. Um livro recheado de fatos interessantes e pitorescos. É isto o que vai fazer Benjamin. Já está sendo escrita a vida do rei dos palhaços brasileiros e brevemente será publicada.

Se alguém se dedicou apaixonadamente à sua vocação, dando a ela todos os seus minutos, todas as suas energias, toda a sua longa e curiosa existência, este alguém foi Benjamin de Oliveira.

Nunca lhe faltou iniciativa. Foi o introdutor do palco no circo, coisa em que ninguém havia pensado. Hoje todos os circos têm o seu palco. O interessante é

que entre todas as coisas que fez pelo circo, esta foi a única sobre a qual nos chamou a atenção. Ele conta muito naturalmente a sua vida, os sacrifícios que fez pelo circo, como se tudo aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Nasceu para isto. Era o seu destino. Sobre a mesa estavam espalhados todos os recortes de jornais, as cartas, os telegramas, as felicitações que lhe chegam de todas as partes alguns assinados por artistas e figuras de projeção na política.

A FORTUNA DE BENJAMIM

— Já trabalhei para vinte e sete empresários. Felizmente dei sorte a todos eles. Ficaram ricos e hoje estão descansando.

— E você, Benjamin, continua pobre?
— Pobre. Eu? Moço, eu sou riquíssimo. Durante a minha vida de trabalho acumulei um enorme capital. Quer saber? Não conheço ninguém que seja meu inimigo. O meu capital está aí.

E apontava para os papéis e cartas em cima da mesa. Está aí e está em todo este grande Brasil, guardado no coração de milhares de crianças. Esta é para mim a maior recompensa. Ela justifica todos os meus trabalhos, todos os meus sacrifícios.

— Mas agora você quer deixar o circo, não é verdade?
— Pedi a minha aposentadoria. Espero receber uma pensão. O Presidente já assinou. Agora estou aguardando apenas a publicação.

— E depois?
— Depois irei para a minha terra; para a velha Patatufu.

— E que pretende fazer lá?
— Vou ver o dia amanhecer e a noite chegar. Vou recordar toda a minha vida. Sabe? eu sou um saudosista. Gosto do passado.

— É tudo o que pretende, depois de se aposentar?
— Não. Tenho um pedido para fazer ao governador de Minas: a fundação de um circo, onde, três vezes por semana, sejam dados espetáculos gratuitos às crianças pobres.

— E você irá trabalhar de novo?

— Se for preciso... O meu destino é divertir as crianças. Minha maior alegria é vê-las felizes. Talvez eu venha a morrer no picadeiro. Foi lá que me criei...

O SUCESSO

Eu era o segundo palhaço da companhia de Frutuoso Pereira. Estávamos em Pindamonhangaba. Já me habituara à vida. Aquilo era prato de todos os dias. Entrei no picadeiro esperando a vida. Entretanto aquele era o meu dia. As risadas eram ouvidas quase a três metros de distância. O público parecia se consultar. Os que achavam graça pareciam pedir licença para rir. Afinal, houve o assentimento geral. Eu vencera a platéia. Palmas, palmas de todos os lados pareciam querer me recompensar do castigo a que me submetiam por tanto tempo. Não pude resistir. Encostei-me ao mastro e comeci a chorar mansamente. Lá de dentro o diretor fez-me sinais desesperados. — "Isto é o sucesso Benjamin!" Depois disso nunca mais recebi uma vida. Cheguei a ter saudades. Estava tão habituado...

Um dia fui procurado por um português, figura conhecida em São Paulo.

— "Você não me conhece, não é verdade, Benjamin?"

Era verdade, eu não o conhecia.

— "Pois eu sou o homem que alguns anos atrás quebrei a sua cabeça com uma pedrada. Hoje não perco um espetáculo em que você trabalhe".

E com grande surpresa para mim este homem promoveu uma festa em minha homenagem. A vida de um palhaço também tem as suas alegrias.

POR QUE SÃO TRISTES OS PALHAÇOS?

— E no entanto dizem que os palhaços, fóra do circo, são sempre tristes. Parece que você é uma exceção. Tem um ar alegre de quem está satisfeito.

— Parece-lhe agora. Em geral, sou também triste.

— E qual a razão?

— Não sei. Naturalmente porque sou palhaço. É uma sina.

O FISCAL DA PREFEITURA ERA "PENETRA"

Antigamente, quando o circo chegava a uma cidade, todos os artistas saíam à rua, para anunciar o espetáculo. A garotada acompanhava aos pulos. Naturalmente, o palhaço era a figura mais importante para ela. Os que chegavam perto de mim, eram marcados na testa, a giz, e aquela marca valia o ingresso no espetáculo.

Uma vez, numa pequena cidade, estava pensando na vida, tristonho, sentado numa cadeira, a cabeça baixa.

Estava tão distraído que não ouvi um homem que entrara e sentara perto de mim.

— "Então, Benjamin? que é isso? O rei dos palhaços não abaixa a cabeça. A coroa pode cair".

— Mas quem é o senhor?

— "Sou um homem que há muitos anos levou uma grande surra por sua causa".

— Por minha causa?

O homem contou-me a história de um menino que fora marcado na testa pelo palhaço. Ele queria assistir ao espetáculo de noite, sem pagar. Em casa, mandaram que lavasse a cara e tirasse aquele sinal. "Você não é nenhum moléque"! Mas o menino teimou em conservar a cara suja. Este menino era o homem que estava ali, a meu lado. Era o fiscal da prefeitura da cidade, "penetra" do circo nos tempos de garoto.

ATAIDE MARCONDES DÁ UM SAPATO A BENJAMIM

Muitas vezes ganho presentes, alguns inesperados.

O primeiro sapato que usei foi um presente de Ataíde Marcondes, tio do Ministro marcondes Filho. Ele se impressionara com aquele chinelinho de liga, muito ordinário, desses que custavam mil e quinhentos.

"Você precisa usar uns sapatos". E presenteou-me com um par da melhor qualidade. A primeira vez que os calcei quase não podia andar. Foi preciso que ele me auxiliasse.

UMA TRAGÉDIA NO CAMARIM

Estávamos levando uma peça de Artur Azevedo. "Capital Federal". Nesta época, tinha um grande amigo. Era o Brandão, meu companheiro de trabalho.

(Continua na pág. 40)



PARA quem conhece as grandezas e misérias, principalmente as misérias do garimpo, nada é tão comum, do que ser vítima das febres bravas, conhecidas, geralmente como maleita. E as febres que torturam, provocam a tristeza da solidão. A solidão revolta o homem contra a selva. E a selva produz a loucura.

Ha quasi tres anos, vivia garimpando. O garimpeiro, antes de tudo, tem que ser um ente embrutecido. Criar uma couraça de brutalidade, para não sucumbir á inospitalidade da vida.

Nestes tres anos de desconforto e temeridade, arranjára por companheiro o velho Florencio. Florencio, caboclo tarracudo, queimado do sol e sobremodo expansivo, viera do Piauí, terra onde surgem os mais mal afamados homens do garimpo, homens que vivem da "grupiara" e das "batêas".

Eramos ótimos amigos, como podem ser duas criaturas, eu com os meus 21 anos e ele com os seus desassombrados 56.

As criaturas inexperientes e jovens, quando caem na malha ilusória do garimpo, por vezes encontram um amigo assim. O velho Florencio, que Deus o guarde, pois já morreu, era mais que amigo. Uma espécie de protetor. Não tinha ninguém no mundo...

Com ele conhecera a Balisa e todos os garimpos do Mato Grosso. Com ele mergulhara em muitos escafendros, no fundo de Marabá. Juntos bateiamos ouro no Tocantins, juntos rebentávamos cristal no Pedral e no Jacundá. Rasgávamos selva e colhemos cristal no Pium. Nossas mãos eram monstruosamente calçadas, nossos pés desproporcionados, e nossos dorsos, musculosos e retalhados.

Dessa vez a gente vinha de Marabá. Iamos voltar para a balisa e passar o tempo das águas, repousando nos garimpos de Mato Grosso. Subiamos com uma dificuldade tremenda o Araguaia. Já havíamos atingido a cauda da Ilha do Bananal. Lago Grande ficára para traz. Furo de Pedra apparecera...

E os dias foram passando. Nossa canôa, adquirida aos indios. Carajás, continuava vencendo a méta da subida. A Ilha continuava sempre á nossa esquerda.

Uma tarde... lembro-me como se fosse hoje. Estavamos perto de encostar para fazer pouso. Minha vista começou a tremer. Um frio arrepiou-me aos poucos.

— Tio Florencio. As febres estão me pegando.

— Molha o bucho com pouco de pinga, que ela acaba.

— Mas não temos mais pinga.

— Tá ruim, é preciso que a gente guente o jacumã até chegar na casa Verde — casa verde? Que casa verde é essa, tio, que nunca me falaram? N m mesmo durante os três anos que tenho andado por aqui?

Tio Florencio tinha um ar soturno e meditativo.

— Ah! A casa verde! Sim, a casa verde existe. Eu sei que existe.

— Mas aqui na Ilha do Bananal?

— Daquí a pouco você vê. Tá vendo aquela curva, onde tem um pé de Simbaiba? Pois é lá. A gente anda 500 metros, seguindo um "tricleiro" e tópa com ela.

Olhei surpreso para o velho. Seria mesmo verdade? Ou a minha cabeça que ardia, transtornava o sentido das palavras?

Rememos até o pé de Simbaiba. Amarrei a canôa num tóco. Apanhámos a rede, alguma comida e outros materiais.

Tio Florencio segurou a garrafa. Aquela garrafa encerrava o lucro dos nossos esforços. Existiam no seu interior, algumas gramas de ouro e pedras de algum valor.

Encontrámos o trilheiro. O velho não mentira. Começava a anoitecer. E meu Deus! precisei amparar-me a uma árvore, tal o meu susto. A' nossa frente surgiu uma enorme casa verde. Um pavilhão com uma grande escadaria. Nas janelas do pavilhão, cerando de telas e protegidas por grades havia uma quantidade enorme de macacos que nos espreitavam.

— Que coisa estranha, meu tio! Eu pensei que só existisse desses macacos na Índia.

— Também aquí existem eles. Aquí nesta ilha existe de tudo!

Começámos a subir a escada. O velho caminhava com uma certeza e estranha segurança, como se fosse conhecido da casa verde. Fomos dar numa sala.

A porta entreaberta devassava uma sala mal iluminada.

— Alí dentro, ao redor de uma mesa estão quatro mortos.

— Como sabe disso meu tio?

— Sei sim...

Fiquei meio horrorizado e com vontade de reternar á canôa. Mas acompanhei o velho. Numa mesa 4 corpos amarelados, apoiavam as cabeças sobre os braços.

— Meu Deus, que horror!

— Não fazem mal. Há muito tempo que estão assim.

— Mas quem os teria assassinado?

— Se você se interessa, elle dentro dessa garrafa.

Tem um papel que conta a história deles...

Não tive muita vontade de saber. Desejava mais jogar o corpo na rede e aguardar que a febre cede-se...

— Alí dentro tem um quarto com uma cama abandonada. É uma cama enorme. A gente pôde dormir nela. Nem precisa armá a rede.

Entrei no quarto. Alumiei as paredes com a lanterna elétrica. Uma enorme coleção de velhos retratos enchia o quarto. Minha vista parou sobre uns arcos e umas flexas, cruzados no canto da parede. Por sobre a cabeceira da cama, como se fora um sentinela, um retrato de uma moça morena de negros cabelos e olhos verdes parecia nos dizer:

— Afastem-se cães. Não violem um lugar sagrado.

Mal caí na cama, adormeci. Muitas horas deviam ter se passado, quando acordei sacudido por tio Florencio.

— A moça... a moça...

— Que moça, tio?

Esfreguei os olhos.

— A moça do retrato.

— Mas que tem ela, tio?

Saíu do quadro, apanhou o arco e a flecha e quiz me matar. Eu vi. Acordei com ela, apontando-me ao coração.

Levei a lanterna ao alto. O retrato continuava no lugar. O arco e as flexas também.

— Qual tio, isto é pesadelo. E' cansaco. Trate de dormir que amanhã nós vamos levantar cêdinho.

— Mas eu vi...

Tornei a adormecer. Acordei com o sol queimando, no meu rosto, devia ser tarde. E a gente que ia sair de madrugada...

Olhei para o tio Florencio. Estava rígido. Uma flexa varara-lhe o coração. Morrêra. Só tive uma idéia: fugir. Fugir antes que fizessem o mesmo comigo. Nem sequer apanhei a rede. Tomei a única lembrança que me assaltou a garrafa preciosa e desabalei em direção á canôa. Desamarrei a prôa. Ia pular para dentro da embarcação quando ouvi um grito.

Era o tio Florencio que chegava correndo. Pegou-me pela camisa e sacudiu-me.

— Ordinário. Ladrão! Pensou que me roubava? Quer fugir com todo o meu lucro?

Chorei como criança.

— Não! tio, eu vi. Eu vi... O senhor morreu. Ela o matou...

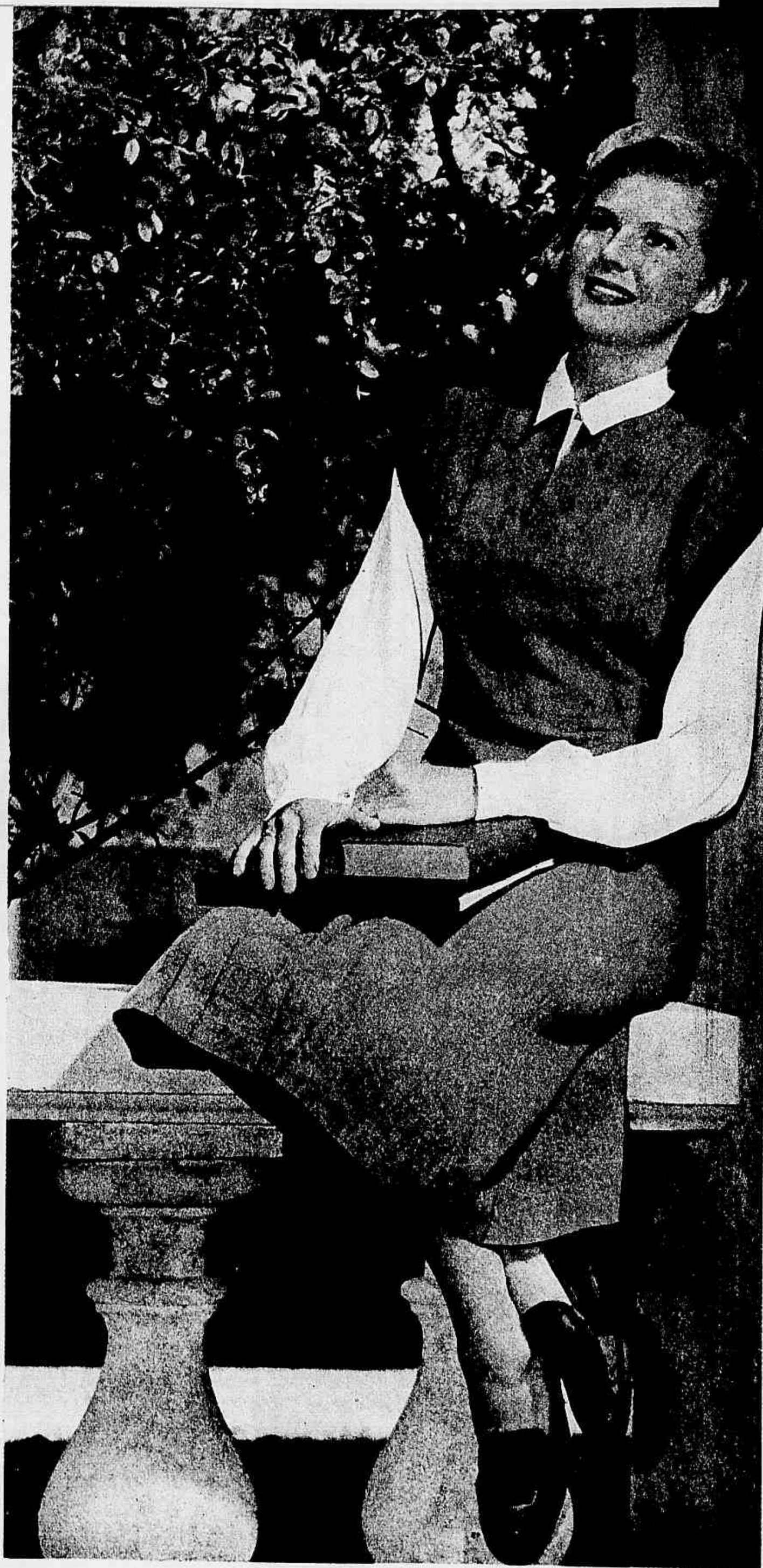
— V. está louco. Deve ser da febre.

Continua na página 39

TIO FLORENCIO

Conto de
JOSE' MAURO DE VASCONCELOS

Ilustração de
ARCINDO MADEIRA



O VALOR DOS ACESSÓRIOS — É SOBEJAMENTE DEMONSTRADO PELA “ESTRELA” DA RKO, “CONSTANCE MOORE”, NESTA VISTOSA “TOILETTE”. TRATA-SE DE UM VESTIDO DE FORMA DISCRÉTA, TODO EM NEGRO. NA CABEÇA, UM RICO “POUFF” DE PENAS SALPICADAS DE “CEQUINS”. LUVAS MOSQUETEIROS DE SUÉDE NEGRO E JOIAS BRILHANTES. UM BROCHE, BRINCOS, PULSEIRAS REALÇAM O CONJUNTO MUITO “EXQUIS”. MAS O VESTIDO GANHARÁ MAIOR EFEITO, PARA AS TARDES ENSOLARADAS, TALIADO EM TECIDO ESTAMPADO E DE CORES BASTANTE VIVAS. NESSE CASO AS JOIAS PRECISAM SER TAMBÉM EM TONS COLORIDOS, MENOS DISCRÉTOS.

PARA AS JOVENS ELEGANTES — ROSEMARY LA PLANCHE JÁ FOI MISS AMÉRICA E HOJE ESTÁ TRANSFORMADA EM “ESTRELA”. PERTENCE À MESMA PRODUTORA. ELA É UM DOS MODELOS PREDILETOS PARA AS MOÇINHAS ELEGANTES E AQUI A VÊ-MOS EXIBINDO UM POPULAR “JUMPER”, BONITO E PRÁTICO, QUE PODE SER USADO COM VÁRIAS BLUSAS. O “JUMPER” É VERDE RAYON E A BLUSA DE MANGAS COMPRIDAS EM SEDA. PARA AS ADOLESCENTES OU MESMO PARA AS FÉRIAS NO CAMPO, AGORA QUE AS PREOCUPAÇÕES NESSE SENTIDO ESTÃO SURGINDO, O MODELO DE MISS LANE É REALMENTE CONVIDATIVO E DOS MAIS APROVEITÁVEIS.

Modelos

Estamos entrando, aos poucos, em uma nova estação. Vamos calmamente passando pelos humbrais da Primavera. E embora alguns dias já se apresentem bastante quentes, convidativos para as roupas leves, temos ainda muitos de temperatura mais rasoavelmente baixa. Não são nem frios para agasalhos, nem quentes para as roupas leves. Nada de capas de pele, mas de preferencia os vestidos de



EM SEDA ESTAMPADO — PRIMAVERA, NO RIO, QUER DIZER VERÃO LEGÍTIMO. A TEMPERATURA JÁ ATINGIU A CASA DOS TRINTA E OITO, SEM ESPERANÇA DE MELHORAR, DIZEM OS BOLETINS DE METEOROLOGIA QUANDO REDIGIMOS ESTA LEGENDA. EIS PORQUE RESULTA OPORTUNÍSSIMO ESSE ENCANTADOR VESTIDO EM SEDA ESTAMPADA DE VIOLETAS E FUNDO BRANCO. DECOTE QUADRADO, MUITO EM MODA, ENFEITADO COM BABADO PLISSADO. O MESMO PLISSÉ MAIS ESTREITO ENFEITA OS BOLSO; CINTO DE COURO VILÓETA. VESTE ESTA JUVENIL "TOILETTE" A GRACIOSA AMELITA WARD, DA RKO, QUE AGORA ESTÁ APARECENDO PARA VENCER.



SAIA COM SUSPENSORIOS — AINDA OUTRA GRACIOSA "TOILETTE" PARA O VERÃO OU MESMO OS DIAS FRESCOS DA PRIMAVERA... ONDE A PRIMAVERA ESTEJA REALMENTE PREVALECENDO... TRATA-SE DE UMA SAIA MODERNÍSSIMA, COM SUSPENSORIOS DE FIVELAS EM "FAILLE". A BLUSA DE MANGAS COMPRIDAS, É TALHADA EM SEDA. REPAREM NA MANGA, AMPLA BASTANTE, COM LAÇO AMARRANDO OS PUNHOS E A GOLA. TEM QUALQUER COISA DE "RAFINÉ", EMBORA APROPRIANDO-SE TAMBÉM PARA OS DIAS DE CAMPO. AS SAIAS DE CASEMIRA, COM SUSPENSORIOS, SÃO A GRANDE MODA. E AS "ESTRELAS" DE HOLLYWOOD INCUMBEM-SE DE DIFUNDI-LAS.

meia estação, acompanhados de "martinhas" ou "renards", si a leitora tiver que sair á noite. Vestidos de mangas compridas, de seda mais grossa, ou os costumes de "faille", "rayon", "gros-grain", etc. usam-se bastante. O "moiré" é uma fazenda que se anuncia de grande voga para a estação que entra, tanto para os vestidos de rua, como para os de "soirée"; o tafetá também, como parente próximo do "moiré", vai tendo grande aceitação pelas elegantes. Estas eram as

fazendas preferidas pelas nossas avós e como as modas estão voltando, embora estilizadas, não é de admirar que voltemos aos antigos tipos de tecido como o setim macau e outros. Há uma tendência pronunciada também para introduzir o uso da manga comprida já abolida quasi. Vamos ter os extremos; vestidos sem mangas ou com as mangas longas, aqueles, naturalmente para os de verão em tecidos fantasia de algodão, e estes em "toilette".



RAMSAY AMES (Universal)

A sabedoria nas trovas populares

"Até nas flores se encontra,
A diferença da sorte,
Umás enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte".

E' a filosofia distilada através da experiência milenar do homem sobre a terra que ele põe no seu canto oral. Um poeta, dos grandes do Uruguay, disse que o verdadeiro poeta nasce com o milagre do ritmo, da música, e também do sentimento, da beleza e da sabedoria".

Afirmam os *modernistas* que o cânon tira a arte em geral e a poesia em particular a sua elasticidade e a sua amplitude, pois fica seu vôo cerceado pela Metrica; o que ha porem

é que ao poeta moderno falta o sentido da *música* e o equilíbrio da *medida*; o que ele compõe é apenas a prosa poética, as vezes com grandiosidade e sentido, e que, não sei por que, teima em querer chamar verso, poesia etc.

A música, a cadencia, o ritmo flúe como a água cantante das velhas trovas populares e é a poesia no milagre icástico da música oral, onde se afundam as raízes do sentimento e da sabedoria, mesmo quando vai ela envolta numa sátira ou numa ironia maliciosa:

"Eu amava-te menina,
Se não fôra um sinão:
Seres pia de água benta,
Onde todos põe a mão".

**NÓS
BASTIDORES
FEMININOS**

O CRIME DOS HERDEIROS COBIÇOSOS

Novela de ELLERY QUEEN

Personagens:

Ellery Queen, um detective.
Nikki Porter, sua secretária.
Inspetor Queen, da Chefatura de Polícia, seu pai.
Sargento Velie, ajudante do Inspetor.
John Cain, um velho milionário excêntrico.
Murdoek, um criado.
"Duke" Cain, um bandido, filho de John Cain.
"Killer" Cain, um lutador de box, filho de John Cain.
"Sugar" Cain, dona de um cabaré; filha de John Cain.
Otis, um advogado.
Parker, seu ajudante.

Ellery Queen aconselha aos distintos leitores que leiam com atenção esta lista de personagens, pois tem muita importância na solução do mistério.

— Francamente, eu não sei o que fazer...

— Aceite.
— Você acha, então, Parker, que não se trata de uma brincadeira de mau gosto?
— Acho.
— Pois bem. Irei.
— Eu vou com o senhor.
— Ótimo. Mande chamar um taxi.

Alguns minutos depois o advogado e seu jovem secretário seguiam rumo a um endereço que lhes fora dado pelo telefone, de uma maneira um tanto misteriosa. Havia algumas horas, o advogado recebera uma telefonada de um desconhecido.

— É o senhor Otis?
— Sim.
— Preciso de seus serviços. Pode vir à minha casa hoje à tarde?
— Trata-se de um caso...
— Não lhe interessa de que se trata. O senhor é um advogado, não é verdade?
— Sim.
— Então é quem procuro.
— Mas...
— Pode ou não vir?
— Posso. A que horas?
— Às três... Estarei só. Não é preciso tocar a campainha. Pode ir entrando.
— Muito bem.
— Tome nota da rua e número...

— E eis o nosso amigo rumando para o local indicado. O misterioso desconhecido não dera o nome.

Sabia, tão somente, que iria àquela casa para tomar conta de um caso que ainda não sabia que gravidade tinha. Desconhecia o nome de seu cliente e, para falar com ele, segundo fora informado, bastava abrir a porta e ir entrando. Devia, pois, tratar-se de uma casa modesta. O que era estranho, pois num bairro como o indicado moravam somente ricos. Nada era impossível, porém. E o mais improvável era que, sendo uma casa de gente abastada, deixassem a porta aberta, arriscando-se a um assalto.

O carro seguia pela rua. Dos dois lados desfilavam palacetes. Seguiam os números e já se aproximavam do indicado, mas Otis ainda não avistara a vivenda modesta que procurava. Qual não foi a surpresa, porém, quando o carro freiou à porta, não de uma das casas mais ricas, porém, decididamente, da mais rica de todas, da mais imponente e de aspecto mais luxuoso. Como explicar aquilo?

O secretário arregalara os olhos de espanto.

— Esta é a casa do velho Cain...
— Cain? O milionário?
— Sim.
— Mas, porque não disse ele o nome? Deve ter sido uma brincadeira, sem dúvida. Ele não me haveria de chamar...

— O senhor não conhece a reputação dele, de excêntrico?

— Bem, é verdade, mas...

— Quem sabe?

— Experimentemos...

Aproximaram-se os dois, e bateram. Não houve resposta. O casarão parecia vazio. Experimentaram então a porta de entrada e esta cedeu. Estava aberta. Exatamente como o velho adiantara.

— Você não acha que este negócio está ficando muito misterioso?

O secretário, porém, retrucou:

— Mas o senhor não acha que é melhor continuar, já que aqui estamos?

— Você tem razão. Procuremos o velho.

— Ele deve estar por perto. Que silêncio! Isso até parece mausoléu!

Nenhum ruído perturbava o silêncio da grande casa que parecia adormecida fora do tempo durante o dia. Os ruídos da rua chegavam amortecidos e serviam somente para acentuar ainda mais o silêncio que reinava dentro do edifício. Nada.

— Onde estará ele?

— Quem sabe se não está em cima?

— No primeiro andar?

— Sim. Vamos até lá?

De fato, pela porta entreaberta de um quarto magnífico, de luxuosas decorações, entreviram o corpo deitado de um homem, numa cama enorme, com grande cortina de veludo.

— Otis!

— Sou eu. O senhor é o Sr. Cain?

— Sim. Aproxime-se. Não posso falar muito alto.

MAIS UM CASO DE ELLERY QUEEN QUE, COMO SEMPRE, DESAFIA O LEITOR A DESCOBRIR O CRIMINOSO, DEPOIS DE EXPOSTAS AS CIRCUNSTANCIAS NAS QUAIS FOI COMETIDO O CRIME...

— Aqui estou.
— Escute; eu tenho uma coisa para você fazer... Um testamento...
— Seu testamento?
— Sim.
— O sr. quer, sem dúvida, que eu o redija?
— Não. Está pronto. Não há irregularidades. Eu conheço a lei. Quero que você e esse rapaz que presumo ser seu secretário assinem o testamento como testemunhas. O que eu quero é somente isto. E depois... Mas primeiro assinem.
— Pois não.
— O advogado e o secretário assinaram. Feito isto o velho colocou o testamento num envelope e lacrou-o.

— Este testamento deve ser lido depois de minha morte tão somente, disse ele. E quero que seja aberto e lido nesta casa, na presença de meus três filhos...
— Pois não.
— Meus filhos queriam conhecer o conteúdo deste testamento. Mas não lhes mostre, por favor.
— Pode ficar desancado.
— Não deixei o senhor ler o testamento, mas dir-lhe-ei o que há nele...
— Não é necessário, asseguro-lhe.
— Mas eu quero...
— Bem. Se é esta sua vontade...
— Sim. Deixei toda a minha fortuna

(Continua na página 41)





SERÁ POSSIVEL QUE VÃO RACIO- NAR TAMBÉM A MAIZENA?

... É justa a sua preocupação, pois sua pequenina inteligência em formação, já lhe permite compreender que isso representaria a falta de sua "segunda mamãe".

Mas a boa fada, a Menina Índia, não quer que muitas crianças como esta tenham preocupações tão sérias e, vibrando sua varinha mágica, providenciou para que muito milho, amadurecido pelo sol bemfazejo, e devidamente selecionado, fosse reservado para o preparo da insubstituível



MAIZENA DURYEA

Não se preocupem, pois, crianças do Brasil — a sua alimentação nutritiva e sadia está garantida e vocês poderão crescer fortes e robustos para, num futuro risonho, cumprirem o seu dever de bons brasileiros.

MAIZENA
DURYEA



Há quasi um século
alimenta o mundo.

Livros

As PARABOLAS DE CRISTO e outras poesias de Bastos Tigre, 3.^a edição aumentada e com ilustrações de Gustave Doré — Rio de Janeiro, 1944.



"Técnico, virtuoso, instrumentista... Ninguém faz versos com tanta facilidade — e que versos"! Eis como, acerca do autor destas *Parábolas*, se exprimiu o belo, nobre, arrebatado, grande poeta Martins Fontes. "Príncipe dos poetas cômicos da raça", como também Fontes o consagrou, não maneja o Sr. Bastos Tigre com menos destreza, menos domínio da forma de arte que dá a impressão da facilidade, a rima fidalga ou sentimental, augusta ou melancólica. A sua lira concilia todas as cordas poéticas; e todas ele faz vibrar, ressoar, cantar harmoniosamente e com intenso poder comunicativo. Na música dos seus versos ha os mais diversos e mais sutis efeitos orquestrais; e assim, tão vitoriosamente como satisfazem qualquer exigência, eles atingem, penetram qualquer emotividade.

As poesias resumidas na primeira parte do presente volume interpretam a palavra de Jesus de maneira, se não a torná-la mais elevada, mais pura, em todo caso a dar-lhe uma variante de beleza. E ha assim novo motivo para que as lições simbólicas do Messias sejam admiradas e decoradas. Veja-se, por exemplo, a parábola da *Ovelha perdida*

Qual dentre vós que, com ovelhas tendo
E uma delas perdendo,
Não deixa as outras tôdas e não parte
Por vales e por serras, em batida,
Solicito, a buscar por toda parte
Sua ovelha perdida?

E quando a houver achado, jubiloso,
Não reúne os amigos numa festa,
Dizendo-lhes: — E' esta,
E' esta a ovelha que perdido eu tinha!
Vinde regozijar-vos com o meu gozo,
Vinde juntar-vos à alegria minha!

Assim, digo-vos eu
Que haverá maior jubilo no Céu
Por um só pecador arrependido
Que por um cento
De justos que o meu Reino Prometido
Hajam bem merecido
E não precisem de arrependimento.

♦ ♦ ♦

Os MAIS BELOS CONTOS HUMORISTICOS, SATIRICOS E JOCOSOS, traduções de Frederico dos Reis Coutinho, João Silveira de Carvalho, J. da Cunha Borges, Constantino Janni, Manuel da Silva, Gilberto Galvão, Edison Carneiro, Eneias Marzano e Gama e Silva — Rio de Janeiro, 1944.



Nem todos estes contos, contos ou novelas, assumem feição propriamente jovial. Em alguns o fundo conceituoso ressurmbrá pessimismo, azedume; e a sensação que deixam é, menos que divertida, tristonha. Certos personagens representam, não epigramas nem caricaturas, mas sarcasmos. Os *donos da vida*, de Máximo Gorki, elevam o macabro á expressão mais violenta, com a sua complicação de túmulos, esqueletos, "emanações de podridão", fornos crematórios, "massas cinzo-amareladas de restos humanos"... A ficção de Paul Hervieu *O silencio do sangue* — em que um rapazinho é, pela primeira vez, levado á presença de seu pai e fica sem saber a qual dos dois homens que se encontram no recinto deve a existência — confrange e deveras enegrece o coração... Bom, mas essas e outras páginas do volume podem, dalgum modo, passar por espécimes satíricos, justificando assim a composição do título. E em compensação, para alívio do espírito e do sentimento do leitor que realmente tenha sofrido, sucedem-se as narrativas mais pitorescas e as mais estouvadas fantasias. Aqui estão dois princípios do conto humorístico: Mark Twain e Courteline. Por sinal que, no diálogo deste último, a frase provençal *Tron de Dieu*, mais ou menos correspondente a nossa expressão de cólera

"Com mil ráios" e que, traduzida á letra, daria "ribombo" ou "trovão de Deus", passou aqui, pelo simples efeito do som... e doutra coisa, para "trono de Deus"! Os escritores reunidos neste volume vêm de Voltaire até Cami, o endiabrado, maluquíssimo Cami, autor do livro *Pour lire sous la douche*, "Para ler debaixo do chuveiro". Encontram-se, assinando histórias mais ou menos hilariantes, romancistas e dramaturgos da maior circunspeção, como Sienkiewicz e Strindberg; prosadores requintados como Oscar Wilde e Pierre Louys; o Jules Verne do invento ultra-moderno: H. G. Wells; o extravagante, audacioso e tão efêmero Pitigrilli; o rei da anedota parisiense do teatro *boulevardier*: Tristan Bernard... Contam-se nada menos de cinquenta escritores; os menos insignes são, cm todo o caso, de vasta notoriedade. E sempre valerá a pena ler as suas obras.

Quanto ás traduções, de vez em quando... Mas, a propósito de contos geralmente alegres, não insistamos em falar de coisas tristes.

♦ ♦ ♦

DEFESA CONTRA A LEPRA

Recebemos o relatório da Sociedade do Distrito Federal de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepre, referente ao ano de 1943.

E' um documento que comprova as atividades da valiosa Instituição.

FOLHINHA DE 44-45

Recebemos da "General Electric" interessante folhinha para os anos de 44-45, impressa a cores. Gentileza que agradecemos.

GRIPE / RESFRIADOS / NEURALGIAS /



DÔRES / de CABEÇA

TRANSPIROL

Nova

O Dia D Reportagem de John Gunther, tradução de Cláudio G. Hasslocher — Rio de Janeiro de 1944.



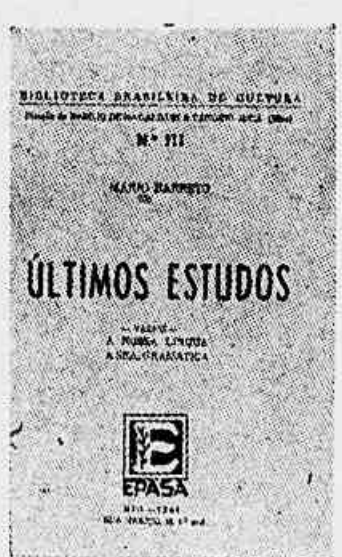
Na outra guerra mundial foram consagradas várias iniciais, cujo sentido e cuja aplicação haviam de passar para a linguagem paisana e nela positivamente ficar. Tal o caso do "sistema D" para designar a habilidade, senão o gênio militar com que, fosse um comandante fosse um simples soldado, resolvia rapidamente uma situação difícil ou perigosa. D, *débrouillard*: o que anula o obstáculo ou sai da entaladela... Outro exemplo é o da "hora H". Na ordem do dia dos comandos franceses, afixada nas respectivas tabelas, marcava-se, naturalmente, para cada serviço a hora exata a que devia ser executado; quando, porém, se não sabia ou se não queria dizer dantemão o momento dum feito a realizar, deixava-se em branco, entre os dizeres impressos, o espaço adiante da letra H. Ficava o H sem mais nada; e daí criava-se a expressão, "hora H". O que então os franceses fizeram em relação ao termo *heure* fizeram agora os ingleses com a palavra *day*, dia. Quando começaria a invasão da Europa? O mundo inteiro ansiava por saber a data certa. Não se podia, porém, ou não convinha anunciá-la. Assim, nos próprios documentos e publicações oficiais se usava a locução

D day; e "dia D" se ficara dizendo, em português, pelo menos, para sempre.

Ao dia D, aquilo que o precedeu e aquilo que se lhe seguiu, consagrou o Sr. John Gunther um longo bastante penoso, às vezes, mas invariavelmente bem sucedido esforço de reportagem que, no presente volume, de amplo formato, se desenvolve por trezentas e cinquenta páginas. Limitando-se à sua função informativa, isto é: procedendo como se não tivesse imaginação nem sensibilidade própria, procurou o homem de imprensa, por todos os meios e modos, dar ao seu público a noção exata dos acontecimentos; estacionou em Malta, no mais aceso dos ataquês à ilha; viajou de aeroplano, de navio, de trem, além das longas caminhadas que teve de fazer a pé; entrevistou os generais Eisenhower, Montgomery, Alexander, outros já gloriosos cabos de guerra; teve por companheiros de quarto e de mesa numerosos oficiais e com eles, tanto quanto possível, acamou; conheceu toda a sorte de combatentes; de todos esses convívios e encontros colheu dados, pormenores, particularidades que só um jornalista de primeira ordem conseguiria obter e aos quais, ainda quando lhes mingue o valor instrutivo, nunca falta a feição de veras interessantes.

O Sr. Cláudio G. Hasslocher fez uma tradução não apenas corrente e clara, além de geralmente correta, mas ainda enriquecida de notas e explicações sem as quais os leitores, na sua maioria, deixariam de apanhar, integralmente, o sentido do texto. Fossem todos os tradutores assim!

ULTIMOS ESTUDOS, por Mário Barreto, com uma apresentação por Candido Jucá — Rio de Janeiro, 1944.



São "estudos" que singular, superiormente merecem ser qualificados de lições.

Mário Barreto exerceu como bem poucos a missão de divulgar os puros princípios e as regras são do idioma. A sua sapiência correspondia, em ditoso equilíbrio, a benignidade. Em geral os escritores que ao cultivo da prosa ou da poesia por própria conta preferem a missão de ensinar os outros a bem escrever vêm com o tempo a tornar-se rabujentos, irritadiços, brigões. Todos os outros mestres mais ou menos toleram quer a incompreensão quer as objeções dos discípulos. Os filólogos e gramáticos de profissão logo se irritam e querem ir às do cabo. Não podem levar a paciência que alguém, seja aluno, colega ou até professor de hierarquia e credenciais superiores às suas, deixe de com eles concordar incondicionalmente. Das polêmicas pela imprensa — enquanto houve dessas polêmicas — as mais suscetíveis de se converter em verrina e de levar ao pugilato eram aquelas em que se enfrentavam duas autoridades em matéria de sintaxe ou ortografia. E quando entrassem na discussão mais de tres sumidades era fatal o entreeiro.

Mário Barreto mantinha nos ensinamentos como nas controvérsias uma serenidade que, à força de rara, dava a impressão de prodigiosa. Usava de todas as condescendências razoáveis para com os rebeldes ou adversos às suas opiniões. Não se imagine por isto o propósito de insinuar que ele cedesse facilmente às alegações do antagonista... Nem fácil nem difícilmente. Porque se pronunciava sempre com perfeito conhecimento e a convicção mais segura. Se não pertencia ao número dos que se encolerizam perante a mais leve contestação às suas doutrinas, mais se distanciava da categoria — supremamente detestável, essa — dos que, interrogados acerca de qualquer questão, respondem: "Bom, ha quem escreva desse modo e ha quem escreva justamente de modo contrário"... E se o interlocutor insiste: "Mas o senhor, como escreve"? continuam nas evasivas, nas citações e nada de juízo pessoal e categórico, até ao fim. Mário Barreto, com a sua primorosa urbanidade, persuadia inteiramente o contendor ou não conseguia que este se declarasse convencido; em todo caso, não cedia da sua dignidade magistral. Os artigos de polêmica ou as passagens de polêmica que se encontram no presente volume constituem excelentes modelos do gênero. E tudo em Mário Barreto se nos apresenta como modelar. Ninguém mais destituído de preconceitos, de preocupações tais como o bairrismo ou o mal entendido patriotismo, que levam a defender, a adotar o erro de preferência a dar razão à outra gente. Mário Barreto guiava-se por uma independência e uma sinceridade perfeitas. A sua maneira de ver expressa no trabalho *A questão ortográfica* logo derimira esse problema até hoje sem solução prática, se não encontrasse os embaraços, não do saber, do critério ou do gosto, mas do espírito prevenido do pirronismo e da vaidade. E em todos os assuntos ele disse a palavra que é, não apenas de boa política acatar, mas de primeira necessidade ouvir.

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Adorável Senhora...

Naturalmente, vê-la é um encanto para os olhos, pois ela ainda possui Cremes de Beleza Yardley e Pó-de-Aroz Bond Street. E quando vier a paz, também voltarão todos os produtos de toucador Yardley.



Yardley
de Londres



MONUMENTO AO PROFESSOR MIGUEL COUTO



Realizou-se, no dia 3 do corrente, a inauguração do monumento ao Professor Miguel Couto, erigido na Praia do Botafogo por iniciativa da classe médica brasileira, que assim, rende um preito de gratidão a um dos seus maiores vultos.

A solenidade inaugural do monumento compareceram altas autoridades, entre as quais o Prefeito Henrique Dodsworth, que apoiou entusiasticamente a idéia da homenagem ao grande médico pátrio.

O monumento, que consta de uma estátua de bronze assente sobre um pedestal de granito esculpido em alto-relevos simbólicos, foi executado pelo artista Heitor Usai, conhecido escultor e arquiteto, a quem se deve também o monumento a D. Leme e a Capela dos Advogados do Brasil.

A nossa reportagem fotográfica, presente á solenidade, colheu 'os flagrantes que aquí reproduzimos.:

Ao alto, á esquerda — O Dr. Aloysio de Castro, presidente da Academia Nacional de Medicina, pronunciando o seu discurso. Em baixo, á esquerda — Um dos alto-relevos talhados no pedestal de granito, também obra do escultor Heitor Usai. Em baixo, á direita — O dr. Miguel Couto Filho, quando discursava.

Em cima, á direita — O Sr. Heitor Usai, a quem foi confiada a execução do monumento; fotografado junto ao mesmo.



BLOOMINE

FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

Um dia na Penitenciária de São Paulo

(Continuação da pag. 31)

após um dia exaustivo de serviço braçal, se está satisfeito, responde:

— Tanto quanto se pode estar numa prisão. Mas algumas vezes chego a esquecer-me de que estou prêso.

— Que pensa fazer quando recupara a liberdade?

— Trabalhar.
— Falta muito tempo?

— Quinze anos. Mas espero obter o livramento condicional. Trabalho nesse sentido.

E os funcionários da Penitenciária confirmam as palavras do sentenciado número... Seu comportamento é irrepreensível. A cela, das mais limpas. Sobre a mesinha uma cartilha, uma revista mensal, retratos de família (uma jovem tendo nos braços uma bonita criança), e na parede dois quadros com a moldura trabalhada em ornatos de algodão colorido:

— O senhor sabe... A gente precisa distrair-se, quando acaba o serviço do dia...

O AMIGO NÚMERO UM

E' o "doutor Fávero", diretor da Penitenciária. Assim o tratam sentenciados e os rapazes do serviço. Um amigo carinhoso, que dirige mensagens de espe-

rança aos "seus homens" pelas colunas do jornal dos presos. Cartas singelas assim:

"Meus amigos. Sabeis para que estamos aqui neste mundo? Será para gozar a vida e egoisticamente tirar dela o maior proveito possível? Não, meus bons amigos. Aí estaria uma finalidade materialista e deprimente para nós. Nossa missão é mais elevada, mais sublime. Vivemos para amar e glorificar a Deus, Criador e Senhor de tudo o que há, e, assim, Criador e Senhor nosso. E para amar e servir ao nosso próximo, num espírito de fraternal simpatia. Para desempenhar essa tarefa, precisamos dar o melhor de nossos esforços, durante os dias, tão rápidos e fugazes, que aqui na terra passamos. E quanta gente boa há ao redor de nós que, compenetrada desse dever, caminha sua jornada pelo mundo, amando, glorificando e servindo... Lêde esta história. Em certa cidade, havia um homem servi-



gal e modesto. Fugindo-lhe um cavalo do pasto e indo para a propriedade do vizinho, este prendeu o animal e o levou para o depósito público. Em seguida, comunicou o ocorrido ao interessado, acrescentando que de outra vez faria o mesmo. — "Meu vizinho, lhe disse o outro, há dias, olhando pela janela, vi sua vaca

Tio Florencio

(Conclusão da página 29)

— Vamos embora, por amor de Deus, senão eu fico louco!

— Fique calmo. Nós vamos sim. Vai á casa e apanhe nossas coisas...

— Mas eu não quero voltar lá.

— Tenha coragem. Depois v. é mais moço.

Acedi. Achei o trilheiro. Caminhei depressa. Era só apanhar as coisas e voltar. Caminhei e nada de encontrar a casa verde. Mas era ali. Tenho certeza que era ali. Veio a noite e eu caminhava sem encontrar a casa. Andava como louco. Caí esgotado. A madrugada encontrou-me fraco, abatido e insone. Resolvi voltar para a canoa. Agora tudo era tão estranho. A selva crescera. Os cipós emaranhavam tudo. Não havia mais a antiga trilha. Os espinhos rasgaram-me o rosto, a roupa, os braços e as pernas...

Cheguei quasi morrendo ao pé de simbaiba. Não havia ninguém. Tio Florencio partira. Roubara-me. Lesara o meu lucro de tres annos de sacrificios. Fisera o mesmo que eu inocentemente ia cometendo...

Desmaiei. Quantos dias passei assim? não sei dizer. Acordei com rostos que me fitavam carinhosamente. Viajava num motor. Fora encontrado na praia.

— Quasi que v. bate as botas, heim moço?

— E tio Florencio?

— Havia outro? Nós só encontramos v.

— Não. Ele fugiu. Ele roubou-me...

Ouvi que comentavam: "A febre transtornou-lhe o juizo".

Levamos oito dias subindo o Araguaia. Restaurei minhas forças gradativamente. Minhas feridas cicatrizaram. Um dia chegamos á Leopoldina.

Pasmem os céus! A primeira pessoa que eu avisto na barreira é o tio Florencio. Um odio imenso aflorou-me. Ele vinha correndo em minha direção. Saquei a minha faca e queria matá-lo. Havia de vingar-me. Mas fui desarmado.

— Que é isso, meu filho?

— O senhor roubou-me. Fugiu. Abandonou-me. Mandou que eu fosse procurar a casa verde e aproveitou-se para me abandonar...

— Eu? Casa verde? Que casa verde é essa?

— A da moça que quiz mata-lo. A casa dos macacos. A casa do povo morto na mesa...

— Mas, meu filho, não existe casa verde. Nem sei de moça, nem de retrato. Nunca vimos gente morta na mesa.

— Então como foi que fiquei abandonado? Como foi? E o meu dinheiro?

— Está aqui. Você terá a sua parte. Confie no velho Florencio. Você não se lembra. Você estava com febre. Nós paramos para dormir. Você entrou no mato. Chamei você. Não se lembra? Dei tiros. Você num ouviu?

— Não. Nada disso.

— No dia seguinte procurei você. Passei ainda dois dias lhe procurando.

Pensei que v. tivesse murrado. Ou que as onças ou os jacarés tivessem lhe cumido. Voltei triste. Você é que nem é meu filho.

O velho falava a verdade? Mas havia tanta sinceridade nos seus olhos molhados e no seu falar seguro que caí chorando sobre o seu peito largo.

— E a casa verde?

— Não existe, meu filho. Como pode existi uma casa assim, na ilha do Bananal?

Olhei o Araguaia, que descia indiferente, na sua grande massa d'água... Agora eu compreendia. Eu conhecia as grandezas e misérias do garimpo. Fora vítima das febres. A febre que provoca a solidão, que revolta o homem contra a selva. E a selva que produz loucura.

explicado.



NARCISO AZUL DE GALLY

Eterniza as mais doces recordações!...



Nos momentos felizes de um doce enlêvo, sua cutis deve ostentar beleza e perfeição... deve evolvar um perfume discreto, que aumente seus encantos...

Para isso, Gally criou o admirável pó de arroz Narciso Azul, de perfume floral e fragrância sutil, — que eterniza as mais doces recordações!

O pó de arroz Narciso Azul, de Gally, de composição finíssima e privilegiada aderência, harmoniza a beleza do seu rosto com um perfeito "maquillage".

Luxuosamente apresentado nas cores:

• Branco • Rosa • Raquel • Ocre-claro • Ocre-escuro • Ocre-rosée • Gitane • Péche

À venda em todo o Brasil

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

em minha horta. Tomei a liberdade de levá-la ao seu pasto, fechando depois a porteira..." O vizinho ficou tão impressionado com a atitude do bom homem que foi ao depósito municipal, pagou a multa devida, retirou o cavalo e entregou-o ao dono. Que achais disso? Não será melhor empregar o tempo em servir ao próximo e fazer boas obras? Que paz e que alegria a gente goza com isso! — Vosso diretor e amigo, Flaminio Fávero."

"Vosso diretor e amigo". E' assim que o diretor de uma cadeia pública, no Bra-

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

sil, se dirige aos presos, muitos criminosos de fama, outros indivíduos cuja história criminal, explorada em outro estilo, poderia fornecer aos leitores, neste mesmo espaço, capítulos espetacularmente tenebrosos e trágicos.

Mas preferimos deixar o sensacionalismo para outras ocasiões, nunca o realizando à custa da desgraça alheia. Os

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS

homens que vimos na Penitenciária de São Paulo, muitos abriram-se conosco, de vassaram-nos episódios e maselas da pior espécie. Outros falaram pouco, pediram um "crivo" (cigarro) para fumar oculta-mente mas não foram além. Nenhum nos encarou de olhos ameaçadores. Apenas, evitavam posar de frente para o fotógrafo. Eles não se consideram isolados do mundo em caráter definitivo. Querem voltar ao convívio da família e dos amigos. Se os amigos de outrora não quizerem recebê-los, hão de conquistar outros.

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta

Informações:
Rua Flack, 163-Rio. T. 23-2840
OLEO — LOÇÃO



E' quase noite quando damos por encerrada a nossa tarefa. Em sentido contrário, os passos do reporter e do fotógrafo, encontram-se com os de centenas e centenas de sentenciados. Eles caminham, em fila indiana, rumo às celas. Os saltos vão batendo, sem ritmo, no piso de azulejos. Braços caídos, ombros ligeiramente arqueados, a olhar em frente, tanto podem ser os presos que vão viver outra noite nas quatro paredes da cela, como exaus-

tos operários cujo corpo reclama uma compensadora noite. Operários todos são. Levam, na alma, um bem-estar. Produziram alguma coisa e reduziram de vinte e quatro horas o tempo que lhes falta para serem livres. Um dia eles deixarão de ter a obrigação de entrar na fila indiana, de obedecer aos toques da sineta, de se recolherem à cela esperando que o guarda passe o ferrêlo na porta. Um dia eles sairão por esta mesma porta larga e pesada que estamos cruzando, e encontrarão à sua frente, não a galeria discretamente iluminada, com as sombras projetando-se na parede, mas a entrada clara e livre, luminosa mesmo à noite e mesmo nas trevas. Porque a luz jorra do interior de cada coração libertado...

E apanhando condução, de volta ao centro da cidade, não sabemos por que, lembramo-nos do final desses filmes americanos, à maneira de Chaplin ou de Lu-

bitsch, com um personagem caminhando, caminhando sempre diante da objetiva e cada vez menor, sempre menor, até se tornar um pequenino ponto no horizonte...

Um ponto que fará confundir cada sentenciado, uma vez livre, com todos os homens livres da terra.



UM BUSTO PERFEITO

Dá elegancia e juventude à mulher...

A plástica perfeita do busto é elegancia e juventude. Seios caídos prejudicam a silhueta feminina.

É facil, porem, reconquistar a perfeição do busto, usando a PASTA RUSSA.

A PASTA RUSSA, isenta de perigo para o organismo, usada diariamente, ativa a circulação do sangue, e age sobre os tecidos atrofiados, dando firmeza aos seios.

Readquirir a juventude do busto, usando PASTA RUSSA, um produto científico de comprovada eficiencia e confiança absoluta.

PASTA RUSSA

Nas boas farm. e perfumarias

Distribuidores:

ARAUJO FREITAS & CIA.

Rua Miguel Couto, 88 - Rio

MESBLA

ARTIGOS PARA PRESENTES

SERVICOS para JANTAR, CHÁ e CAFÉ
PORCELANAS e LOUÇAS INGLEZAS

CRISTAIS
INGLEZES
AMERICANOS
e NACIONAIS



RUA DO PASSEIO, 48/56

COMPRE EM 10 PRESTAÇÕES
COM CARNET CREDI-MESBLA

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE
PELOTAS - RECIFE - BELO HORIZONTE - NITEROI

VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA DETECTIVE?

SOLUÇÃO DO "CASO DO BOOK-MAKER"

O cadeado estava do lado de dentro da porta. Isto prova concludentemente a inocencia de Carmen, pois ela não poderia ter saído do quarto (com o cadeado por dentro) depois que Boyd foi atingido.

Como não havia porta de ligação, ficava provado que Boyd era um suicida e que Mae tentara tolamente envolver Carmen no crime. O ciúme foi o motivo. Quebrado, não podendo fazer face aos credores e conhecendo o castigo que o esperava, Boyd matou-se.

Mantemos A EXCELENTE QUALIDADE de

Johnnie Walker



mas, lamentavelmente, não podemos aumentar a nossa produção. Rogamos, pois, aos nossos Amigos que tomem suas providências, afim de obterem a MAIOR VANTAGEM de cada garrafa.

John Walker & Sons Ltd.,
Scotch Whisky Distillers,
Kilmarnock, Scotland.

Nasceu em 1820 —
mas continua na moda.

O Palhaço o que é?

(Continuação da pag. 30)

Estava combinado que nos revezariamos no espetáculo. Uma noite eu, outra o Brandão. Era tão conhecido que sempre que falavam nele acrescentavam: Brandão o popularissimo. O adjetivo superlativo explica a sua fama.

Brandão não estava passando bem. Há alguns dias estava doente, mas nem por isso deixava em meus braços, aquele que foi um dos meus maiores amigos.

Quando voltei ao palco, fui recebido com risadas. Vinha triste. Muito triste. Pedí silencio e anunciei: — "O espetáculo não pôde continuar. Apagou-se uma 'estrela'. Todos se retiraram. Pobre Brandão! Ele costumava dizer: "Benjamim, você não é apenas um palhaço... é um artista".

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

O Crime dos Herdeiros Cobiçosos

(Continuação da página 35)

para um de meus filhos... Um só...
— Sim, senhor.
— Não lhe interessa isso, não é verdade? E se eu lhe disser que todos três cobiçam a fortuna?
— Meu caro senhor...
— E não quero que saibam, antes... antes... Ah! Se o herdeiro morrer, os dois filhos restantes repartirão a fortuna...

— O herdeiro é um de seus filhos homens?
— Não posso dizer.
— Muito bem. Não foi por curiosidade que perguntei...
— Não direi! Não direi!
— Não precisa exaltar-se. Ninguém vai forçá-lo a isso.

— Isso é que o senhor não sabe. Eles são capazes de tudo. De tudo.
— Ao entrar vi que a casa estava deserta. O senhor vive só?

— Sim. Antes só do que mal acompanhado.

— Muito louvável, não há dúvida. Mas não tem criados? Ninguém que lhe atenda? Quem cuida do senhor?

— Ninguém. Só Murdock...
— Murdock?

— Meu criado. Meu fiel criado. O único fiel...

— E ele onde está? O senhor está doente, precisa de um enfermeiro.

— Não quero! São assassinos que eles mandam para cá. Para me obrigar a morrer mais depressa. Porém eu já morro! Estou velho, cansado. Só... Ver-nos-emos, num mundo melhor, Sr. Otis.

— O seu criado não está?

— Saiu.

— Saí! Deixando o senhor só, num estado desses?

— Foi fazer umas compras.

— Umas compras?

— Sim. Para mim.

— Posso perguntar o que?

— Sim. O meu caixão!

— ...E estas, Sr. Queen, foram as últimas palavras que ouvi dele. Há uma semana. Há quatro dias que Cain morreu. Soube disso por uma telefonada do criado, Murdock. Cain foi enterrado ontem pela manhã.

Ellery Queen ouviu em silêncio a estranha narrativa do advogado. Quando este acabou de contar o que ocorrera, Ellery olhou para Nikki e perguntou:

— Tomou nota?

— Tomei.

— O'timo.

Depois, tornando a voltar-se para o advogado, ele prosseguiu:

— Diga-me, agora, alguma coisa sobre a família de John Cain.

— São três os filhos.

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

— Sei. Que me diz sobre eles?
— Mal.
— Mal?
— Sim.
— Conhece-os?
— Não pessoalmente. De fama, conheço-os muito.
— Quem são eles?
— Um, "Duke", é gangster.
— Deveras!
— Sim.
— E o outro?
— O irmão é chamado "Killer", foi lutador de box. Hoje é capanga do irmão.
— E o terceiro completa o bando.
— Não. Aí o senhor se engana.
— Porque?
— Porque se trata da única pessoa decente da família.
— E qual é a profissão desse cavaleiro?
— Não é homem; é mulher.
— Ah!
— Uma mulher direita. E' dona de um cabaré. Brigou com o pai porque achava que ele não procedia bem. Com os irmãos agiu da mesma forma.
— Mulherzinha danada! Comentou Nikki.

— Não podia fazer de outro modo, retrucou o advogado. Os irmãos e o pai são uns patifes.
— E agora, que o velho morreu, que pretende o senhor fazer?
— Reunir os três irmãos na casa do morto e ler o testamento.
— Muito bem. Mas por que pede a nossa proteção?
— Porque estou certo de que alguma coisa vai acontecer...
— Já convocou os três irmãos?
— Os dois rapazes, sim. A irmã ainda não pode ser encontrada. Espero falar com ela hoje mesmo, assim que sair daqui.
— Muito bem. Deseja que estejamos presentes...
— Sim. Porém preferia que estivessem disfarçados...
— Velie teve uma inspiração:
— Que tal se fôssemos disfarçados como criados?
— O'timo.
— Eu serei um chauffeur.
— Ellery aprovou:
— Arranjaremos com o velho criado Murdock. Ele querará ajudar?
— Sim.
— Está ótimo. O Inspetor...

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Ante a hesitação de Velie, Ellery falou:
— Papai será um jardineiro, eu um mordomo...
— E eu, comecei Nikki...
— Porém Ellery protestou.
— Você não vai.
— Quem foi que disse? Serei a criada de quarto da irmã. Estarei muito bem.
— Olhe que é perigoso.
— Eu já me meti em piores.
— E' verdade. Bem, então está combinado. Vamos preparar os trajes adequados para as profissões escolhidas e falar com Murdock.
— Antes de sair o advogado Otis avisou:
— Ficarei com Murdock e explicarei tudo a ele. Depois procurarei "Sugar" Cain.

(Continua na pag. 45)



Sempre vigilante

PARA PRESERVAR A SAÚDE DOS SEUS

A saúde de seu filho é certamente uma de suas preocupações constantes... Vigiar-lhe os menores gestos e movimentos, V.S. o protege tanto quanto possível...

Essa proteção, entretanto, se limita ao seu campo de visão — e lá fora dele existem outros perigos, como o dos alimentos que se deterioram facilmente... Para auxiliá-lo na defesa de seus entes queridos, ampliando a obra do seu desvelo e do seu carinho, está sempre vigilante o Refrigerador G. E. !

Fruto de cuidadosos estudos e experiências, o Refrigerador G. E. oferece a melhor das garantias na conservação dos alimentos. Atraente no conjunto, perfeito em seus mínimos detalhes, mantém uma temperatura apropriada a cada espécie de alimento, de maneira a conservar fresco e saudável tudo que se lhe confia. Assim, o Refrigerador G. E. zela pela saúde dos seus...



DEDICANDO o máximo de esforço à produção de guerra, a General Electric continua, entretanto, a tudo fazer para dar uma assistência eficiente ao seu Refrigerador G. E.



"O MUNDO DE AMANHÃ" é o novo e movimentado programa apresentado pela General Electric S. A. Ouça-o todas as sextas feiras, às 21 horas, sintonizando a Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

GENERAL ELECTRIC

DE Música

Maria Tudor -- Musica Viva

(Roberto Lyra Filho)

MARIA TUDOR foi o último espetáculo da temporada lírica. Depois de algumas récitas nas quais observamos um louvável esforço no sentido de tornar homogêneo o espe-



JULITA FONSECA

táculo, com uma verdadeira e elogiável afinação de conjunto, que as tornou muito agradáveis, tivemos uma série de interpretações isoladas. Porém as récitas tornaram-se cada vez mais pobres, denunciando preparação apressada. E chegamos, finalmente, à última da temporada, ouvida em um teatro quasi vazio.

O principal defeito de interpretação foi a falta de ensaios, que dessem ao espetáculo uma certa segurança que pudesse suprir muitas deficiências. Isso não tivemos. Nem, tão pouco, uma interpretação que compensasse o tempo perdido.

Vimos como Heloisa de Albuquerque, desprezando dons reais, usou de sua voz com pouca arte, e desincumbiu-se da parte cênica com visível esforço. Heloisa, a meu ver, carece da orientação e da experiência de um mestre que lhe aponte a maneira mais eficiente de utilizar os recursos que, inegavelmente, possui. Dona de uma voz extensa e volumosa, ela canta despreocupada-

mente, soltando a voz ao "Deus dará", o que não raro traz prejuízos graves. Ora tudo isso poderia ser evitado e é realmente uma pena que essa cantora, que é elemento valioso, não dispense à sua voz os cuidados que ela merece.

Creio, mesmo, que uma das características dos cantores que tomaram parte na Maria Tudor foi a falta de escola, ou a má escola, o que vem a dar no mesmo. Assim, Assis Pacheco, dono de uma voz agradável, também demonstrou ter uma emissão deficiente, o que não lhe permite explorar com proveito os recursos de que poderia lançar mão, e dá ao seu desempenho uma irregularidade facilmente corrigida com um pouco de estudo.

Junta Fonseca também não esteve vontade no papel que lhe foi confiado. Mal se ouvia a sua voz exceto nos agudos, quasi sempre ásperos.

Americo Basso demonstrou acutadas qualidades, se bem que ainda não tenha atingido a perfeição. Foi, entretanto, um dos elementos mais eficientes entre os que se incumbiram dos principais papéis de Maria Tudor. Talvez fosse possível fazer alguns reparos, ainda quanto à emissão. Em todo



AMERICO BASSO

caso, a sua voz redonda e aveludada, que já é digna de admiração, bem aproveitada poderá conquistar-lhe um posto de destaque entre os cantores líricos brasileiros.

Silvio Vieira — por solidariedade de classe, talvez padeceu do mesmo defeito. Cênicamente, porém, foi o ator correto que todos conhecem.

Figuraram ainda no espetáculo, em papéis de menor importância, Bruno Magnavita e Gretel Bruno.

A orquestra, dirigida pelo maestro Torre, sem maior relevo.

Mesmo assim, um tanto ou quanto hesitantes, prefiro os espetáculos somente de artistas brasileiros e que contribuam para incentivar a arte lírica entre nós, que suportamos, todos os anos, com a mesma paciência, medalhões estrangeiros, famosos, gritadores ou afônicos, em geral de segunda categoria



MELOISA DE ADUQUERQUE

cantando as mesmas óperas, que enquanto esperam uma aposentadoria, violenta e compulsória, ainda nos aborrecem.

Encerrou-se a temporada lírica. Os últimos cantores estrangeiros partiram. A última récita de assinatura já foi cantada. E' chegado, pois, o momento de fazer um pequeno comentário geral sobre as récitas que o Sr. Piergilli nos ofereceu.

Diga-se, em primeiro lugar, que a temporada foi fraca. Fraca, não só por causa dos naturais obstáculos que a guerra opôs, porém deficiente, mesmo, nas pequenas coisas demonstrando uma negligência lamentável. Assim, se certas récitas não tiveram sucesso não foi tão somente por culpa dos cantores, mas por falta de organização, falta de ensaios. A Bohemia confirma o que afirmo, estabelecendo a exceção. Com um conjunto bem ensaiado, esforçando-se em dar vivacidade e leveza à interpretação da tragi-comédia de Murger, a ópera obteve um sucesso estrondoso, ao passo que a Manon, espetáculo dado de presente ao público, apesar da interpretação magnífica de Charles Kullman, fracassou.

Nem mesmo Leonard Warren, por exemplo, conseguiu dar vida áqueles Pagliacci, onde até o burrico que aparece em cena contribui para o equilíbrio do espetáculo, com um jogo de cena desastroso, que Leoncavallo, que fizera o libreto e a partitura, absolutamente não previra...

A temporada foi, portanto, fraca. Teve seus pontos altos não há dúvida. Entre eles quero destacar a atuação irrepreensível do heroico barítono Warren, que cantou Pagliacci com a perna quebrada, sem que isso prejudicasse a beleza de sua voz. Merecem também especial menção, além de Kullman, Violeta Coelho Netto, na Butterfly, Alice Ribeiro, na Carmen, Maria Augusta Costa, no Rigoletto, e Maria Helena Martins, na Odaléa.

Dentre os espetáculos, considerados como conjunto, citaremos Falstaff, Rigoletto, Bohème e Madame Butterfly.

Regeu, quasi sempre, o maestro Guarnieri, que durante quasi toda a temporada abafou, impiedosamente, a voz dos cantores, com uma regência demasiadamente... vigorosa.

A orquestra, quero insistir, não tem culpa. E explico porque. Quando Kleiber este ve aqui, deu-nos, com os mesmos músicos e os mesmos instrumentos, concertos admiráveis. Por que, então, culpar a orquestra, se, sob uma outra batuta, não repetiu a façanha. E' lógico atribuir-lhe a responsabilidade? A experiência prova que não.

Antes de encerrar quero ainda falar sobre uma cantora que deixei para o



ASSIS PACHECO

fim justamente porque a meu ver foi a maior que aqui tivemos este ano: Jennie Tourel. Essa cantora canadense, que, creio, voltará ao Rio no ano próximo, deu à plateia uma compensação com alguns concertos que arrebataram. O entusiasmo era justificado. Jennie é uma das grandes cantoras da atualidade.

QUATRO PALAVRINHAS

(Continuação da página 15)

acham que o marido não deve fumar em casa, não deve andar com roupas velhas! Eu não sei de coisa que agrade mais a um homem. Andar de roupas velhas. O George diz que é por conforto. Eu não sei. Parece que se habitua às roupas e cria-lhe afeição. Interessante, não é? Pois é, eu acho que a mulher deve ser tolerante...

— E o marido também...
— E' lógico. Mas em geral, os bem casados não precisam de fazer disso linha de conduta, porque vem naturalmente...

— E' verdade.
— Pois é...
Mais uma pausa embaraçadora. George resolveu intervir.
— Você gosta de pescar?
John replicou, com entusiasmo:
— Muito.

Mira não perdeu a oportunidade:
— Ele todos os domingos vai pescar. Não perde nem um feriado. Gosta da pesca! Há certas esposas que não deixam os maridos pescarem. Eu acho idiota. Se ele gosta, por que impedi-lo? Os passeios podem ficar para outra ocasião, o senhor não acha?

John quase disse: Vão-lhe muito bem esses sentimentos, porém conteve-se a

tempo, compreendendo que a ironia seria muito evidente.

A' meia noite retirou-se. Ia, primeiramente, levar Mariana em casa.

— Você gostou de Mira?

John sorriu:

— Ela é amável, mas fala demais, você não acha?

— Oh, John!

— Eu não disse por mal. Gostei até muito dela. Mas ela tem a mania de dizer que é muito boa para o marido... O George queria conversar sobre pesca mas ela não o deixou falar...

— Você está sendo muito severo. Ela é uma ótima esposa.

— Acredito. Mas não deixa de ter isso...

Novo estrondoso fracasso!

— Não me diga! E eu que fiz tudo para parecer o protótipo da felicidade conjugal.

— Pois sabe o que ele disse de você?

— Que foi?

— Que você era boazinha mas muito faladeira.

— Ah, semvergonha! Quando ele for meu cunhado vai pagar por isso!

— Você já está contando com a coisa! Pois eu perdi as esperanças.

— Pois minha querida eu vou ensinar o golpe que não falha. Foi assim que eu conquistei o George!

— Vejamos...
Olhe...

Era decididamente, a última tentativa.

— Sabe, John, eu vi um lindo apartamento, hoje. Imagine só! Coisa rara! Bom, barato, e desalugado.

— Deve ter algum inconveniente...

— Não tem, não... E' uma maravilha. Se eu fosse casada comprava-o, logo, logo. Mas para mim sozinha com mamãe é muita coisa. Muito grande.

— Você tenciona morar com sua mãe, quando casar?

O coração de Mariana bateu mais depressa.

— Mamãe disse que acha que quem casa quer casa. Você não acha que ela tem razão? E' melhor vivermos felizes mas separados do que juntos mas desunidos.

— Sua mãe tem razão.

— Pois é...

Para John estava concluído o assunto. Para falar a verdade, ele gostava muito de Mariana mas nunca pensara em casar com ela. Saíam juntos muito frequentemente, passeavam, ele gostava da conversa dela, agradável e inteligente, mas... Para que casar? Abandonar todos os seus hábitos de solteiro? Deixar a sua preciosa liberdade? Não, melhor era esperar. No dia em que se resolvesse a casar, então pensaria em Mariana, boa moça, distinta...

Mariana refletia. Errei novamente. Esse homem não entende nada. Mas é um amor! Quando ele fica zangado faz uma ruga entre as sobrancelhas que me dá uma vontade louca de beijá-lo. Fica tão bonitinho, de cara feia. Que acharia ele se eu lhe propusesse casamento. Imagine só: eu dizer... Que bola! Por que não? Ora, tolice! Até parece que estou louca! Entretanto... Não! Todavia... Nunca! Contudo...

— John, você gosta de mim?

Ele olhou-a surpreso.

— Gosto.

— John, você me ama?

— Ué!

— Responda!

— Bem... Acho que sim...

— John, você quer casar comigo?

Ele ficou surpreso. Mas não chocado. Admirou-lhe a coragem e ficou enbaixado.

— Mariana!

— Quer?

— Quero.

— Então estamos noivos, não é?

Ele riu.

— Ainda não.

— Como?!

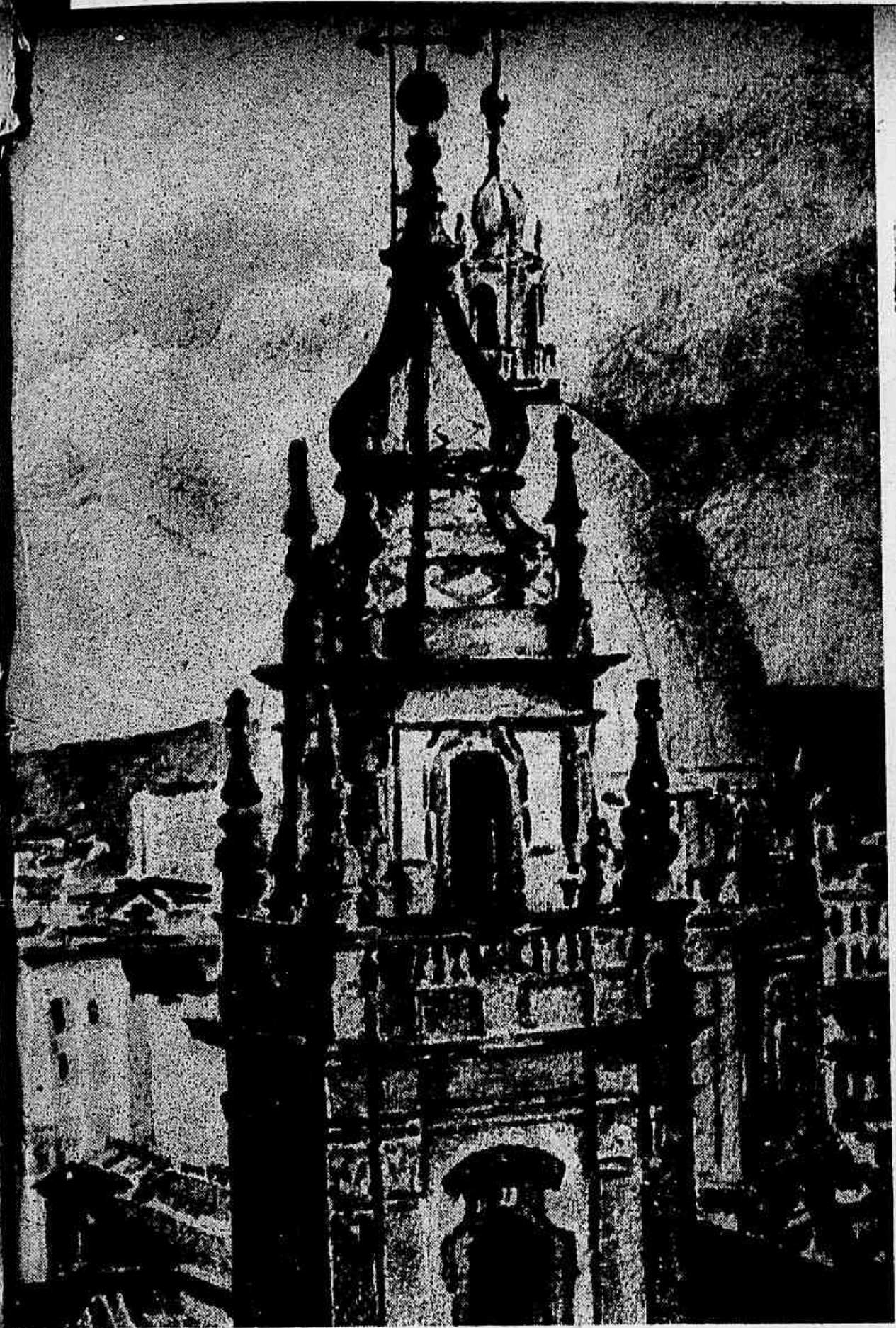
— Só depois do beijo...

— John! Onde está sua timidez?

— Foi você quem começou!

Desde esse dia, quem pedir algum conselho a esse respeito a Mariana receberá essa resposta:

— Use o método direto. E' simples, econômico e eficiente!



TORRE DA CANDELÁRIA (Rio)

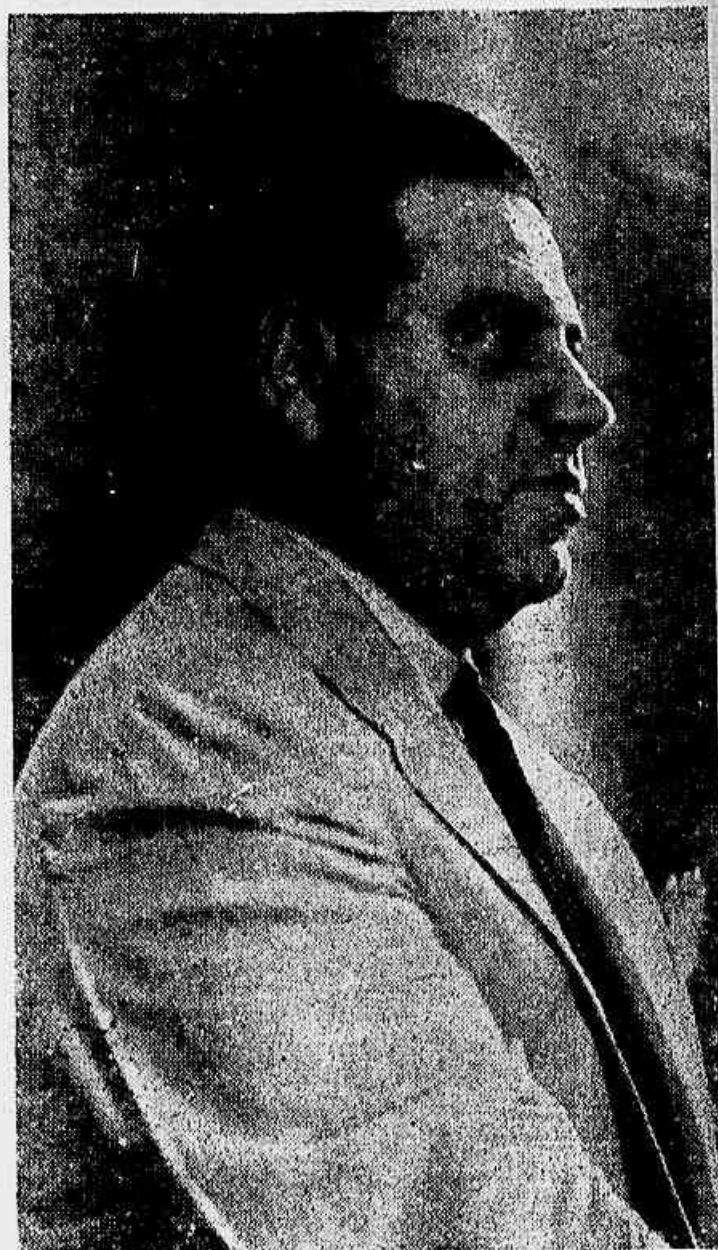
PORTAL DA IGREJA DA LAPA (Campos -- E. do Rio)



PRAIA DOS CAVALEIROS (Macaé -- E. do Rio)

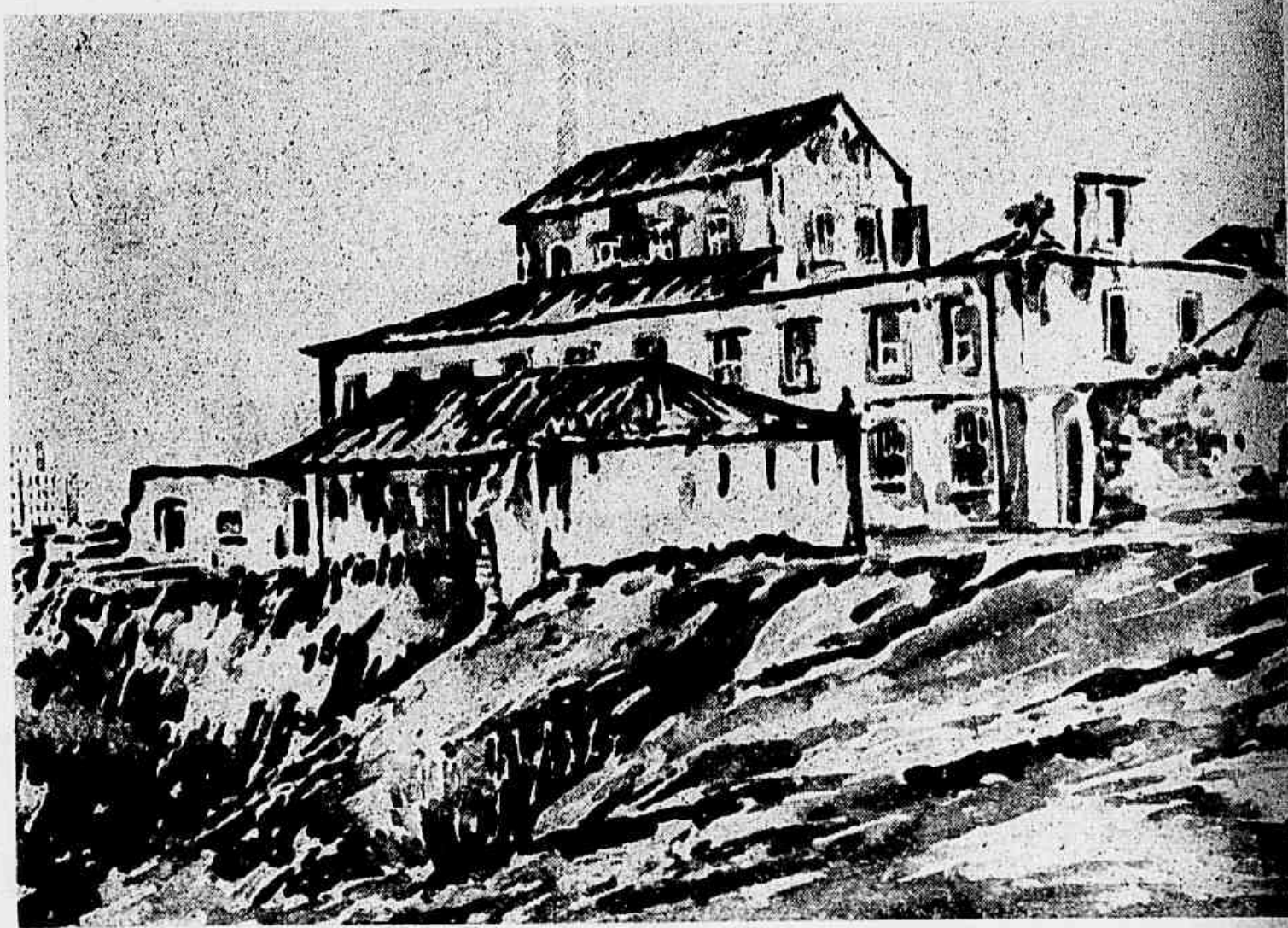
A EXPOSIÇÃO DE ALBERTO LIMA

Sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Artes, vai inaugurar-se depois de amanhã, no Salão Nobre do Palace Hotel, a primeira exposição de aquarelas de Alberto Lima, que se estenderá até o dia 31 do corrente. Trata-se de um conjunto de cem interessantes trabalhos, subordinados aos títulos: *Relíquias do Passado, O Rio Pitoresco, O Rio que desaparece, Igrejas, Nossa Terra e Nossa Gente*. Flagrantes de Ouro Preto, de São Lourenço, de Mangaratiba, apreciáveis aspectos de Campos, Patí do Alferes, e outros detalhes tipicamente brasileiros, que vão despertar a curiosidade do público. Nesta páginas, oferecemos ao leitor a reprodução de quatro dos trabalhos de Alberto Lima, que é também nosso antigo companheiro de redação.



ALBERTO LIMA

RUINAS DO PALACIO DA CONCEIÇÃO (Rio)



No SOL
ou FRIO

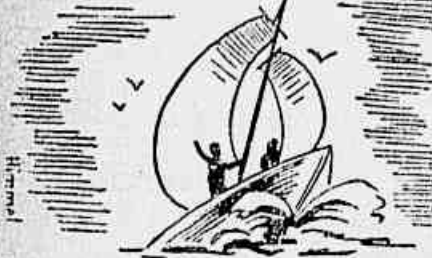


NÃO são poucas as ocasiões em que a ação do vento ou da temperatura pôde afetar os lábios fazendo-os ressecar e até rachar.

Lábios gretados e dolorosos são incômodos e desagradáveis, tanto para o belo sexo como para os homens que trabalham expostos às intempéries.

LIP-POMADE é uma criação especial para evitar esse desagradável acidente. Homens e mulheres têm, nesse moderno defensor, a solução desejada graças à qual podem arrostar os ventos, as alturas, as praias, sem qualquer contratempo.

No AR
ou MAR



LIP-POMADE

Para os seus lábios

E UM PRODUTO

ROGER & GALLET

PARIS — NOVA YORK — RIO



CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante



4 vestidos de passeio em duas e três cores

- 1 — TRES TONS DE ROXO, BEM ESCURO, ROXO-NEGRO, MESMO TIPO DE TOM CLARO E AINDA MUITO CLARO. A CASQUETE ESCURO TEM UM "CHOU" DE PENAS DOS DOIS TONS CLAROS.
- 2 — DOIS TONS DE VERDE CLARO E ESCURO MÃS DO MESMO GRUPO; O CHAPÉU É DO TOM MAIS ESCURO. AS LUVAS E O SAPATO TAMBEM.
- 3 — EM TOM "BOIS-DE-ROSE ESCURO" E HAVANA, O CHAPÉU, É DO HAVANA COM VÉU ENGOMADO.
- 4 — AZUL ULTRAMAR ESCURO E AZUL DO MESMO TIPO CLARO, O CHAPÉU EM ESTILO TURBANTE TEM A PARTE DO CENTRO EM LISTAS DOS DOIS TONS.

ALGUNS MODELOS

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

**CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

O crime dos herdeiros cobiçosos

(Continuação da pag. 41)

— "Sugar" Cain?
Dois homens mal encarados avançaram e um deles fez a pergunta. Ela não teve medo.
— Se são capangas do meu irmão estão perdendo o seu tempo. Eu não tenho medo deles.
— Venha conosco.
— E se eu me recusar?
— Sofrerá as consequências... disse o outro mostrando um revólver. Ela finalmente resolveu acompanhá-los.
— Que querem de mim? perguntou.
— Nada. Temos ordem de levá-la à presença do chefe.
— Pois bem. Levem-me.

"Killer" disse aos dois homens:
— Está bem. Podem deixá-la aqui.
"Sugar" olhou em torno e disse:
— É isto que você considera uma gentil visita fraterna?
Ele riu.
— "Sugar", eu gosto de você porque você tem uma habilidade extraordinária para ver o lado cômico das coisas!
— E eu tenho uma antipatia por vocês dois, porque não vejo nada que se aproveite nessas carcaças.
"Duke" que se mantivera em silêncio

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Foco especial na prospecção:
BORRILHA
ENDURECIMENTO

disse finalmente:
— Chega de brincadeiras. Você sabe para quem o velho deixou os cobres?
— Como haveria de saber?
— Ele pode ter lhe dito.
— Você sabe muito bem que ele brigou comigo antes de morrer.
— Mas a verdade é que ele respeitava você mais do que os outros...
— Se "os outros" a que você se refere

Vida de perigos a vida da Mulher

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado, então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

são vocês dois, não era muito fácil parecer honesta, em comparação...
"Killer" novamente riu.
— Mana, você tem uma opinião muito pouco lisongeira dos seus irmãos.
— E espero que seja retribuída a gentileza.
— Completamente.
— Muito bem. Agora que já me importunaram bastante, posso ir?
— Não.
— Não. Você vai conosco para a casa do velho ouvir a leitura do testamento.
— Muito bem. Mas antes disso tenho que falar com o advogado que anda me procurando, para dizer-lhe que já estou ciente de tudo...
— Não é preciso falar com ele. Hoje à noite ele irá ler o testamento no palacete do velho.
— Nesse caso...
— Vamos.
O gesto do irmão mostrara que aquele "vamos" era uma ordem e não um convite.

— Três criados novos?
— Quatro. Quatro.
— Pra que?
Murdoch curvou-se.

— O advogado mandou tomá-los. Tendo três pessoas eles serão necessários.
— Pois bem. Mande-os para um quarto dos fundos.
— Sim, senhor.
"Duke" e "Killer" resolveram perguntar depois ao advogado a significação daquilo. "Sugar", porém, deixou-se ficar para trás e interpelou, logo, o grupo:
— Você aí! disse para Nikki.
— Chamo-me Nikki, Madame.
— Presumo que é minha criada de quarto.
— Sim.
— Venha comigo.
— Sim, senhora.
Despedindo os outros "Sugar" dirigiu-se para seu quarto acompanhada de Nikki. Assim que a porta se fechou "Sugar" virou-se para Nikki e disse:
— Graças a Deus vieram!
— Não compreendo Madame.
— Digo: Graças a Deus Ellery Queen está aqui.
— Ellery Queen?
— Não finja que não o conhece porque eu sei bem que, na verdade, é sua secretária.
— Mas, como...?
— Conheço-o bem, de vista. Dou

PRISÃO DO VENTRE?
PILULAS
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS!

graças a Deus que tenham vindo. E queria pedir-lhe uma coisa.
— Pois não.
— Querida que ficasse comigo no meu quarto, que dormisse comigo esta noite. Tenho medo. São meus irmãos os dois, porém tenho certeza de que não hesitariam em matar-me para obter a fortuna que meu pai deixou se estivessem certos de que eu era a herdeira.
— E a senhora sabe?...
— Não. Por isso tenho medo. Não tenho certeza de nada.
— Não se aflija. Ficarei com a senhora.
— Muito obrigada.
— Ora, madame... de nada.
— E agora conte-me tudo. Como vieram parar aqui?

Continúa na pag. 49



Novo e Moderno Leite de Beleza LaLaque

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALIQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALIQUE



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana



A VENDA EM TODO O BRASIL



HOE CINEMA

HOLLYWOOD, OUTUBRO (*Via aérea*) — Nem a guerra consegue partir a tradição dos pares românticos, na tela. "Ele e ela" continuarão sendo ainda por muito tempo o "motivo" obrigatório de quase todas as histórias filmadas, mesmo quando vier a tratar-se de um episódio anti-nazista, desses que tanto se aproveitam em nossos dias. E quem duvidar dessa afirmativa que observe esta meia dúzia de "love-teams" anunciados pela Paramount para suas próximas realizações:

Na página esquerda, ao alto, Sonny Tufts e Marjorie Reynolds, e na da direita





também ao alto, Verónica Lake e Eddie Bracken. Esses dois casais de amorosos, eles ambos marujos, constituem o conjunto ideal para uma série de filmes musicais divertidos, ora em preparo. No centro das páginas, em cima, Claudette Colbert e Fred Mc. Murray, que vão matar saudades de "Ela e o secretário", lembram-se? E logo após Barbara Stanwyck e Edward G. Robinson, "interpretes do mais horripilante filme do ano", cujo título a fábrica ainda não informa. Em baixo, á esquerda, Alan Ladd e Loretta Young, a mesma "dupla" de "Irmãos em Armas", cujo idílio será reenactado em "And now tomorrow". E finalmente, á direita, Joan Fontaine e Arturo de Cordova, ele bastante famoso depois do "Por quem os sinos dobram" e ambos em "Gaivota Negra". Como se conclue destes flagrantes, não acabaram os pares românticos no cinema americano. E enquanto o amor tiver tão poderosa influencia, mesmo na ficção cinematográfica, é porque nem tudo se perdeu neste mundo. Pelo contrário. Muitas coisas podem ainda salvar-se...





MALTOGENO
"Granado"



T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

ATAQUES EPILEPTICOS OU NERVOSOS NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os ataques nervosos ou epilepticos é o que se faz com MARAVAL—solução. Este poderoso medicamento, graças à feliz combinação de elementos opoterapicos e vegetais de sua fórmula, restitui em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossego aos doentes. MARAVAL—solução—é verdadeiramente o tratamento racional e científico dos ataques nervosos e epilepticos.

Não encontrando MARAVAL—solução—nas Farmácias e Drogarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

MARAVAL

Contrastes



Metade cara...

Cara metade...



Um noivo racionado



Tal pae, tal filho?



Sexo forte...



-Granfino, você? Ou gran-grosso?

O CRIME DOS HERDEIROS COBIÇOSOS

(Continuação da pag. 45)

Era meia noite e muito já durava a vigília. Nikki fora dormir no quarto de "Sugar". Velie, o Inspetor e Ellery tinham descoberto um posto estratégico para observar os três quartos dos irmãos.

Havia já muito tempo esperavam. E nada acontecera ainda. Eis senão quando um ligeiro ruído, um estalido seco de madeira desperta-lhes a atenção. Um vulto negro, embrulhado em um robe de chambre, caminhava, cautelosamente, pelo corredor. Tinha na mão um pedaço de papel, e no ombro um machado. Um enorme machado que projetava na parede branca uma sombra terrível, apesar da luz iluminar bastante o corredor. Velie não perdeu tempo.

— Eis o nosso homem!

Com um salto agil desarmou o vulto, agarrou o papel que este tinha na mão e, algemando-o, carregou-o para onde estavam Ellery e o Inspetor. Ellery acendeu sua lampada:

— Murdock!

Era o mordomo. Um riso estúpido, de louco, dava a sua fisionomia um aspecto terrível.

— Esperem, disse Ellery. Já descobri. Esse homem não é Murdock. É John Cain.

— Tem certeza?

— Não é um simples palpite...

— Mas baseado em que?

— Baseado no fato de querer este homem matar os três herdeiros e nesse papel... Vejam: Morrerá esta noite. John Cain matou Murdock, mandou reunir a família que depois de vinte anos não o reconheceria, e resolveu vingar-se dos filhos. Por que Murdock queria matar os herdeiros? O pai, sim, poderia ter suas razões.

— Que história tétrica!

— Porém muito menos improvável do que a que Murdock forneceria.

— Este homem está louco!

— Isso é evidente. Não vê as feições dele? Esse ar desvairado?

— Esperem!

Fora o Inspetor que falara.

— Que há papai? perguntou Ellery.

— Nesse caso, o advogado poderá identificar esse homem porque com toda certeza foi o próprio John Cain que falou com ele. Poderia dizer se o homem que assinou o testamento e o entregou foi ou não este que aqui está.

— Esperemos Otis para resolver o caso.

Quando as primeiras luzes da aurora começaram a tingir o céu, ouviram no pátio o ruído de um carro.



Beleza Irresistível!

★ Realmente, um sorriso radiante conquista os corações e um encanto sedutor torna-se irresistível! Experimente Kolynos se quiser ter uma dentadura bonita. A espuma penetrante de Kolynos limpa bem os dentes, refrescando e embelezando a boca. Adquirir um sorriso gracioso e provocante... usando Kolynos.

Use-o com Confiança



Imediatamente correram para a janela. Um vulto que mal distinguiram atravessou correndo para dentro do edifício. Logo atrás vinha um carro. Era o advogado. Otis, porém, parecia não dominar o carro, perdera a direção. O automóvel veio em linha reta de encontro a parede do palacete e pegou fogo com o choque.

Ellery desceu correndo, acompanhado pelo Inspetor e pelo Sargento. Descobriram o corpo de Otis, com uma bala no coração. Fora assassinado, de longe, quando guiava o carro. No seu bolso, estava o testamento, num envelope e que fora perfurado pela bala, porém era evidente que alguém lera o testamento, pois o orifício da bala no envelope não correspondia ao orifício no papel. Alguém retirara o testamento, lera-o e colocara-o novamente no lugar.

Ellery abriu o testamento:

— Era de esperar. Sugar Cain a herdeira. Falar nisso onde está ela?

— Não terá ouvido o barulho?
— De repente. Velie exclamou:
— Esperem. O assassino viu o testamento. Deve ter ido tentar matar Sugar. Ele está solto por aí. Meu Deus!

Correram ao quarto de Sugar porém não houve resposta às suas batidas. Finalmente arromberam a porta e encontraram Nikki e Sugar sobre a influência de um narcótico. Ao acordarem elas disseram:

— O velho Murdock trouxe-nos água. Nós bebemos e dormimos.

Ellery exclamou: O velho tencionava fazer com que os filhos dormissem para poder matá-los... Deu narcótico a todos. A nós inclusive para não ouvirmos nem vermos nada. Porém nós não bebemos a água que ele trouxe. Vocês duas beberam...

Nesse ponto Velie protestou:

— E o assassino de Otis?

Ellery fez uma pausa e disse:

— Quem matou Otis...

Poderá o leitor dar a solução correta antes de ver a explicação de Ellery? Prevenimos de que um simples palpite não chega; é preciso dizer quem matou, como e porque, e provar a afirmação com os elementos expostos na história.

SOLUÇÃO

O velho não poderia ter matado Otis, pois estava preso, conosco. Eliminado o velho, restam os três filhos dele. Qual deles? Evidentemente um que se apercebera do estratagemma de narcotizar a água e contara com os efeitos deste sobre todos os outros para poder socedamente matar o advogado e apoderar-se do testamento. Foi, entretanto, um crime, inútil porque o assassino viu logo que não seria preciso matar o advogado; nem fazer desaparecer o testamento. Quando verificou isso, tornou a colocar o testamento onde estava e fugiu. Quem teria vantagem em deixar o testamento para que qualquer um lesse? Um dos irmãos não beneficiados? Lógico que não. A única beneficiária, a herdeira universal: Sugar Cain. Somente ela faria isso. E, depois, veio para o quarto, e fingiu dormir, sob o efeito do narcótico...



BELZEMA

para Eczematide Infantil

o Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

Use o Sabonete de *Gene Tierney!*

Você verá como é deliciosa
sua espuma! Sentirá como seu
perfume é fragrante e delicado! En-
tão compreenderá porque Lever é

o sabonete
preferido por
9 entre 10
estrélas do
cinema!

**VEJA COMO
LEVER É
ECONÔMICO!**
LEVER É FEITO
ESPECIALMENTE
PARA PRODUZIR
ESPUMA COM
RAPIDEZ - PORISSO
GASTA MENOS.

★ LEVER
- o sabonete das estrelas!

LINTAS LTS 74-0373 B

- 1 — Um pequeno drapeado na saia e
flores recortadas da mesma fazenda e
aplicadas. Seda grossa cor terracota.
2 — Vestido de rayon violeta com
aplicações de cordonnet. 3 — Vestido
em crepe de seda roxo com enfeite de
taxas e flôr aplicada com bordado.
4 — Modelo ultimo estilo, com o
drapeado atrás.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

MODAS

inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



Modelo de "Entrance Hall"

Outro modelo de hall de entrada damos hoje aos nossos leitores, com a reprodução do clichê acima, que nos mostra um precioso detalhe de uma residência aristocrática da Califórnia.

Como único mobiliário, conta esta magnífica peça com o sofá oriental forrado de setim rubro, colocado entre duas mesas de cristal guarnecidas com pés de marfim esculpidos em artísticos arabescos.

O movel central está posto diante de um grande *panneau* estampado com desenhos de orquídeas.

Os raros moveis foram dispostos de maneira a não prejudicar a passagem que dá acesso à escada de mármore.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNIES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ